



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



RICHARDY LEAL OLIVEIRA

CANGAÇO, SABERES EXPERIENCIAIS E ENSINO DE HISTÓRIA:
uma cultura histórica e suas ressignificações no espaço escolar.

ANANINDEUA-PA
2023

RICHARDY LEAL OLIVEIRA

CANGAÇO, SABERES EXPERIENCIAIS E ENSINO DE HISTÓRIA:
uma cultura histórica e suas ressignificações no espaço escolar.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva.

ANANINDEUA
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

O48c Oliveira, Richardy Leal.
Cangaço, saberes experienciais e ensino de História : uma cultura histórica e suas ressignificações no espaço escolar / Richardy Leal Oliveira. — 2023.
169 f. : il. color.


Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2023.

1. Cangaço. 2. Saberes Experienciais. 3. Ensino de História. 4. Softmaps. I. Título.


CDD 907.2

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE RICHARDY LEAL OLIVEIRA


A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos e Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle, reuniu-se no dia 15 de dezembro de 2023, às 14:00 horas, de forma híbrida, através de videoconferência na Plataforma Google Meet e nas dependências do Campus Universitário de Ananindeua, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando RICHARDY LEAL OLIVEIRA intitulada: “CANGAÇO, SABERES EXPERIENCIAIS E ENSINO DE HISTÓRIA: uma cultura histórica e suas ressignificações no espaço escolar.” Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o trabalho enfrenta o objeto de estudo de forma original e pertinente a uma dissertação de mestrado; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza adequada, sendo porém necessário revisitar o texto a partir de uma revisão das normas da Língua Portuguesa e da apresentação de trabalhos científicos; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi aprovada, com conceito excelente, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

Documento assinado digitalmente
 **WESLEY GARCIA RIBEIRO SILVA**
Data: 21/12/2023 02:28:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **MAGNO FRANCISCO DE JESUS SANTOS**
Data: 21/12/2023 10:21:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos
Membro Externo da Banca / PPGH / UFRN

Documento assinado digitalmente
 **WESLEY OLIVEIRA KETTLE**
Data: 28/12/2023 08:43:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Membro da Banca / PPGEH/UFPA

Dedico este esforço e trabalho a toda a minha família e amigos, em especial Christiane e minhas duas pequenas Esther e Helena, que sempre acreditaram em mim e nesse grande desafio.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pelo financiamento que tanto me ajudou no desenvolvimento de minha pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História e todo o corpo docente pelas valorosas contribuições no amadurecimento de minha problemática e pesquisa.

Agradeço à minha esposa Christiane e minhas duas pequenas Esther e Helena. Aguentaram firmemente minha ausência e distância ao longo desses dois anos.

Minha família, pais, avó e tias que também sempre me apoiaram nessa jornada.

Ao meu professor orientador Wesley Garcia a quem devoto grande respeito e admiração por seu brilhantismo e companheirismo na condução desta pesquisa.

Ao professor Adilson Brito, que num dos momentos mais difíceis ao longo do curso, estendeu a mão para ajudar, sem falar no direcionamento do tema a quem foi um grande incentivador.

Ao meu amigo e compadre de longa data, incentivador árduo quando ainda muito inseguro se iria ou não realizar o curso, David Queiroz.

Aos meus amigos “Alfinete” e “Dragãozinho”, aqueles que resolveram alguns “B.O.s” quando de minha distância.

Ao casal de amigos a quem considero meus pais no Pará Antônio Seabra e Amira Seabra, pessoas maravilhosas e incansáveis em me ajudar quando de minha estadia de um ano no Pará, muito obrigado por tudo!

Ao meu “vizinho” de apartamento Adriano Leão que me apresentou sua família e me acolheu tão bem.

Aos amigos e colegas de turma Erick Jean e Romyel Cecim que se fizeram mais que presentes em vários momentos também quando de minha estadia no Pará.

Às amigas e também colegas de turma Elizabeth Braga e Bárbara Pantoja que foram companheiras em horas difíceis ao longo dessa jornada.

Ao professor Samairkon Alves a quem gentilmente cedeu sua sala de aula para empreitada de execução de projeto que permeou o capítulo dois desta pesquisa.

Ao grande pesquisador Robério Santos com suas valorosas indicações de leituras e direcionamentos de pesquisa.

À turma, literalmente a melhor que estudei até aqui, por tudo que passamos juntos. Amigos que levo para sempre!

Resumo

Esta pesquisa sob uma metodologia quanto-qualitativa analisará o conteúdo do cangaço desde seus aspectos nos documentos normativa, passando pelos diversos saberes experienciais de docentes e discentes nas dimensões macro e micro do ensino de História utilizando-se da sala de aula como principal campo e instrumental de pesquisa; bem como analisará objetos culturais construídos por esse corpo em movimento de um conjunto de memórias coletivas em torno do tema e conteúdo do cangaço. O professor enquanto agente do processo de ensino e aprendizagem se apresenta também como parte integrante de um contexto social com vias de mão dupla, conduzindo e abrindo caminhos para que o aluno(a) construa reflexões e bases para um desenvolvimento cognitivo, crítico e social. Para tanto, ser professor(a) também é estar em condições de um constante aprendizado e amadurecimento, os saberes experienciais são parte importante desse contexto de aperfeiçoamento profissional e pessoal, são diversas tomadas de decisões, sejam elas macro ou micro, ao longo do cotidiano moldando com o tempo a lógica empreendida por este dentro de sala de aula e na condução do aluno(a) em suas respectivas empreitadas dentro de seu processo de aprendizagem. Todo esse contexto irá incidir diretamente nas escolhas e/ou mobilizações de conteúdos em sala de aula. O conteúdo do cangaço é um daqueles, dentre tantos outros, que altera sensivelmente a dinâmica de mobilização por parte de professores(as) e alunos(as) e, portanto, do contexto reflexivo de ensino e aprendizagem. São dinâmicas para além do evento em si ainda nos idos da primeira metade do século XX, hoje constituído num processo de ressignificação mnemônica construída sob diversos contextos, sedimentando-se através de vários elementos e espaços. Um movimento social transmutado em memória e utilizado pelo ensino de História como saber escolar capaz de instrumentalizar oportunidades para que alunos e alunas reflitam profundamente sobre diversos temas tangenciais. Esta pesquisa ainda cumpre sua função no âmbito de um programa de mestrado profissional, propondo um artefato didático pedagógico que assimila o conteúdo do cangaço em diferentes pontos monumentais fomentados por aprofundamentos e indicações de mobilização do mesmo, compartimentados em seis categorias.

Palavras-chaves: Ensino de História; Memória Coletiva; Cangaço; Saberes Experienciais. Softmaps.

Abstract

The teacher as an agent of the teaching and learning process also presents himself as an integral part of a social context with two-way streets, leading and opening paths for the student to build reflections and bases for cognitive, critical and social development. Therefore, being a teacher is also in conditions of constant learning and maturation, experiential knowledge is an important part of this context of professional and personal improvement, there are various decision-making processes, whether macro or micro, throughout everyday life. shaping over time the logic undertaken by the latter within the classroom and in guiding the student in their respective endeavors within education. This entire context will directly affect the choices and/or mobilization of content in the classroom. The content of the cangaço is one of those, among many others, that significantly changes the dynamics of mobilization on the part of teachers and students and therefore the reflective context of teaching and learning, are dynamics beyond the event itself in the gone from the first half of the 20th century, but today a process of mnemonic resignification built in different contexts, settling through various elements and spaces. A social movement transmuted into memory and used by the teaching of History as school knowledge capable of providing opportunities for male and female students to reflect deeply on various tangential topics. This research using a qualitative methodology will analyze the content of the cangaço from its aspects in the normative documents, through the different experiential knowledge of teachers and students in the macro and micro dimensions of history teaching, using the classroom as the main field of research. , as well as analyzing cultural objects constructed by this body in movement from a set of collective memories. Furthermore, fulfilling its role as research within the scope of a professional master's program, it proposes a didactic pedagogical artifact that assimilates the content of cangaço in different monumental points encouraged by deepening and indications of mobilization of the same, compartmentalized into six categories.

Keywords: Cangaço. History Teaching; Collective Memory; Experiential Knowledges; Softmaps.

Lista de imagens

Imagem 01.	Localização da Escola Municipal Antônio Marques.....	67
Imagem 02.	Imagem da sala compartilhada da secretaria e direção.....	68
Imagem 03.	Imagem da sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal Antônio Marques na cidade de Picos, estado do Piauí.....	71
Imagem 04.	Imagem do roteiro de estudo de autoria do professor Samairkon Alves apresentado em sala de aula no dia 21 de março de 2023.....	73
Imagem 05.	Professor Samairkon Silva de Oliveira Alves em sala de aula com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental Anos finais da Escola Municipal Antônio Marques.....	74
Imagem 06.	Capa do HQ “O Cabra” escrito por Flávio Luiz e lançado em 2010.....	87
Imagem 07.	Minissérie “O cangaceiro do futuro” dirigido por Halder Gomes e estrelado por Edmilson Filho, lançado no canal de streaming Netflix em dezembro de 2022.....	95
Imagem 08.	Aula oficina que contempla a primeira etapa segundo Romano (2007) que apresenta problematizações e inquietações no projeto pedagógico.....	106
Imagem 09.	Foto dos cartazes produzidos por alunos(as) do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal Antônio Marques em Picos, Piauí.....	108
Imagem 10.	Foto da apresentação de dança da música “A Seca” de Alceu Valença dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal Antônio Marques em Picos, Piauí.....	113
Imagem 11.	Fachada do Museu do Cangaço no município de Serra Talhada (PE).....	126
Imagem 12.	Imagem da placa localizada na frente do Museu do Cangaço em Serra Talhada em Pernambuco que homenageia Lampião, Maria Bonita e Zabelê.....	127
Imagem 13.	Museu Casa de Maria Bonita no Povoado Malhada da Caiçara na zona rural de Paulo Afonso no estado da Bahia.....	129
Imagem 14.	Fotografia original registrada por Pedro Maia de Lampião quando de sua passagem em Juazeiro do Norte(CE) em 1926, vestido com a farda do Batalhão Patriótico após sua condecoração com a patente de capitão. A mesma compõe o acervo fotográfico do Museu da Fotografia do Cariri (CE).....	132

Imagem 15.	Câmera fotográfica de Pedro Maia que registrou a passagem de Lampião pelo Juazeiro do Norte em 1926, que compõe o acervo do Museu da Fotografia do Cariri no Crato (CE).....	134
Imagem 16.	Museus da Resistência em Mossoró (RN). Trabalha o imaginário local de resistência e liberdade ao longo de décadas.....	137
Imagem 17.	Memorial da Grota de Angico em Poço Redondo (SE).....	141
Imagem 18.	Palácio D. Pedro II na cidade de Piranhas (AL). Ao centro a escadaria modificada onde foram expostas as 11 cabeças dos cangaceiros mortos na Grota de Angicos no lado sergipano na divisa.....	142
Imagem 19.	Piso de entrada com escadaria central do Museu da Gente Sergipana Governador Marcelo Déda em Aracaju (SE).....	146

Lista de gráficos

- Gráfico 01. Nuvem de palavras acerca de temas relacionados à violência e mobilizados nas aulas de História, segundo pesquisa realizada através de questionário aplicado entre os dias 04 e 30 de outubro de 2022..... 50
- Gráfico 02. Levantamento de como professores de História têm acesso à conteúdos sobre o cangaço. pesquisa realizada entre os dias 04 e 30 de outubro de 2022..... 54
- Gráfico 03. Nuvem de palavras acerca de temas que se relacionam ao cangaço quando evocados nas aulas de História, conforme pesquisa realizada entre os dias 04 e 30 de outubro de 2022..... 56
- Gráfico 04. Níveis de satisfação das informações do cangaço apresentados nos livros e/ou apostilas didáticas..... 61

Lista de abreviaturas

AL	Alagoas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CE	Ceará
CECH	Competências Específicas da Área de Ciências Humanas
CEEH	Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental
CGBE	Competências Gerais da Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DEM	Democratas
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FMI	Fundo Monetário Internacional
HQ	Histórias em quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MST	Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas

PCN	Parâmetro Curriculares Nacionais
PDS	Partido Democrático Social
PE	Pernambuco
PI	Piauí
PISA	Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes
PL	Partido Liberal
PNE	Plano Nacional da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSDB	Partido da Social-Democracia Brasileira
PT	Partido do Trabalhadores
RN	Rio Grande do Norte
SE	Sergipe
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFPI	Universidade Federal do Piauí

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1. O CANGAÇO NA ESCOLA: CURRÍCULO, SABERES EXPERIENCIAIS E VIVÊNCIAS	20
1.1. AS DIMENSÕES MACRO E MICRO DO CANGAÇO NAS COMPETÊNCIAS DA BNCC: DIÁLOGOS CRÍTICOS PARA UMA RELAÇÃO ADEQUADA.....	23
1.1.1. Competências Gerais da Educação Básica (CGEB).....	26
1.1.2. Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental (CECH).....	31
1.1.3. Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental (CEEH).....	38
1.2. CANGAÇO E SABERES EXPERIENCIAIS: UMA RADIOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL.....	43
1.2.1 O Questionário.....	45
1.2.2. Violência, cangaço e saberes experienciais.....	46
1.2.3. Cartografia do cangaço no ensino de História através dos saberes experienciais de professor no Brasil.....	51
1.3. CONSIENTES DE UMA CULTURA JUVENIL E HISTÓRICA DO CANGAÇO EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO.....	64
1.3.1. Entendendo o mundo, no mundo dos outros: a escola.....	66
1.3.2. Do exótico ao familiar, entendendo o próximo: o método.....	68
1.3.3. Um estranho na família: os dados.....	70
1.3.4. Mergulhar em significados compartilhados: a análise.....	71
2. AS DISPUTAS DO CANGAÇO EM PONTOS DE CONFLUÊNCIAS: MEMÓRIAS RESSIGNIFICAÇÕES E OBJETOS CULTURAIS NO E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	78
2.1. ERA UMA VEZ O CANGAÇO! RESSIGNIFICAÇÕES DA MEMÓRIA COLETIVA EM DIFERENTES MEIOS E MÍDIAS NA CULTURA JUVENIL.....	83
2.2. EXPERIMENTOS E EXPERIÊNCIAS COM A MEMÓRIA DO CANGAÇO: CATEGORIAS E ENSINO DE HISTÓRIA.....	102
3. PELOS CAMINHOS DO CANGAÇO: UMA VIAGEM MNEMONICA ATRAVÉS DE MONUMENTOS E O ENSINO DE HISTÓRIA	117
3.1. UMA JANELA PARA O MUNDO: O CANGAÇO ENTRE MONUMENTOS, MEMÓRIAS E CATEGORIAS.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICE A	162
APÊNDICE B	163

APÊNDICE C	164
APÊNDICE D	167
ANEXO A	16

1. INTRODUÇÃO

Ser professor é uma construção diária, é como ao construir algo, todos os dias, colocássemos uma peça, um tijolo. São experiências que pelo caráter rotineiro, muitas vezes não percebemos o quanto estamos em um constante processo de transformação e erguimento pessoal e profissional. Esta pesquisa é resultado de uma dessas “peças” colocadas na construção diária de um professor, de uma vida profissional docente de 15 anos, onde todos eles se fizeram na Educação Básica, nas redes pública e privada de ensino, é nesse reduto que esta pesquisa se fará presente e viva.

Ao longo dessa jornada de saberes experienciais no ensino de História, é perceptível o quão é latente os elementos regionais constitutivos em minha formação profissional e pessoal, uma região construída sobre o signo da seca, das desigualdades sociais e econômicas exageradas e explícitas que se conjugam com as paisagens do semiárido nordestino, localizadas no interior do Piauí, a 310 km da capital Teresina. Picos é a terceira maior cidade do estado, localizada no centro da região Nordeste do Brasil, sendo cortada por quatro rodovias¹, o que faz da mesma o maior entroncamento rodoviário do Nordeste e por conseguinte uma região que apresenta intenso fluxo migratório de pessoas, um ambiente propício à miscelânea de indivíduos com diferentes aspectos e elementos culturais.

Todo esse contexto desemboca para sala de aula, alunos(as) que carregam consigo diferentes aspectos de uma cultura regional muitas vezes refletidas nos conteúdos ministrados em sala de aula, como é o caso do cangaço. Para além do aluno, entender a vida e a práxis do professor é compreendê-lo de dentro para fora, a sua preparação não se dá apenas no período em que esteve em formação acadêmica, mas sim por toda a vida, para Tardif (2017) os saberes docentes são oriundos de várias experiências vividas durante toda a sua trajetória, incluindo a sua vivência antes da academia. Ser professor é experienciar a todo momento e saber aplicá-las através de situações problemas em contextos reais e concretos, muitas vezes a superação de dilemas diários está refletido na forma de mobilizações de alguns conteúdos em sala de aula.

Segundo Gauthier et al (2006) entender a educação passa por compreender as experiências docentes ao longo de toda a sua vida, são saberes moldados no real, são decisões tomadas no dia a dia no âmbito da escola seja na sala de aula e/ou fora dela relacionando-se com seus pares e outros agentes. Decisões que se acumulam num repositório de saberes experienciais que podem ser diversamente tipificados por inúmeros estudiosos, mas com uma

¹ Picos é uma cidade de 78.627 habitantes, segundo IBGE, localizada a 310 km da capital Teresina, a segunda maior economia do estado, sendo cortada pelas BRs 316, 407, 230 e 020.

característica em comum. A formação de um docente está diretamente relacionada às suas práticas ao longo de sua trajetória de vida, a teoria é apenas uma lapidação de tal processo.

A mobilização de alguns conteúdos em sala de aula nos permite, diante de sua sensibilidade, verificar e ao mesmo tempo experienciar determinadas vivências que nos fazem ressignificar prática e visões. O conteúdo do cangaço é um daqueles que quando mobilizado nos remete a determinadas vivências e reflexões para além do ato de ensinar. Conecta-se aos conscientes e/ou inconscientes reverberando-se aos elementos da concretude diária abstraindo-se ao longo de toda a caminhada de vida pessoal e profissional.

Enquanto professor pude experienciar todas as modalidades de turmas, ensino e redes de ensino. Pude verificar e perceber nos alunos(as) de alguma forma um diferente envolvimento quando da mobilização do conteúdo do cangaço, seja na questão do movimento rebelde em si, mas sobretudo em aspectos tangenciais como: a questão de gênero e a entrada da mulher no cangaço; a violência banal e a ineficiência do estado na aplicação das leis; as questões fundiárias e a luta pela terra; a estética e a produção cultural em torno do movimento com suas roupas, costumes, musicalidade e indumentárias; ou uma simples curiosidade.

São muitas as temáticas em torno do conteúdo cangaço que envolvem os alunos(as) e ao mesmo tempo os professores(as), estas duas partes (docentes e discentes) serão componentes importantes desta pesquisa, pois serão estes que irão, de alguma forma, espelhar as diversas memórias do cangaço em sala de aula quando da mobilização do mesmo no processo ensino e aprendizagem.

Como os saberes experienciais de professores se relacionam com o cangaço ao mobilizar este conteúdo em sala de aula? Como os alunos compreendem e refletem tais memórias em sala de aula? As memórias coletivas ressignificadas e apresentadas nos diferentes meios: filmes e revistas em quadrinhos interferem no contexto de ensino e aprendizagem quando da mobilização deste conteúdo em sala de aula? Como é mobilizado o conteúdo do cangaço, com suas diferentes facetas numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais na cidade de Picos, Piauí e em outros estados do Brasil? Qual o papel da escola na reprodução e ao mesmo tempo na construção da memória coletiva do cangaço, no que tange professores e alunos? Como o conteúdo do cangaço se apresenta nas dimensões normativas curriculares?

Estas são algumas indagações importantes que respondidas no curso desta pesquisa, que tem como propósito lançar luz a tais problematizações e contribuir para otimizar e potencializar o referido conteúdo quando de sua mobilização em sala de aula, tendo em vista que o mesmo já se demonstrou não ser apenas um saber escolar limitado cronologicamente ao seu tempo, a Primeira República (1889-1930), mas sim uma potente janela para se trabalhar diferentes

categorias no ensino de História: gênero, estética, violência, questões fundiárias, desigualdades sociais, memória e esquecimento.

Partindo dessas problemáticas relacionamos/dialogamos o conteúdo do cangaço com o principal documento normativo na atualidade a BNCC. A escola e os saberes experienciais de professores(as) e alunos (as) serão elementos de instrumentalização para compreensão de todo esse processo. Para além, iremos radiografar o referido movimento social em formato de saber escolar, bem como suas diversas facetas e consequentes usos do passado no presente, tendo o ensino de História um catalisador de todos esses elementos, contribuindo assim significativamente não só para compreender um pouco mais sobre a memória coletiva deste movimento, mas principalmente aclarar sobre os diversos saberes experienciais de professores(as) bem como ele se reflete na realidade concreta de sala de aula e seus variados contextos.

Tanto Gauthier et al (2006) quanto Tardif (2004) defendem que reconhecer e legitimar os saberes experienciais através das instituições e os seus conteúdos é passo importante para avanços na profissionalização da carreira docente, esta pesquisa entende que a mobilização de categorias transversais em torno do conteúdo do cangaço em sala de aula e os consequentes saberes experienciais gerados, serão uma considerável contribuição para o desvendamento da práxis educativa como um todo.

Ao passo que professores se reconstroem e se ressignificam perenemente através dos saberes experienciais, o movimento social do cangaço se configura num importante fenômeno da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, período em que o Brasil passava de um regime de governo monárquico (1822-1889) para a primeira experiência republicana (1889-1930), um momento não só de mudanças na formatação política, mas sobretudo na tessitura social, econômica, cultural e religiosa do país. Um momento também marcado por inúmeras convulsões sociais que emergiram tanto nas elites como nas camadas mais pobres.

Um movimento social que nasce de estruturas coletivas em ebulição, um limbo de fronteira, que através da memória coletiva em formato de tradição e cristalizados em diversos lugares de memória, foram sendo construídos e ressignificados ao longo de décadas. Segundo Maurice Halbwachs (1990), todas as memórias são frutos de uma coletividade, podendo ser lembradas por gatilhos individuais, baseados na convivência social, por tanto, para Halbwachs memórias estão necessariamente ligadas ao meio, às lembranças dos outros que se conectam e se agrupam. Partindo desse pressuposto podemos entender que a construção do movimento social do cangaço e suas representações mnemônicas na atualidade, é resultado de um coletivo

de memórias difundidas ao longo de décadas, marcado por estereotipizações sociais, inseridas num contexto sócio econômico, envolto de violência, seca e coragem, regidos por códigos de honra relacionados à aspectos morais e/ou religiosos, legitimados pela ineficiência do estado na aplicação dos dispositivos jurídicos legais da época.

São conjunturas interpretativas variadas que vêm o cangaço como uma mera violência banal, típica da época; um fenômeno como meio de vida onde homens e mulheres escolheram para fugir ou ao menos amenizar os agouros impostas por uma estrutura marcada pela seca e a fome; ou um cangaço refúgio, tendo em vista que homens e mulheres optaram por viver em bandos armados nômades com propósito individual de se proteger de rivalidades comuns no cotidiano do sertão brasileiro (MELLO, 2011).

A escola e o professor não estão alheios a todo esse contexto, estão também a refletir significados e representações subjetivas desse fenômeno social forjando-se neste contexto multifacetado em constante construção. Cada contexto escolar espelha o seu entorno, o seu tempo, numa relação simbiótica, onde o aluno é o epicentro dessa trama. São diversos os fatores que convergem para dentro do espaço escolar: família, comunidade, poder público, novas tecnologias e tantas outras categorias e instituições sociais, o que faz da sala de aula um potente espaço de profusão de conhecimento merecedor de atenção desta pesquisa. Segundo Monteiro e Penna (2011) a escola é como um lugar de fronteira, de diferenças, mas ao mesmo tempo de aproximações, pois as negociações dos distintos, favorecem ao diálogo e a construção de novas saídas aos coletivos de indivíduos. Ainda para os mesmos, o ensino de História tem papel primordial em tais negociações, é ele que tem a capacidade de aproximar os diferentes agentes no contexto de aprendizagem: alunos, professores, currículo, saberes escolares e sociedade, favorecendo uma aprendizagem significativa. O conteúdo do cangaço seria um desses instrumentos de negociação dos diferentes ao se apresentar em suas variadas categorias transversais em sala de aula?

Toda prática educativa realizada no ambiente formal no chão da escola, independente do saber escolar, necessita de uma normatização. Institucionalizar para organizar, tendo em vista que a educação formal é um instrumento do Estado para ordenar o coletivo de indivíduos: da Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (1998), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) entre outros documentos normativos, jurídicos e/ou norteadores, são exemplos dessas legislações que regem os contextos coletivos no ambiente escolar.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) da disciplina de História é o “filho

caçula” desse escopo jurídico normativo que regimenta a atividade educativa formal no Brasil, é fruto, segundo Ralejo, Mello, Amorim (2021) de um embate entre forças epistêmicas e ideológicas pelo controle da construção, distribuição e circulação das “verdades” ou narrativas acerca da história, tendo em vista que o currículo é poder e controle, é dele que se orienta fundamentalmente conteúdos e por conseguinte práticas educativas produzidas no chão da escola, destinados a professores(as) e alunos(as) em suas diversas especificidades.

Entender a BNCC de História e as suas nuances passa por entender o papel do professor e seu campo de atuação, é ela que dá vida, materializa a prescrição normativa no chão da escola, orienta os diferentes agentes envolvidos no processo de aprendizagem: aluno, escola, comunidade, família, estado. Dialogar com as prescrições normativas se faz de suma importância para se entender todo o entorno do professor e seus saberes experienciais.

No capítulo primeiro dimensionou-se as várias possibilidades tangenciais acerca do cangaço enquanto conteúdo disposto no documento normativo da BNCC, bem como espelhar o conteúdo do cangaço nas dimensões macro e micro de sala de aula instrumentalizados através de alunos(as) e professores(as). Foram analisados dados recolhidos nos 27 estados do Brasil e de como professores(as) mobilizam o conteúdo do cangaço em seus diferentes contextos e saberes experienciais. Reduzindo mais ainda o arco de instrumentalização de pesquisa e realidade, verificamos através de metodologia de pesquisa etnografia como um professor mobiliza o conteúdo do cangaço numa sala de aula de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais numa escola da rede pública municipal na cidade de Picos (PI).

Percorrer os diversos caminhos em torno do cangaço, através do ensino de História e os saberes experienciais de professores e alunos é parte da construção de um caminho sólido para que possamos nos entender como indivíduos constitutivos, o que Peter Lee (2003) chamará de *empatia histórica*: a capacidade, a sensibilidade e a disposição de perceber o passado no seu momento, não havendo distanciamento entre os polos que compõem a história, passado e presente, estes estão imbricados, onde cada circunstância do primeiro, se apresenta como uma especificidade no segundo, cabe aos que vivem no presente a capacidade de construir a fina sensibilidade de perceber que cada indivíduo do passado produziu intenções, circunstâncias e ações no seu tempo, fato este que nós contemporâneos de nosso tempo, professores(as) e alunos(as), estamos a produzir também o mesmo conjunto de realidade histórica.

Toda essa vivência imbricada entre consciente e inconsciente, cangaço e saberes experienciais, espaço e regionalismo, memória coletiva e ressignificações, passado em presente serão observados e experimentados no capítulo dois através da execução de um projeto pedagógico a ser desenvolvido em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais

onde serão trabalhados, a partir de dois objetos culturais do cangaço: o HQ *O Cabral* de Flávio Luiz, publicado em 2010, e a minissérie *O cangaceiro do futuro*, lançado em 2022 pela plataforma de streaming Netflix. Ambos evidenciam uma memória do cangaço interminável, perene, líquida, um fenômeno que se retroalimenta de seus contextos segundo conveniências daqueles que o mobilizam. Um cangaço multifacetado com vida própria que está a se embriagar nos mais diversos campos e categorias das conjugações sociais transformando-as e sendo transformado.

Aproveitando o momento de intenso uso das novas tecnologias por parte dessa geração, os nativos digitais, ensejando as potencialidades dos recursos tecnológicos e principalmente a disposição que essa geração tem de manusear e aprender através destes novos artefatos pedagógicos, no capítulo três é proposto como produto pedagógico, um softmaps² que se chama *Pelos caminhos do cangaço*, este hospedado na rede mundial de computadores, a qual professores(as) e alunos(as) tenham acesso irrestrito. O mesmo percorre os principais marcos memoriais do cangaço na primeira metade do século XX, mais especificamente da era *lampiônica*, período de apogeu deste movimento: Serra Talhada (PE), Paulo Afonso (BA), Crato (CE), Mossoró (RN), Poço Redondo (SE) e Aracajú (SE).

Alunos, professores e comunidade em geral poderão acessar importantes lugares de memória da vida do cangaço, todos hiper linkados em até seis categorias apresentando conteúdos adicionais e orientações/sugestões específicas à profissionais do ensino de História de como mobilizar o tema em sala de aula em sua plenitude e potencialidade. Transformar lugares em espaços de memória é um processo complexo que envolve subjetividade e intimismo daqueles que estão a mobilizar elementos e sentimentos em suas mais diversas formas e intenções. Para Nora (1993) seja material, simbólico ou funcional, os lugares de memória são válvulas de escape para que grupos sociais construam suas próprias identidades, são espelhos que refletem sentimentos e sensações daqueles que estão em seu entorno, a construir fortes laços identitários.

Cada ponto monumentalizado representará um lugar de memória do cangaço, sendo cada um composto de hiperlinks que abrem caminhos reversíveis e independentes com possibilidades para acessar conteúdos adicionais divididos em categorias como: formas de sugestões a serem trabalhados pelos professores em sala de aula quando da operação do tema: Gênero no cangaço; Violência e banditismo; Personagens principais; Estética no cangaço;

² Para Elizabeth de Souza Machado (1999) os softmaps são mapas interativos dentro do campo da infocartografia que compreendem a construção de mapas combinados com diversas linguagens, meios e mídias.

Misticismo e religiosidade; Linguagem e sentidos do cangaço. Cada categoria contém, textos explicativos, referências para aprofundamento de leituras, indicações de vídeos, documentários e/ou filmes, indicações de leituras especializadas e sugestões de atividades ou trabalhos a serem desenvolvidos em sala de aula.

Experienciando à docência deparei-me com a imensidão, às vezes escura, que é a realidade na educação formal de uma sala de aula, compartilhando espaços e vivências com diversos atores que estão direta ou indiretamente envolvidos com o ensino e a aprendizagem, mas também comigo, tudo manifestado em diversas formas e seus saberes escolares. Sou apenas um dentre vários que assumem essa posição neste processo tão complexo que é o ensino e aprendizagem. A este trabalho resta a clara função de representar uma materialização cognitiva e empírica de uma vida de 39 anos composta de momentos profissionais e pessoais onde metade deles estiveram inseridos dentro de uma sala de aula, a viver constantes desafios e gratas aprendizagens, fazendo desta pesquisa não apenas uma titulação, mas uma importante etapa de autoconhecimento e reconstrução pessoal e profissional.

1. O CANGAÇO NA ESCOLA: CURRÍCULO, SABERES EXPERIENCIAIS E VIVÊNCIAS

Currículo é um emaranhado de componentes e/ou apenas um caminho a ser percorrido para fins de aprendizagem? Nas últimas três décadas as discussões em torno desse objeto normativo pedagógico se intensificaram diante dos esforços dos governos, suas autoridades e estudiosos para redefinir o principal caminho que pavimenta o desenvolvimento de uma sociedade.

O fato é que tratando-se de currículo é necessário compreender o jogo de definições e entendimentos, uma estrutura subjetiva, flexível que envolve negociações em seu entorno. Currículo é poder, reflete aquilo que se projeta para toda uma nação, aquilo que se prescreve para a educação de uma sociedade. O currículo é resultado de embates ideológicos entre forças que almejam chegar ou manter-se no poder, tornando-se um importante instrumento de controle do conhecimento ou de uma suposta verdade.

Este capítulo está centrado nas discussões em torno do espaço escolar, do tema do cangaço e do ensino de História. Para introduzir estas três categorias centrais, nesta parte primeira do trabalho, recorreremos à nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não como uma mera discussão historiográfica, mas um diálogo correlacional entre cangaço, ensino de História e a própria BNCC (2017). Entendemos que este último é um dos elementos que está diretamente relacionado à sedimentação da produção de saberes experienciais de professores(as) de História quando da mobilização do conteúdo do cangaço em diversas partes do Brasil e especialmente na cidade de Picos, Piauí.

Apresentar o conteúdo do cangaço como uma especificidade do vivido tal como proposto na BNCC (2017):

“Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e no tempo dos quais as aprendizagens estão situadas;” (BRASIL, 2017, p. 16)

A construção desta base norteadora não se deu de forma abrupta, mas em meio a um processo de décadas que inclui outros importantes documentos como: a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1997), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) (1998), e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) da disciplina de História é a filha

caçula desse escopo jurídico normativo que regimenta a atividade educativa formal no Brasil. É fruto, segundo Ralejo, Mello, Amorim (2021) de um embate entre forças epistêmicas e ideológicas pelo controle da construção, distribuição e circulação das “verdades” ou narrativas acerca da história. Tendo em vista que o currículo é poder e controle, é dele que se orienta fundamentalmente conteúdos e por conseguinte práticas educativas produzidas no chão da escola, destinados a professores(as) e alunos(as) em suas diversas especificidades.

Para tal empreitada de elaboração da BNCC, iniciada ainda em 2014 e homologada somente em 2017, foram necessárias três versões (2015, 2016, 2017) cada uma representando interesses epistemológicos e ideológicos diferentes. A primeira versão é marcada por sua tentativa inovadora, por seu caráter desconstrutivo que propunha o fim da linha quadripartite eurocêntrica, propondo um fluxo da história invertida do Brasil, passando pela América Latina e findando na história global. A segunda versão, uma lógica inversa da anterior, uma retomada ao formato tradicional conteudístico e eurocêntrico como até então vigente; a terceira e última versão, uma ratificação da segunda com a ênfase tecnicista neoliberal³ apresentadas nas competências e habilidades, outrora trazidas pelos dispositivos normativos elaborados ainda na década de 1990. Nessa disputa epistêmica e de interesses, venceu o sistema, aquilo que já estava posto foi ratificado.

As disputas em torno da produção de três versões da BNCC de História apresentando lados opostos da visão epistemológica, mostra o campo de pesquisa no ensino de História não pacificado e com visões particularizadas, um duelo marcado por interesses que se esbarram na visão de como construir e monopolizar as narrativas históricas. Uma primeira concepção já consolidada, baseada na visão eurocêntrica de fluxo cronológico progressivo e com uma fundamentação teórica conservadora fortemente vinculada aos setores acadêmicos tradicionais dos grandes centros de pesquisa do país. Uma outra visão, inovadora, calcada em bases sólidas no campo específico do ensino de História com aportes teóricos “Brasilcentrista”, fragmentada e de fluxo temporal invertido (RALEJO, MELLO, AMORIM, 2021; CALIL, 2015).

Entender a BNCC de História e as suas nuances passa por entender o papel do professor e seu campo de atuação. É ela que dá vida, materializa a prescrição normativa no chão da escola, orienta os diferentes agentes envolvidos no processo de aprendizagem: alunos, escola,

³ Segundo Ralejo, Mello, Amorim (2021) e Calil (2015) a BNCC está ligada a marcos neoliberais para uma educação e sociedade cada vez mais individualizada em detrimento do coletivo. Uma marca da economia e da sociedade de mercado que ataca problemas da educação propondo alinhamento à padronização da educação através de instrumentos e sistemáticas de avaliações mundiais, como PISA e IDEB. A retirada da autonomia do professor está refletida em escolhas de competências e habilidades que por conseguinte resultam em um patriotismo tolo e exagerado formando massas e mão de obra acrítica apenas útil ao mercado e às atividades laborais e técnicas.

comunidade, família, estado. Dialogar com as prescrições normativas passa impreterivelmente por entender todo o entorno do professor e os seus saberes experienciais.

Iremos nesta parte inicial do trabalho, que será dividida em três tópicos, relacionar os três níveis de competências da BNCC⁴ (2017) ao conteúdo do cangaço como elementos correlacionais, identificando como este conteúdo dialoga, se apresenta e se recorta na prescrição normativa. Em certa medida contribuir para o aperfeiçoamento em torno da prática docente e de como o cangaço está a atender as necessidades no que tange às competências gerais e específicas na BNCC⁵ bem como a serem refletidas na prática docente do ensino de História.

No segundo tópico iremos analisar os saberes experienciais de professores ao mobilizar o conteúdo do cangaço em sala de aula nas 27 unidades federativas do Brasil, através da aplicação de um questionário a dois docentes (de ambos os gêneros) nas 5 regiões que compreendem o território nacional. Sendo feita uma análise qualitativa das respostas coletadas e a sua correlação com o ensino de História, apresentando as diferentes formas de mobilização do conteúdo do cangaço. Neste segundo tópico iremos perceber e relacionar o cangaço ao tema da violência, este que merece destaque por ser uma categoria comumente relacionada ao conteúdo do cangaço e ao cotidiano, fazendo deste um assunto atual e por conseguinte um elemento constitutivo dos saberes experienciais de professores(as) participantes da pesquisa, o que incidirá diretamente na mobilização dos conteúdos nas aulas de História em especial quando da mobilização do conteúdo do cangaço.

Os dados colhidos na pesquisa⁶ apresentam que 96,7% dos professores(as) entrevistados entendem o cangaço como uma oportunidade pertinente para abordar o tema da violência. A mesma pesquisa nos mostra que 80% dos docentes afirmam relacionar o tema da violência em suas aulas a alguma temporalidade, experiência histórica ou conteúdo específico. O recorte destes dados nos faz perceber o quanto que em grande medida o tema da violência está a se relacionar às construções dos saberes experienciais de professores refletidos em sala de aula, quando da mobilização de vários conteúdos a incluir o cangaço, um dos temas centrais desta pesquisa

⁴ Competências Gerais da Educação Básica (CGEB), Competências Específicas da Área de Ciências Humanas e Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental (CEEH).

⁵ Por uma questão de escolha ao recorte de objeto de estudo daremos ênfase ao Ensino Fundamental Anos Finais, por entender ser uma fase de desabrochar e de relevantes possibilidades e potencialidades para o desenvolvimento cognitivo e social.

⁶ Pesquisa realizada no ambiente do II Congresso Nacional do Profhistória realizada na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 04 e 07 de outubro na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a qual participaram 60 professores e professoras das 27 unidades federativas do Brasil.

Para completar essa fina e profunda análise correlacional entre ensino de História, cangaço e saberes experienciais e ao mesmo tempo dialogar com um recorte nacional, realizado através da metodologia de aplicação de questionário, apresentamos num terceiro tópico, observações diretas sob pesquisa etnográfica, através de recolha de dados registrados em diário de campo, a ser realizada em uma sala aula do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais na escola da rede pública municipal Antônio Marques, localizado na cidade de Picos, estado Piauí. Perceber numa dimensão micro como se dá a mobilização do conteúdo do cangaço e as suas diversas nuances e correlações no ambiente de sala de aula.

1.1 AS DIMENSÕES MACRO E MICRO DO CANGAÇO NAS COMPETÊNCIAS DA BNCC: DIÁLOGOS CRÍTICOS PARA UMA RELAÇÃO ADEQUADA

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi desenvolvida num ambiente político nacional bastante conturbado, em meio ao processo de impeachment da então presidenta, reeleita democraticamente em 2014, Dilma Rousseff (PT). Após a sua retirada o então vice-presidente Michel Temer (MDB) toma posse em definitivo para que pudesse concluir o restante do mandato que iria até 2018. Um governo claramente de centro-direita e fortemente alinhado às organizações financeiras internacionais (OCDE e FMI) que pressionavam para um enquadramento da educação nacional aos moldes internacionais, inserindo o Brasil mais ainda na educação de mercado e nas rotas de avaliações e indicadores que alimentavam o sistema neoliberal e neotecnicista já alastrado pelo mundo (CALIL, 2015).

Venceu o sistema! Após 3 longos anos de discussões, idas e vindas e três versões⁷ redigidas, a BNCC foi homologada no ano de 2017 pelo então ministro da educação Mendonça Filho (DEM), sobre o discurso que viria a ser o reflexo daquele governo neoliberal alinhado com o capital financeiro na qual buscava fomentar uma educação que produzisse apenas mão de obra técnica um pouco mais qualificada daquilo já posto anteriormente, para os novos postos de trabalhos que surgiam com os avanços naturais da modernização intensa, frutos do processo de globalização e do próprio capitalismo no mundo ocidental.

A BNCC não é fruto de um acaso, mas sim de um processo iniciado ainda nos anos 1990, com as discussões e aprovação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997), homologado dez anos antes da BNCC (2017) num também governo de orientação neoliberal,

⁷ Sobre o processo de discussão e elaboração da BNCC foram redigidas três versões para a mesma, 2015, 2016, 2017, sendo a última versão homologada no dia 20 de dezembro daquele ano.

Fernando Henrique Cardoso (PSDB), porém produzida num contexto de maior abertura ao diálogo, onde se verificou a participação de vários setores da sociedade civil em especial intelectuais e estudiosos no campo da pesquisa sobre o currículo, a exemplo da professora Circe Maria Fernandes Bittencourt, uma das maiores referências no país até hoje no campo do currículo e no ensino de História.

Todo esse processo que culminou com a aprovação da BNCC em 2017 está amparado em vários marcos legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1996) que já prescrevia uma base nacional comum para os três níveis da Educação Básica no seu art. N° 26; em 2010 o Conselho Nacional de Educação (CNE) também propõe em seu parecer de N° 07 uma ampliação e organização dos currículos incluindo o respeito ao diferente e às pluralidades dos contextos locais; em 2014 no Plano Nacional de Educação (PNE) na lei N° 13.005/2014 há mais um reforço nesse sentido de o Brasil ter uma base comum curricular nacional com foco no ensino e na aprendizagem como caminho para o desenvolvimento do país. Com isso percebe-se que a BNCC é um documento construído gradativamente, passando pelos caminhos jurídicos legais e os embates ideológicos na esfera política, desaguando para sua implementação e discussões práticas no ambiente escolar que na maioria das vezes não são compreendidos ou realizadas de uma forma adequada, mas sim impostas a todos aqueles que de fato estão inseridos no chão da escola e que de alguma forma transformam as diretrizes teórico jurídicas em ações efetivas nas salas de aulas (BRASIL 2017).

Para Araújo e Teixeira (2020) a má formação ou desinformação no processo de elaboração e construção da BNCC aumentou ainda mais o hiato entre aquilo que chamamos de currículo formal, o prescrito na normativa, e o currículo real, aquilo que se vive e pratica na escola. Para os mesmos cabe ao professor recorrer à criatividade da subversão deste documento. É neste hiato e limbo de fronteira entre o formal e o real que o professor(a) deve atuar, refletir e criar a todos os instantes resoluções de situações problemas que tangem aspectos estruturais como a falta adequada de transporte e condições físicas e tecnológicas no ambiente escolar. Às redes de ensino estaduais e municipais que se recusam a cumprir vencimentos e aumentos incidentes na remuneração de tais profissionais. Famílias desestruturadas que desvirtuam as reais funções de cada um no processo de educação e escolarização, dois aspectos complementares, porém diferentes.

Portanto o professor(a) e mais especificamente o professor(a) de História é acima de tudo um equilibrista, que precisa em meio aos espaços vazios do abismo entre o currículo formal e o currículo real, se equilibrar para atender todas as demandas à sua volta, convivendo quase que diariamente com situações problemas que precisam a todo momento serem

resolvidas ou ao menos amenizadas. Para Tardif (2017) são essas situações problemas que fazem do professor alguém composto de saberes experienciais que com uma fina sensibilidade consegue compreender o aluno em suas mais profundas dificuldades seja nos processos sociais, profissionais e cognitivos.

Numa educação cada vez mais empírica e menos teórica devido a aproximação ao modelo liberal tecnicista de educação nas últimas décadas, o contexto de dificuldades e desafios impostos por esse novo modelo teórico curricular é transmutado para a superação do modelo fragmentado de disciplinas. Agora apresentando-se na ideia de um ensino cooperado e integrado dividido em áreas de atuação formadas por componentes curriculares que preparam para vida dando sentidos aos vários contextos então vivenciados, porém muitas vezes de forma acrítica pautada na formação de mão de obra técnica apenas para o mercado de trabalho. Uma visão de educação fortemente alinhada com os ideais neoliberais e uma educação de mercado conforme já citado anteriormente (CALIL, 2015).

Quanto à implementação da BNCC desde a sua discussão até a sua homologação em 2017 foram dois anos. Porém, para que se chegasse ao chão da escola e houvesse sua real implantação no contexto educacional se fez e faz necessário um esforço integrado entre os diversos agentes e setores da sociedade civil incluindo governos, entidades, secretarias estaduais e municipais e claro a escola. Um pacto interfederativo que se inicia no governo federal através do Ministério da Educação (MEC) desembocando nas escolas em ações específicas que se ajustaram a realidades locais e contextualizadas, que se apresentarão na base diversificada elaborada pela própria escola em consonância com suas redes.

Este capítulo aponta para o conteúdo do cangaço como uma dessas facetas locais, que mobilizadas de diferentes formas e regido por sua memória coletiva latente ao longo de várias décadas de tradição, se configurou como mais uma importante ferramenta à disposição do ensino de História e do professor, a conectar e dar significado a diversas realidades constituídas num país tão diversificado culturalmente. A sala de aula tornando-se um ambiente empírico-teórico para que sujeitos, alunos e professores, possam, através de uma educação integradora ter como resultado prático a resolução de problemas da vida cotidiana entre outras finalidades.

Por se tratar de um documento que tem na sua essência categorias como competências e habilidades percebemos uma aproximação com o prático e o vivido, é objetivo da BNCC dar sentido através dos conteúdos da base diversificada, mobilizando conteúdos da base comum, o aluno no comando para percorrer os caminhos a serem trilhados dentro da educação e da sua própria formação.

Com isso optamos metodologicamente em analisar e perceber como o conteúdo do cangaço se manifesta e se recorta nas três modalidades ou níveis de competências: as Competências Gerais da Educação Básica (CGEB), composta de 10; as Competências Específicas da Área de Ciências Humanas do Ensino Fundamental (CECH), composta de 07; e as Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental (CEEH), composta também por 07⁸.

1.1.1 AS COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA (CGEB)

Por competência⁹, umas das principais categorias do referido documento, a BNCC (2017, p. 08) entende como “...a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana no pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.”, a mesma enseja através do regime de colaboração entre os entes federados e municípios o desenvolvimento das aprendizagens significativas através do aprimoramento de competências comuns preestabelecidas, assim proporcionando a jovens aprendizagem, inserção no mundo do trabalho e resolução de problemas do cotidiano.

É perceptível o quanto que o tema do cangaço se apresenta em consonância com algumas dessas competências tornando-se um campo fértil para desenvolvimento em sala de aula, através dos usos de sua memória; o cangaço está desde a sua existência, final do século XIX e primeira metade do século XX, a ser mobilizado consciente e inconscientemente em diversas facetas que vão do estético, linguagem, vestimenta, cinema, monumentos, festividades, danças, mitos e valores, uma infinidade de manifestações que povoam o imaginário em diversas partes do Brasil.

De acordo com a noção de competências apresentada pela própria BNCC, conforme citada anteriormente, torna-se possível através da mobilização do conteúdo do cangaço e suas diversas facetas e categorias tangenciais¹⁰ a construir e dar significados a determinados temas

⁸ Para efeito de praticidade do leitor, convertamos os três níveis de competências propostos pela BNCC em siglas: CGEB, CECH e CEEH.

⁹ Segundo Souza (2022) a definição de competências na BNCC tem por essência marcante as reflexões de Philipp Perrenoud, sociólogo suíço e professor da Universidade de Genebra, que influenciou desde a década de 1990 os documentos normativos no Brasil ainda quando das noções de competências nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN. Para o sociólogo competências seriam: “...uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, geralmente, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos.” (Perrenoud, 1999, p 04).

¹⁰ Aqui entendemos que o conteúdo do cangaço pode se apresentar de diversas formas apresentadas em categorias que se alinham à várias competências nos três níveis da BNCC: memória, resistência, violência, estética, linguagem, gênero e misticismo.

que vão do simbólico ao concreto atendendo algumas necessidades didático-reflexivo-teórico do ensino de História em conformidade aos três níveis de competências propostos pelo documento e analisados aqui.

Entre as dez CGEB percebe-se a correlação direta ao conteúdo do cangaço em três delas (01, 03, 06), na Competência Geral da Educação Básica nº 01 em Brasil (2017):

“Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo **físico, social, cultural**¹¹ e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (BRASIL, 2017, p. 08)

Nesta competência o conteúdo do cangaço se encaixa ao mobilizar os conhecimentos acerca das dificuldades derivadas da seca, a concentração fundiária em uma sociedade marcada pela violência banal e a força dos coronéis/fazendeiros exercida sobre os pequenos agricultores que estavam à mercê de uma política clientelista no início do século XX, um instrumento de uso para dominação dos mais fortes sobre os mais fracos.

Costa (2021) em seu texto *Geografia do cangaço: concepções conceituais para pensar o banditismo sertanejo* lança luz sobre como os aspectos naturais dos espaços interferem nas construções identitárias e afetivas dos indivíduos em especial os sertanejos cunhando a terminologia *geografia do cangaço*:

“... a condição de sertanejo nordestino impunha aos cangaceiros uma lógica que não encontrava diretamente relacionada à noção de classe, mas às condições de sujeitos sertanejos nordestinos, intermediados pelas relações culturais, constituídas socialmente em espaços próprios, um espaço vivido, a saber: a caatinga, na qual se sobressai a questão da honra que levou vários homens a ingressarem no movimento do cangaço por sua condição cultural de sujeito “cabra macho”. As relações culturais, intermediadas em dinâmicas espacial, constituíram esses sujeitos e um contexto histórico-geográfico.” (COSTA, 2021, p. 03)

Desde o processo de colonização, o litoral e o interior do sertão nordestino sofreram em níveis de intensidade diferentes, influências do aparato do sistema capitalista. O litoral se apresentava muito mais preenchido e urbanizado, mais preso às amarras do capitalismo comercial. Restava ao interior das caatingas, pouco ocupadas, grandes fazendas produtoras de gado e algumas ações de extração de drogas do sertão. Aqui elementos sociais se auto projetam formando um processo único originando também personagens exóticos como no caso de cangaceiros entre outros. Há de se aludir ainda o componente da resistência e luta pela terra entre os povos nativos, que também fazem parte desse amalgamado de elementos subjetivos entre indivíduos, sociedade, resistência e território.

¹¹ Grifo nosso.

O professor de História pode em sala de aula promover debates e instigar os alunos a refletirem sobre a indústria da seca, até hoje instrumento de controle através de políticas públicas também clientelistas no nordeste do Brasil; relacionar a violência banal da época com os dias atuais para inclusive contextualizar à questão fundiária e o aprofundamento da luta por terra realizada por parte de alguns grupos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)¹²; no tocante aos aspectos culturais da época do cangaço, esta seria uma oportunidade única para perceber as simbologias na fala, valores morais, vestimentas que são manifestas especificamente na cultura sertaneja.

Lançar luz aos processos de apropriação dos elementos do meio físico e natural é compreender a si mesmo. Cangaceiros que se utilizavam de toda a capacidade que o meio natural tinha a os oferecer, intervir sobre os objetos naturais para construir utilidades e simbologias ao mundo prático e cotidiano daqueles que resistiam não só ao mandonismo da época, mas à seca e às desigualdades sociais em decorrência da concentração fundiária. Realidade não muito distante dos dias atuais, onde algumas regiões do semiárido nordestino, apesar de várias políticas públicas, ainda padecem da escassez de água. Inserir os alunos nesses debates, tendo o cangaço como janela para tal, é certeza de aulas bastante proveitosas e dinâmicas revertidas ao conhecimento prático e cotidiano.

Na Competência Geral da Educação Básica nº 03 da BNCC (2017, p. 09): “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” é evidente neste componente o cuidado que o documento tem com os aspectos culturais neste, o conteúdo do cangaço é incisivo com as diversas formas de produtos já mobilizados até aqui no cinema, teatro, revistas, dança, música e literatura de cordel. Neste aspecto o professor de História terá um leque de possibilidades como aparato pedagógico a ser trabalhado em sala de aula, proporcionando ao aluno(a) a capacidade de refletir e ao mesmo tempo dialogar com as diversas formas e categorias do cangaço à luz de produções artístico culturais que compõem o complexo emaranhado memorialístico e cultural da tradição do cangaço.

Para Frederico Pernambucano de Mello em umas de suas obras primas sobre o cangaço *Estrela de Couro: a estética do cangaço* (2015) estes artefatos e manifestações

¹² A citação do referido movimento apenas se dá para efeito de correlação didático temática, tendo em vista que estamos a falar de movimentos em contextos diferentes. Porém entendemos que por se tratar de movimentos que tangenciam de alguma forma a resistência, luta e ocupação da terra, o cangaço e o MST podem de alguma forma aglutinar-se didático-metodologicamente com fins de reflexão sobre questões fundiárias no nordeste do Brasil. O que não é proposta desta pesquisa o aprofundamento de tal apontamento, mas apenas sugestão didático metodológico.

culturais ligadas ao movimento são impregnadas de uma simbologia que formam um sistema de significados, sistema esse que a cada geração é ressignificado através da memória coletiva, suas tradições e que cada um desses elementos é mostra de o quanto que o país é culturalmente diversificado e dinâmico. Portanto, para o professor de História estimular a sensibilidade dos alunos(as) a perceber as diversas manifestações culturais através dos símbolos do cangaço é perceber a si mesmo, enxergar o diferente no contexto coletivo passando das estruturas para dimensões micros às dimensões macro culturais das tradições do cangaço.

Na competência Geral da Educação Básica nº 06 da BNCC (2017) verificamos uma preocupação específica com o prático e mundo do trabalho, dos elementos culturais produzidos nas dinâmicas próprias nos contextos de socialização transmutados de alguma forma ao universo empírico do trabalho:

“Valorizar a diversidade de saberes e **vivências culturais** e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do **mundo do trabalho** e fazer escolhas alinhadas ao **exercício da cidadania** e ao seu **projeto de vida**, com liberdade, autonomia, **consciência crítica**¹³ e responsabilidade.” (BRASIL, 2017, p. 09)

Em se tratando do conteúdo do cangaço é verificado uma forte ligação com o mundo do trabalho, a entrada de jovens no mundo do crime e a conseqüente formação de bandos armados especialmente nas primeiras décadas do século XX se dá em meio a um contexto de forte desigualdade social, falta de acesso à terra num país ainda predominantemente rural e conseqüente escasso de oportunidades de emprego e renda. Há de se frisar ainda uma sociedade marcada pelos altos índices de analfabetismo¹⁴ agravando ainda mais a situação de homens e mulheres que viviam à mercê dos coronéis/fazendeiros nos sertões Brasil.

Para Luíz Bernardo Pericás (2010) e Frederico Pernambucano de Mello (2004) e sobretudo aos contemporâneos da época, o cangaço era sobretudo um meio de vida verificado no acúmulo significativo de riqueza ao longo dos vários anos de crimes, em especial a se tratar dos chefes de grupos. Não estamos aqui a tentar romantizar ou propor que o cangaço seja um trabalho formal, tendo em vista os vários cometimentos de ações criminosas que influíram de alguma forma no acúmulo de riqueza. Devemos proporcionar aos alunos a oportunidade de refletir e compreender para além das ações criminosas, entender o contexto à volta de jovens que escolheram entrar para o mundo crime. Por que jovens enxergavam o crime como

¹³ Grifo nosso.

¹⁴ Segundo o IBGE em 1940 o Brasil possuía 56,8% de analfabetos, representava um quantitativo populacional de 16,4 milhões de pessoas sem saber ler e escrever, na época a população total do Brasil era de 41,2 milhões de habitantes.

caminhos alternativos frente a uma sociedade fortemente desigual? Por que a violência era em grande medida a solução para resolver impasses do cotidiano? Por que o estado renegava muitos direitos básicos à grande maioria da população sertaneja? Podemos considerar a ação desses bandos armados uma forma de resistência às dificuldades impostas pelo meio social? Estas e outras indagações seriam pontos de partida de reflexão a serem realizadas em sala de aula que com certeza atenderiam a esta competência específica.

Partindo da premissa das relações de dominação instituídas na Primeira República (1889-1930), época vigente do cangaço e a formação de bandos armados no Nordeste do Brasil como alternativa para a vida de miséria em que centenas de jovens eram submetidos à época, o professor de História do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais pode ao mobilizar o referido conteúdo em sala de aula, refletir com os discentes em formato de temas transversais correlacionando-os aos dias atuais a ida de jovens para o mundo do crime e para o tráfico em grandes comunidades do Brasil, alimentando facções criminosas e o poder paralelo em diversas regiões periféricas.

Instigar jovens a desenvolver a sensibilidade de compreender os diversos fatores de risco que influenciam na tomada de decisões de indivíduos a irem para o mundo do crime é essencial para perceber que a violência não é apenas uma escolha, mas sim um contexto que envolve diversos fatores não só na época do cangaço, mas também nos dias atuais. Oportunizar ao jovem/aluno(a) a perceber os diversos contextos e refletir sobre eles e a si mesmo. Jovens que muitas vezes já se encontram em situações de vulnerabilidade ou que podem chegar a tal. O professor de História pode e deve através do conteúdo do cangaço experimentar com os alunos através de reflexões sobre situações problemas partindo da realidade de grandes e pequenas periferias comandadas por organizações criminosas que têm em suas ações consequências diretas, inclusive corroborando nas deficiências estruturais na família que se refletem diretamente no ambiente escolar.

Outro ponto que merece destaque e que está diretamente relacionado à Competência Geral da Educação Básica nº 06 que estamos a analisar e relacionar ao conteúdo do cangaço, são as categorias de valores culturais e morais que mais uma vez se apresentam nas CGEB. Estamos a falar de uma sociedade do início do século XX, marcada por um forte sentimento de violência, a honra como principal elemento constitutivo do sertanejo, dois elementos essenciais que forjaram homens e mulheres desta época. Para Luitgarde Barros (1999) a violência é resultado de uma sociedade desequilibrada, a falta de ocupação e emprego está a contribuir para o ócio, elemento desabonador numa sociedade em que tem o trabalho como espelho da honra, portanto, trabalho, honra e valores são categorias que estão diretamente associadas à

sociedade das primeiras décadas do século XX, o que faz do cangaço uma singular janela para o ensino de História na mobilização de categorias como trabalho, cultura, valores e cidadania, presentes na Competência Geral da Educação Básica nº 06.

1.1.2. AS COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL (CECH)

A BNCC (2017) propõe uma organização comum de competências e habilidades para todas as regiões do Brasil com fins de desenvolver a aprendizagem significativa de jovens na Educação Básica e ao mesmo tempo dar autonomia para estados e municípios através do currículo diversificado, criando e adaptando-os com o intuito de otimizar e alinhar os indicadores às melhores práticas e avaliações internacionais.

Proporcionar a capacidade de perceber e transformar os espaços individuais e coletivos para uma formação ética calcada nos direitos humanos, solidariedade e protagonismo construindo assim um ambiente propício à coletividade e a inquietação às diversas formas de desigualdades na sociedade. É função quase que exclusiva, segundo a própria BNCC, da área de Ciências Humanas todo esse processo citado anteriormente, porém esse trabalho não é uniforme em se tratando de um momento tão sensível e delicado que alunos e alunas passam quando da vivência do Ensino Fundamental Anos Finais¹⁵. São crianças e pré-adolescentes¹⁶ que vivem intensas transformações biológicas, sociais, emocionais e psicológicas nas duas fases de experiência no Ensino Básico, sendo composto por dois ciclos: o Ensino Fundamental Anos Iniciais e o Ensino Fundamental Anos Finais compreendendo o mais longo período a ser experienciado pelos alunos(as), nove anos (BRASIL, 2017).

Para atingir em sua plenitude a aprendizagem significativa nessas duas modalidades no ciclo do Ensino Fundamental a BNCC propõe uma composição de cinco áreas¹⁷ compostas de componentes curriculares¹⁸. A área de Ciências Humanas é composta de sete competências¹⁹. Como estamos a perceber o conteúdo do cangaço em três níveis de

¹⁵ Esta pesquisa está a ser realizada no âmbito apenas do Ensino Fundamental Anos Finais, portanto só analisaremos as competências específicas do Ensino Fundamental.

¹⁶ A idade estimada para cursar o Ensino Fundamental é entre os 06 e 14 anos de idade.

¹⁷ As áreas do conhecimento são: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso.

¹⁸ Os componentes de áreas se apresentam por componentes que aglutinam os tradicionais conteúdos: Língua Portuguesa, Artes, Educação Física, Língua Inglesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Ensino Religioso.

¹⁹ Para acessar em detalhes as sete CECH ver em Brasil (2017) no link: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>

competências (CGEB, CECH e CEEH), neste segundo nível ora analisado, as Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental Anos Finais (CECH), de um total de sete competências verificamos em quatro delas (01, 02, 03, 05) uma correlação interessante com este conteúdo que irão ser analisadas na sequência nesta seção do texto. Percebendo como que o professor de História é um agente decisivo na adaptação do currículo formal no processo de escolarização e aprofundamento de experiências de alunos e alunas que precisam através dos componentes curriculares desenvolver uma maturação desejável aos diversos espaços sociais e coletivos de convivência.

Na competência de nº 01 "Compreender a si e ao outro como **identidades diferentes**²⁰, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os **direitos humanos**²¹." Aqui o tema do cangaço se faz presente e se relaciona na formação e entendimento do que é a identidade de si, do outro e do coletivo, são aspectos que vão desde a linguagem, passando por algumas representações e vivências, a elementos que se articulam no cotidiano dos sertanejos, cada nordestino de alguma forma é envolvido por elementos culturais da memória coletiva do cangaço, mesmo que inconsciente, a incluir os professores que também são partícipes de todo esse contexto social dentro e fora da sala de aula.

Com isso, através do tema do cangaço é possível desenvolver uma sensibilidade ao diferente, perceber elementos em comum que não nos fazem iguais, mas parte de uma coletividade heterogênea. O conteúdo do cangaço pode ser um aspecto de ligação com o coletivo que segundo Luitgarde Barros (1998):

“... termos ‘sertão’ e ‘sertanejo’ como categorias elaboradas por teóricos e literatos, **bem como os elementos invocados por agentes sociais concretos em seus discursos através dos quais se vêem e representam como sertanejos. Este se ver e se auto perceber e representar é construído a partir da vivência**²² e manipulação de valores culturais centenários articulados nos chamados “*códigos da honra sertaneja*”, apego à terra, de seus ancestrais, do conhecimento do mundo a que pertence. (BARROS, 1998, p. 160-161)

Os direitos humanos é outra categoria importante a ser tangenciada pelo professor(a) quando da mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula, por ser um tema que muitas vezes está associado à violência e ter sido forjado no seio de uma sociedade, que na primeira metade do século XX, havia muitas vezes omissão por parte do estado para resolutividade de impasses cotidianos e que muitas vezes a lei era aplicada no fluxo dos mais fortes sobre os mais fracos; o conteúdo do cangaço merece atenção e um diálogo essencial no que transversa a

²⁰ Grifo nosso.

²¹ Grifo nosso.

²² Grifo nosso.

garantia de direitos e dignidade de todos os indivíduos.

Abusos do estado através das forças policiais, aparato judicial e coronéis/fazendeiros resultando em impasses entre civis para fins de resolução de problemas locais cotidianos era uma rotina na época do cangaço. A degola de criminosos realizada pela polícia, como aconteceu ao bando de Lampião em 1938²³ na Grota de Angico, mostra o desprezo à vida humana, a crueldade com que muitos homens e mulheres foram tratados pelos bandos de cangaceiros também era uma demonstração de relação crônica e natural com a violência, uma sociedade marcada pelo atropelo à dignidade da vida humana independente da circunstância e lados ao se relacionarem.

Dialogando com os dias atuais, apesar dos avanços significativos na retaguarda jurídica e cobertura impreterível nos direitos humanos a cada cidadão do mundo e mais especificamente no Brasil, o movimento social do cangaço serve-nos de exemplo e de entendimento que a truculência e a lei do mais forte acirra mais ainda as relações e desigualdades sociais. O aparato policial, o poder judiciário, gestores das políticas públicas de segurança, especialistas no campo do direito e na segurança pública e toda sociedade civil em geral devem constantemente rediscutir temas hoje sensíveis ao interesse coletivo como: proliferação das armas e estatuto do desarmamento; superlotação do sistema prisional; impunidade e recrudescimento de punições aos crimes graves contra a vida; ação do tráfico de drogas e organizações criminosas como poder paralelo em grandes centros urbanos; e por fim a base de tudo, a educação. Expandir efetivamente e de forma eficiente a ação da escola, de preferência de tempo integral para que a infância e a adolescência sejam produtivas para sociedade e não alimentar organizações criminosas que de alguma forma se aproximam de nossas crianças e jovens com falsas promessas de fácil ascensão social.

O cangaço era também uma modalidade criminosa de fácil ascensão social no início do século XX que precisa ser apresentada e discutida em sala de aula. A sua romantização em nada contribui para uma reflexão crítica sobre o tema e principalmente sobre os dias atuais. Portanto cabe ao professor de História também a fina sensibilidade de trabalhar e dialogar com o tema do cangaço evidenciando estas problemáticas bastante caras aos dias de hoje.

A competência de nº 02 nas CECH também estabelece conexão direta com o tema do

²³ No dia 28 de julho de 1938 na Grota do Angico município de Poço Redondo, estado do Sergipe, o bando de Lampião, composto naquele dia por 35 homens e mulheres, entre elas sua companheira Maria Bonita, foram emboscados por forças policiais de Piranhas, município de Alagoas comandadas pelo tenente João Bezerra da Silva. Na ação, 11 cangaceiros foram mortos, entre eles Lampião e Maria Bonita, das forças votantes policiais ocorreu apenas uma baixa. Após a chacina, as cabeças dos mortos foram degoladas e expostas em praças públicas em algumas cidades no interior do Nordeste e por 31 anos expostas no Museu Antropológico Criminal do Instituto Nina Rodrigues em Salvador, Bahia.

cangaço no que tange ao posicionamento em relação à problemas contemporâneos, segundo sua versão:

“Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e **se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo**”²⁴. (BRASIL, 2017, pag. 358)

Apesar de percebermos a repetição da categoria cultura, novamente citada numa competência e já analisada anteriormente, o que nos chama atenção é a expressão “se posicionar diante de problemas”, a atitude é algo natural de jovens que estão a iniciar e ao mesmo tempo a aprender ao longo da vida, o contato com diversas informações em tempos de globalização e o fácil acesso a diversos conteúdos faz destes uma geração propensa a se organizar em tribos. Nesse encaixe e diálogo teórico com a competência curricular ora analisada, entendemos a definição de tribo, como o aceleração das relações sociais, a capacidade de pertencer e transitar em diferentes coletivos de pessoas. As tribos contemporâneas, conceito atual para as subculturas, não prezam pela fidelidade aos dogmas do grupo, mas sim pela capacidade de assimilar diversos aspectos tendo em vista o intenso transitar em várias tribos. Uma nova definição para o conceito de subculturas juvenis, conforme a abordagem sociológica inglesa no campo das culturas juvenis (GUERRA; QUINTELA, 2016).

Transitar em diversas tribos é sobretudo ter atitude e posicionamento diante do mundo e daqueles que os formam. A memória coletiva do cangaço por ser um fenômeno multifacetado e plural que ao longo de mais de 100 anos passa por um processo de memorialização onde elementos do passado estão a todo momento sendo ressignificados no presente. São diversas manifestações que resultam em produtos culturais e/ou comerciais estando a se amalgamar no consciente e inconsciente da sociedade. Além disso, o cangaço por ter sido em certa medida um movimento de contestação composto por jovens²⁵ que se inquietaram de alguma forma com a situação de miséria e desmandos na época, pode de alguma forma servir de pano de fundo para alinhamentos inspiradores oportunizando aos alunos(as) algumas noções de resistência, senso crítico e tomada de decisões diante dos outros problemas do mundo e em especial os que

²⁴ Grifo nosso.

²⁵ Segundo Luiz Bernardo Pericás (2010) em sua obra “Os cangaceiros: ensaio de interpretação histórica”, por conseguinte o Relatório do Delegado Regional da 6ª Zona no ano de 1929 que em mais de 100 cangaceiros capturados e presos, raros eram aqueles que possuíam mais de 26 anos de idade. Há de frisar também até a entrada de criança como no caso de “Volta Seca”, este o mais novo de todos, com então 12 anos de idade, “José Roque”, “Beija Flor”, “Deus-te-Guie”, “Saracura”, “Roxinho” e “Pó Corante”.

os cercam, encontrando assim um ponto de equilíbrio entre desnaturalizar e ao mesmo tempo criticar o antagonismo de atitudes e decisões perante uma estrutura de mundo oferecida por aquela sociedade.

São relações necessárias para o amadurecimento de cada indivíduo, onde as reações diante dessas situações devem e precisam ser tomadas ou ao menos inquietar a todos que compõem e convivem com tais situações. As diversas circunstâncias individuais e estruturais de desigualdades sociais não devem de forma alguma serem naturalizadas ou justificadas por uma ideologia individualista e selvagem calcadas pela meritocracia e consubstanciada pela hierarquização e fragmentação dos indivíduos em sociedade.

Deste modo cabe ao ensino de História uma possibilidade para se trabalhar a realidade experimentada do aluno(a). Aquilo já vivido no passado impactou e pode ser revertido de alguma forma como contributo ao presente, maturando nos alunos(as) tomadas de decisões e posicionamentos perante situações problemas diante do mundo. São/foram decisões como estas que jovens, outrora comuns no início do século XX, tomaram para seguir a vida no cangaço, reverberando não só em seus cotidiano, mas por toda uma geração e sociedade.

A competência de nº 03 das CECH se propõe:

“Identificar, comparar e explicar a **intervenção do ser humano na natureza** e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que **contribuam para a transformação espacial**, social e cultural, de modo a **participar efetivamente das dinâmicas da vida social**”²⁶. (BRASIL, 2017, p. 358)

Durante muito tempo a História enquanto ciência esteve alheia às discussões acerca do tema da natureza²⁷. Nascida ainda no século XVI e vinculada ao campo da Física, Química e Biologia o conceito de natureza foi construído sob a mecânica clássica “newtoniana”, uma denominação aparentemente estática muito ligada ao cosmo, à totalidade e à denominação de espaço, desvinculada das ações divinas dos tempos medievais. Para Durval Muniz (2008) o século XIX é o tempo em que a burguesia passa a controlar a natureza não só em conceitos subjetivos, mas também quanto às definições empíricas. É o desabrochar dos zoológicos, parques, jardins botânicos, um sentimento de domínio a tudo que envolvia o natural, é nesta relação de controle de indivíduos sobre a natureza que o tema do cangaço se conecta com a competência nº 03 das CECH, manifesta nas expressões “intervenção do ser humano na

²⁶ Grifo nosso.

²⁷ Para enquadrar as discussões acerca do tema da natureza no recorte cronológico-temporal levamos em consideração o desvinculamento da Filosofia e o desenvolvimento da Ciência a partir do Renascimento, seguindo como referencial as considerações em Durval Muniz (2008). É oportuno elencar também as várias considerações anteriores à Modernidade acerca do tema da natureza ainda com as escolas Pré socráticas e mais incisivamente em Agostinho de Hipona São Francisco de Assis durante a medievalidade.

natureza”, “transformação espacial” e “dinâmica da vida social” relacionando estas últimas e ao mesmo tempo projetando o fenômeno do cangaço como uma espécie de janela para o aprofundamento de temas também ligados aos conceitos fundantes de natureza.

O movimento social do cangaço é predominantemente rural tendo a seca como pano de fundo para os agouros de uma grande parte de sertanejos localizados na região semiárida do nordeste do Brasil, ambiente predileto para ação de bandos armados que se recusavam a agir em zonas litorâneas muito urbanizadas, tendo em vista ser uma estratégia devido ao forte aparato de proteção policial nestas zonas mais densas e urbanizadas.

Entendemos que a mobilização do conteúdo do cangaço levará alunos a refletir não só sobre os problemas da escassez de água, mas sobretudo às transformações socioespaciais ao longo do século XX e XXI, um contexto de urbanização iniciada ainda nos de 1930, mas intensificada a partir da década de 1940 com ações de políticas públicas durante os governos de Getúlio Vargas. Uma sociedade em transição gradativa entre o agropastoril para uma sociedade burguesa-urbana-industrial. Uma dinâmica social em torno da ação humana sobre a natureza e os espaços que vão redefinir não só o século, mas a forjar as bases para modernização em curso nos dias atuais. O movimento social do cangaço é contemporâneo a essa sociedade em transição como nos mostra Durval Muniz (2013) em suas considerações acerca dos diferentes tipos sociais²⁸ nesta sociedade em transição.

Uma discussão pretérita que está diretamente a se realizar com o presente, a indústria da seca; os efeitos climáticos e suas conseqüentes mudanças; a intervenção direta dos indivíduos ao meio e seus espaços, a adaptação e novas formas de energias renováveis; ação do estado e as políticas ambientais, todos os temas podendo ser trabalhados de forma multidisciplinar²⁹ seja em uma aula ou em formato de projetos pedagógicos. O conteúdo do cangaço como ensejo para aprofundamentos reflexivos na questão ambiental e na intervenção do homem na natureza.

Para finalizar essa seção de Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental, evocamos a competência nº 05 (BRASIL, 2017, p. 358): “**Comparar eventos**³⁰ ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.” Apesar da redação

²⁸ Durval Muniz em sua obra *Nordestino: a invenção do “falo” uma história do gênero masculino* (2013) disseca a transição de uma sociedade agrária-pastoril à burguesa-urbana-industrial através de vários personagens no sertão nordestino: *homem eugênico, homem telúrico, homem rústico e bacharéis antipatriarcais*. O mesmo nos coloca no lugar de uma sociedade forjada sobre o decadente símbolo do patriarcado na qual o cangaço foi contemporâneo influenciando e sendo influenciado inclusive nas construções dos gêneros.

²⁹ Aqui sugere-se ação multidisciplinar entre os componentes de Geografia, Sociologia, Filosofia e Biologia.

³⁰ Grifo nosso.

um tanto quanto confusa pelo jogo de palavras idênticas e repetições, entendemos essa competência como elementar para o ensino de História. Qualquer conteúdo tem de alguma forma conexão e/ou função de estimular e desenvolver a capacidade comparativa entre tempos simultâneos e variados independente dos espaços. O conteúdo do cangaço não seria diferente, entender o que se passa no início do século XX e poder relacioná-lo aos dias atuais ou até mesmo a eventos da mesma época é quase que uma obrigação para qualquer um que queira estudar esse fenômeno.

Suas nuances em torno da violência, a concentração fundiária, a formação de bando armados como alternativa à vida de miséria, a resistência aos desmandos da própria polícia, também chamadas na época de volantes, são alguns dos exercícios que os alunos(as) podem fazer partindo do tema do cangaço, conectando-se à problemas semelhantes ou ainda recorrente aos dias de hoje. Marcos Edilson Clemente em seu livro *Lampião acesos: o cangaço na memória coletiva* (2009), entende o mesmo não como apenas um movimento de bandoleiros presos ao passado das primeiras décadas do século XX, mas sim uma manifestação que dá sentido a determinados elementos do cotidiano no tempo presente através de monumentos, festividades, memórias coletivas, valores culturais e morais. O cangaço transcende as ações de resistência/delituosas violentas. Comparar é apenas um exercício para se compreender vários aspectos e dimensões do passado e do presente, o cangaço como ponte de correlação histórico temporal e contexto diferente que se fundem e ao mesmo tempo manifestam na pluralidade de sua memória coletiva.

A exemplo, comparar a atuação de bandos armados de cangaceiros no início do século XX à atuação das facções criminosas em comunidades periféricas em grandes centros urbanos nos dias atuais seria uma possibilidade correlacional à subtemas como violência e ausência de ações efetivas do estado em regiões de vulnerabilidade. Faz-se importante que deixemos claro que não estamos aqui a igualar ou homogeneizar o cangaço às facções criminosas, é óbvio que em ambos os contextos e agentes são nítidas as diferenças fundantes. Mas a proposta é metodologicamente didática com efeitos comparativos diante das causas e consequências correlacionais já citadas e aqui repetidas para que fiquem muito claras: violência e ausência de políticas públicas do estado em comunidades e regiões vulneráveis.

1.1.3 COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL (CEEH)

Por História a BNCC entende ser um processo plural constituído de uma relação passado/presente não automática, nuances que envolvem principalmente a interpretação de fontes e documentos que resultam em uma ação retórica. Portanto, História como ciência seria interpretar e dá sentidos às fontes em prol da construção de narrativas, através de um corpo teórico-metodológico-reflexivo que de alguma forma se comunga também a história enquanto vivência, experienciada por todos inclusive o próprio professor(a) do componente curricular de História (BRASIL, 2017).

Contudo, não estamos a falar de um ambiente simples e mecânico, a história se fez e se faz num limbo de fronteira em constante disputa, um verdadeiro campo de batalha político e ideológico que tem a construção de narrativas como principal arma para todos os lados envolvidos. Como transformar esse ambiente de conflito e embates em instrumento de aprendizagem? Para Monteiro e Penna (2011) o ensino de História se configura em um lugar de fronteira, pois está no limiar de uma prática pedagógica e ao mesmo tempo um objeto de estudo, o professor(a) é instrumento e ao mesmo tempo objeto da história, o aluno(a) também, com a imaturidade de quem ainda não está com o senso crítico desenvolvido ao ponto de perceber tudo à sua volta para além dos olhos.

Para lidar com tais dilemas no campo do ensino de História a BNCC introduz um conceito um tanto quanto novo para documentos normatizadores no campo do ensino de História, a *atitude historiadora*. Não é proposta desta pesquisa realizar uma análise crítica³¹ do verbete, mas sim usá-lo como elemento de partida para o novo processo de ensino e aprendizagem contextualizando-o nessa nova dinâmica social de intensa troca de informações e cultura digital/visual.

Entende-se por *atitude historiadora* a capacidade de problematizar os significados das questões do mundo estimulando e produzindo conhecimento histórico dentro do próprio ambiente escolar. Não estamos aqui a falar que o aluno deva tornar-se um mini historiador, mas sim assumir um papel ativo no processo de ensino e aprendizagem. Apesar da novidade do conceito no documento, percebe-se que o termo está diretamente relacionado à essência prática proposta pela normativa, claramente uma estratégia de alinhamento ao neoliberalismo e o neotecnicismo predominante no mundo ocidental, tendo em vista que atitude deve ser consequência e não fim em si mesmo na educação (CALIL, 2015).

³¹ Para aprofundar mais sobre o termo “atitude historiadora” ver em Nascimento (2021) e Ramos (2019) com acessos respectivamente nos links: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ADED/article/view/248494>; <https://www.semanticscholar.org/paper/Compet%C3%A2ncias-gerais-da-BNCC-para-os-estudantes-dos-Ramos-Nascimento/1b7046fc725cedff1af0e0a8b5427c704d6a99a1>.

Ainda segundo o documento a *atitude historiadora* só será possível mediante um processo composto de algumas etapas que englobam: identificação, comparação, contextualização e interpretação que serão possíveis de atingir as competências específicas previstas e propostas pela BNCC.

Nesta terceira dimensão de competências propostas pela base comum, iremos mais uma vez abordar o conteúdo do cangaço em seu último nível o mais específico de todos, as Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental (CEEH), composto de sete competências e que verificamos em duas delas (01 e 03) ligações diretas com o conteúdo do cangaço. A competência de nº 01 propõe:

“Compreender acontecimentos históricos, **relações de poder** e processos e mecanismos de transformação e manutenção das **estruturas**³² sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.” (BRASIL, 2017, p. 404)

Antes que iniciemos as análises da competência nº 01 nas CEEH e suas relações com o conteúdo cangaço se faz necessário ressaltar algumas redundâncias em relação ao uso dos termos “posicionar-se” e “intervir” na competência nº 02 nas CECH e verificada em diversas outras competências já até então analisadas. Reiteramos que não é proposta nossa fazer uma análise crítica sobre as várias competências apresentadas em seus três níveis ou apontar quaisquer fragilidades em sua redação, porém é perceptível o esvaziamento de argumentos em relação à escrita de muitas das competências, corroborado pelas poucas referências teóricas que embasam categorias essenciais ao documento.

Portanto, evidenciar algumas repetições nos usos de alguns termos e até entendimentos contraditórios e confusos em várias das competências não tira o brilho especial dessa competência ora analisada. Nos termos “relações de poder” e “estruturas”, está a manifestar a preocupação em desenvolver o entendimento macro nos alunos das estruturas de poder e suas relações, fenômeno essencial para compreender as dinâmicas sociais e seus tempos. Para Koselleck (2006) o tempo é irreversível, as memórias se acumulam em camadas formando as experiências, o que o pensador chama de *estrutural temporal da experiência*. As sociedades são formadas por estruturas sociais construídas nos tempos de longa duração que fornecem de alguma forma sentidos aos eventos de curta duração que se justapõem e compõem os espaços de experiências, projetando inclusive horizontes de expectativas.

O movimento social do cangaço está inserido numa estrutura montada há séculos de desigualdades sociais, concentração fundiária e domínio por parte de uma elite agrária

³² Grifo nosso

conservadora. Os eventos produzidos pela ação de bandos armados na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX são reflexos imediatos das várias estruturas então existentes. Portanto, empreender para que os alunos(as) desenvolvam a capacidade de perceber, mesmo que superficial, a formação de tais estruturas, estando diretamente ligadas à constituição das relações de poder de grupos que disputam espaços e hegemonias, é parte essencial e competência singular do ensino de História.

O tema do cangaço construído através de horizontes de expectativas³³ como em algumas histórias em quadrinhos a exemplo em *O cabra*³⁴ (2010), escrito por Flávio Luíz e que mostra o personagem principal, um cangaceiro, que vive em um ambiente futurista onde a escassez de água é pano de fundo de lutas e relações de poder estruturados há séculos numa sociedade marcada pelo desperdício de seus recursos naturais. Portanto, o exemplo dessa HQ é mais um produto comercial/cultural criado em torno do fenômeno do cangaço e que mobiliza temas adjacentes em torno do movimento através de elementos estruturantes propondo horizontes de expectativas numa linguagem acessível e prática direcionada ao público juvenil.

Na competência de nº 03 nas CEEH:

“**Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos** e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, **a resolução de conflitos**³⁵, cooperação e o respeito.” (BRASIL, 2017, p. 404)

Segundo Azevedo (1990) em seu *Dicionário de nomes e conceitos históricos*, o cangaço, hoje é um termo incorporado ao folclore e à memória coletiva do nordeste brasileiro. No seu significado mais direto, representa um conjunto de objetos e utensílios carregados por aqueles que viviam numa sociedade estruturalmente desigual no sertão do Brasil. Somente a partir de 1889, quando as lutas por terra e melhores condições de vida ganham maior intensidade, passou-se a empregar ao conjunto de armas que os *valentões* carregavam, passando a representar não mais apenas os objetos de sobrevivência do sertanejo, mas um conjunto de indumentária que representava um estilo de vida, já que todos os cangaceiros andavam com os seus cangaços pela caatinga nordestina.

³³ Nesse encaixe teórico o conceito de Reinhart Koselleck (2006) atua como uma categoria do conhecimento que vislumbra perceber no movimento social do cangaço uma experiência vivida com expectativas para o tempo presente. A HQ como produto cultural/comercial explora esta categoria para tangenciar o vivido (experiência) e aquilo projetado (expectativas).

³⁴ A referida HQ será analisada mais profundamente junto a outros produtos comerciais/culturais no capítulo 02 deste trabalho à luz de enquadros teóricos da cultura histórica de Jörn Rüsen (2001) e cultura juvenil de Maíra Zimmermann (2017).

³⁵ Grifo nosso.

O termo passará a ser empregado na República Velha (1889-1930) aos bandos armados formados sempre por homens³⁶ desprovidos de quaisquer condições de sobrevivência em suas regiões de origem e/ou de atuação, marcados por códigos específicos de honra. Para Facó (1963), as estruturas socioeconômicas desta época em nada favoreciam aos carentes de terra, o domínio das aristocracias agrárias, personificada na figura do coronel/fazendeiro, sufocava – por intermédio dos *capangas* – cada vez mais os sertanejos, que na tentativa de lutar contra esta dominação opressora, se serviam de práticas como: saques, pilhagens, sequestros, tributação e pistolagem.

Em seu livro *Sociedade brasileira: uma história...*, Aquino (2007) apresenta suas causas para o cangaço. Estavam ligadas às más condições de trabalho e salários que eram proporcionados pelas elites dominantes latifundiárias da época. A estrutura violenta montada sobre as figuras dos *capangas* e dos *jagunços*, fizeram com que esses bandos armados nada mais fossem do que produto do meio social em que viviam. O exemplo mais característico está na figura de Virgulino Ferreira da Silva, conhecido pela alcunha de *Lampião*, o maior expoente de sua época, onde iniciou sua vida de cangaceiro com o objetivo de vingar³⁷ a morte de seu pai, morto pela violência banal da época.

Para alguns historiadores como Mello (2004) o cangaço é um banditismo produto da sua própria sociedade, onde homens e mulheres influenciados pelo meio social a que estavam sujeitos (violência, injustiça social, falta de oportunidade ao acesso à terra) se rebelaram consciente e inconscientemente a toda essa estrutura. Já Eric Hobsbawn (1969) considera o fenômeno como um banditismo social:

“...fenômeno universal, que ocorre sempre que as sociedades se baseiam na agricultura (inclusive as economias pastoris), e mobiliza principalmente camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados – por senhores, burgos, governos, advogados, ou até mesmo bancos...” (HOBSBAWN, 1969, p. 13)

Ainda em Hobsbawn, as generalizações acerca da teoria do banditismo social não nos parecem algo palpável, apenas nos servindo aqui como matriz teórica historiográfica do tema, com fins ilustrativos sob ponto de vista de escopo das matrizes teóricas acerca do tema do

³⁶ Somente em 1930 será verificado, pela primeira vez, a incorporação de uma mulher ao bando: Maria Gomes de Oliveira, a *Maria Bonita*.

³⁷ Em se tratando dos motivos da entrada de *Lampião* para o cangaço este é o entendimento mais tradicional, porém ao longo de vasta bibliografia e estudos historiográficos sobre o personagem é apresentado outras possibilidades e interpretações para tais motivos de entrada do mesmo para a vida do cangaço como: refúgio para rivalidades e disputas cotidianas de terras entre famílias (Ferreira e Nazarenos) na fazenda da Ingazeira, município de Vila Bela, atual Serra Talhada; outra possibilidade interpretativa para a entrada de *Lampião* para o cangaço é a meio de vida, optando por resistir e enfrentar as severas dificuldades impostas pelas estruturas desiguais da época. Para aprofundar no tema sobre os tipos e meios do cangaço ver Pericás (2010) e Mello (2013).

cangaço. Vale elencar a necessidade de entender o cangaço sob ótica do sertão e do sertanejo e não da Europa ou de qualquer outro conjunto de características exógena ao tema e/ou contexto do nordeste do Brasil

Com o escopo conceitual acerca do cangaço acima colocado, percebemos um movimento social do cangaço multifacetado em suas várias interpretações e tipologias, ora vistos como bandidos, ora vistos como produto do meio social, ora vistos como heróis símbolos da resistência dos agouros e desmandos da época. O fato é que essas múltiplas formas de se compreender e dá significado ao cangaço nos inspira e ao mesmo tempo nos conecta à competência de nº 03 das CEEH, tendo em vista que a mesma propõe, questionar, argumentar e supor com base em fontes históricas a realidade como exercício de resolução de conflitos cotidianos.

Nada melhor do que um tema controverso e plural como o cangaço para despertar tais habilidades que contemplem as competências de questionar e argumentar algo, pois o cangaço em si é a contradição mais pura e simples de homens que são vistos como heróis por uns e bandidos por outros; como entendê-los? Apenas mobilizando-os em sala de aula para perceber essas nuances. Associado a isso um espaço como escola, ambiente plural e multifacetado que se propõe essencialmente a construir caminhos que forneçam às gerações amparo para a sedimentação do pensar crítico e maturação enquanto indivíduo sociável que é. Ao mesmo tempo, através dos vários componentes curriculares, desenvolver aspectos cognitivos em diversos campos do conhecimento aprofundando e especializando indivíduos que possam de alguma forma contribuir para o engrandecimento da humanidade. Assim que se deve se portar a educação para o mundo, uma educação para a humanidade onde contemple esforços para construir pilares que sustentem verdadeiramente a vida humana no planeta. A História e o currículo prescrito são parte importante de todo esse contexto e processo.

As competências e habilidades são partes cruciais de um documento que marcará uma reordenação do contexto educacional no país. A Base Nacional Comum Curricular, que ainda se processa em fase inicial de sua implementação merece atenção especial, o empenho em alinhar o sistema educacional do país aos indicadores internacionais e organismos supranacionais de cunho neoliberal e neotecnicista a uma educação calcada na prática e na resolução de problemas cotidianos sem qualquer estímulo ao senso crítico. Percebe-se também o cuidado em incentivar o aluno(a) a intervir no mundo através de diversos elementos que estão a se apresentar na base comum, associado ao currículo diversificado.

A BNCC oportuniza aos docentes, ao menos em tese³⁸, a liberdade e autonomia de escolha. São rotas que o documento chama de *trilhas* que pavimentarão caminhos para um projeto de vida de cada educando e educanda. Portanto, se faz imprescindível ao professor a sensibilidade e atitude de subverter o referido documento normativo no próprio chão da escola, criando novas possibilidades que possam encontrar nos conteúdos as diversas perspectivas de maturar o senso crítico nos alunos(as), algo que o próprio documento não tem como prioridade.

Nesse contexto o professor(a) e mais especificamente o professor(a) de História traz para si a responsabilidade de ampliar mais ainda sua incumbência junto à educação, que cada vez mais caminha para a mercantilização de sua essência. O ensino de História deve portar-se como instrumento criativo e de resistência a tal processo quase que inevitável. Tempos de luta, mas a História nunca fugiu delas!

1.2 CANGAÇO E SABERES EXPERIENCIAIS: UMA RADIOGRAFIA³⁹ NO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

O conhecimento é a opção racional mais viável à prática docente, segundo Gauthier (2006) o professor(a) é um agente eminentemente racional que se manifesta através de três formas: *subjetividade*, *juízo* e *argumento*. O primeiro seria uma construção interior caracterizado por um diálogo e amadurecimento interno daquilo que se passa a acreditar, o professor(a) como qualquer outro indivíduo vive esse amadurecimento íntimo de suas convicções por toda a vida, mas este o faz como ofício.

O segundo, o *juízo*, é a conexão do mundo interior com o mundo exterior, partindo das subjetividades construídas no íntimo o professor(a) avaliando e julgando suas ações, fenômenos, práticas e tudo aquilo à sua volta. O *juízo* é a manifestação da subjetividade humana sobre o mundo, o professor(a) de História está a todo instante balizado por esse *juízo* em suas micro ações diárias em sala de aula. A terceira e última forma do conhecimento, o *argumento*, está centrada numa ação discursiva onde o professor(a) de História negocia através dos argumentos sua subjetividade calcada em *juízos* diários. A sala de aula como um ambiente de troca, mas acima de tudo de construção, onde o professor(a) não deve ser visto como o dono

³⁸ Analisar os discursos, as retóricas e estratégias utilizados pela BNCC com o intuito de disfarçar problemas dentre eles as ilusões em torno das liberdades e escolhas dos alunos indicamos a leitura de OLIVEIRA; CAIMI (2021).

³⁹ Entendemos aqui por radiografar como: dissecar, adentrar, conhecer melhor o interior de algo. Portanto o termo será utilizado numa tentativa de ilustrar os níveis de profundidade a que a recolha e interpretação de dados nos permitiu sobre o conteúdo do cangaço e suas mobilizações em sala de aula através do ensino de História.

da situação ou soberano de tudo. Seus argumentos não devem ser vistos como uma prática doutrinadora ou algo a ser imposto, mas sim como um instrumento de edificação do conhecimento, onde alunos poderão pavimentar caminhos de autonomia subjetiva e racional com sua própria *subjetividade e juízo*.

A verdade não está no fato em si, a História não busca a verdade, mas sim construir narrativas através de uma prática interpretativa baseada em fontes históricas através do rigor do método científico. O cangaço, como qualquer outro evento ou fenômeno da história, não deve ser analisado sob a ótica da verdade, mas sim à luz de um fenômeno materializado através de memórias coletivas mobilizadas e reatualizadas ao longo das últimas décadas, verificando-se usos do passado no presente. Pouco importa hoje se *Lampião* é herói ou bandido, cometeu ou não crimes, o cangaço atualmente é tradição, é memória viva a se manifestar em diversas facetas do profano ao sagrado. *Subjetividade, juízo e argumento* postos numa intensa relação que tem a sala de aula, o professor(a) de História e o aluno(a) como instrumentos à serviço de um processo de ressignificação (CLEMENTE, 2009).

Esse laboratório de práticas cotidianas está a se articular sob um saber tanto individual como social, tecido num ambiente de negociações coletivas entre o professor(a), sua individualidade e aquilo que está posto pelo coletivo. O conteúdo do cangaço seria uma forma de catalisação de todo esse processo que está a se relacionar com aspectos da identidade em momentos a se modelar através de algumas categorias tangenciais acerca dos: valores, linguagens, estética, resistência, religiosidade, violência entre outras. Todas refletidas e amalgamadas aos saberes experienciais dos professores(as) a refletir-se em sala de aula. Para Tardif (2017):

“...o saber do professor traz em si mesmo as marcas de seu trabalho, que ele não é somente utilizado como um meio no trabalho, mas é produzido e modelado no e pelo trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho multidimensional que incorpora elementos relativos à identidade pessoal e profissional do professor, a sua situação socioprofissional, ao seu trabalho diário na escola e na sala de aula.” (TARDIF, 2017, p. 17)

Portanto, entender esse processo e contexto de ensino e aprendizagem se faz necessário escutar o professor(a) para compreender sua constituição. A mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula, por ser multifacetado em sua essência, envolve as composições coletivas a que está inserido o professor(a) de História, coadunado às suas *subjetividades, juízos e argumentos*.

Esta parte do trabalho um tanto audaciosa ainda quando pensado e planejado, visa radiografar as diferentes formas de mobilização do conteúdo do cangaço em salas de aulas em todas as 27 unidades federativas do país constituídas em 5 grandes regiões, a mesma se deu através de metodologia de aplicação de questionário em Google Forms direcionada a dois professores(as) de ambos os gêneros em todos os estados do Brasil. Os dados serão interpretados sob a luz do enquadramento teórico dos saberes experienciais em Tardif (2017) e Gauthier (2006), assim nos ajudando a decifrar e ao mesmo tempo entender as diferentes formas de saberes práticos compreendidos e amalgamados nos professores(as) ora questionados.

1.2.1 O QUESTIONÁRIO

A pesquisa foi realizada entre os dias 04 e 30 de outubro de 2022 em grande parte quando da realização do *II Congresso Nacional do Profhistória* realizado na cidade do Rio de Janeiro nas dependências da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ. Na ocasião foi possível aplicar o questionário a diversos professores e professoras de todo o país ali reunidos. Em todo o processo foram 60⁴⁰ participantes sendo 27 professoras e 33 professores oriundos das 27 unidades federativas do Brasil.

Atingimos todos os níveis e modalidades de ensino da Educação Básica, professores(as) que afirmaram lecionar no Ensino Infantil (5%), Ensino Fundamental (81,7%), Ensino Médio (66,7%) e Educação de Jovens e Adultos/EJA (20%) constatadas em todas as redes de ensino: Privada (10%), Municipal (38,3%), Estadual (68,3%) e Federal (5%) num tempo de experiência que variava de 01 a/ou mais de 15 anos, sendo que a maioria já havia ultrapassado a marca desta última em sala de aula (30%); o que pode nos dizer muito sobre os saberes experienciais que estão diretamente ligados ao tempo de docência e que será analisado mais adiante em outra seção deste capítulo.

Quanto ao nível de titulação verificou-se, confirmando aquilo o que já se sabe e é debatido há tempos no campo das políticas públicas e qualificação docente, a fragilidade na formação continuada dos professores da Educação Básica, onde mais da metade (60%) dos

⁴⁰ A princípio fora planejado o número de dois professores por estado perfazendo um total de 57 pesquisados, sendo um homem e uma mulher para cada, porém por questões de logística não conseguimos atingir o número equitativamente de gênero, porém chegamos bem próximo numa proporção de 45%/55%. Vale ainda ressaltar que excedemos o número de três participantes também por conta de logística na aplicação do questionário, o que optamos em não excluir, o que não invalida a pesquisa, mas sim reforça.

professores(as) pesquisados ainda não progrediram seus estudos de aperfeiçoamento, tendo realizado apenas graduação e especialização em nível de *lato sensu*; 38,3% já atingiram o grau de mestre e apenas um professor concluiu doutorado, o que representa 1,7% no universo de toda a pesquisa.

Apesar da pesquisa representar um universo muito pequeno em relação ao quantitativo total de professores que compõem a Educação Básica no país, os dados ratificam o quanto que as políticas públicas de qualificação docente estão aquém daquilo que ao menos é proposto pela própria BNCC e outros documentos normativos. Há de se frisar o aumento das exigências e amplitude de atuação da prática docentes conforme analisado na primeira parte deste capítulo nas novas proposições da BNCC, professores que agora necessitam se multifacetar em diferentes formas, práticas e responsabilidades.

A sensação é que aumentou a responsabilidade sobre a escola e conseqüentemente aos professores(as), havendo uma diminuição de responsabilidades sobre os ombros da família, competências que vão do emocional, passando pelo cognitivo chegando ao financeiro, fazem da nova BNCC um grande desafio jogado no colo da escola e mais especificamente no do professor(a). Ao docente de História, aquele que cumpre um papel importante dentro do campo das Ciências Humanas, resta a opção de enfrentar mais um desafio ora destinado com pouca ajuda daqueles que o poderia mais o amparar, o Estado.

1.2.2 VIOLÊNCIA, CANGAÇO E SABERES EXPERIENCIAIS

O cangaço sempre foi visto sob o signo da violência, não seria diferente, um movimento marcado também por uma sociedade que tinha como trinômio: coragem, trabalho e honra. Associados a isso às lutas constantes por terra, vingança, omissão do Estado e do aparato policial e jurídico vigente na época. Da primeira e da terceira categoria especificamente podemos entender por que o cangaço sempre esteve associado a violência. Segundo Luitgarde Barros (1998) as sociedades violentas partem de uma organização interna desequilibrada, porém a violência sempre foi algo visto desde a época dos antigos, por que na sociedade do cangaço temos esta categoria em maior evidência? É dela que partiremos para analisar os diversos saberes experienciais de professores e professoras envolvidos na pesquisa ora realizada nessa seção do trabalho e anteriormente apresentada.

Vale ressaltar que o movimento social do cangaço se estruturou num período entre guerras. Com o advento da mídia radiofônica e impressa foi possível acessar os horrores dos grandes conflitos do século XX, fenômeno também chamado de *indústria da guerra*. Uma

sociedade forjada em meio a um sofrimento ora à distância visto nos grandes conflitos mundiais através da mídia da época, ora próximo com os grandes levantes que serão produzidos em especial no Nordeste do Brasil, mas em geral em todo o território brasileiro marcados pela fome, miséria, violência e forte desigualdade: *Revolta da Armada* (1981/1984), *Revolta de Canudos* (1897), *Revolta da Vacina* (1904), *Revolta da Chibata* (1910), *Guerra do Contestado* (1912), *Revolta e a Sedição de Juazeiro* (1914) e o *Movimento Tenentismo* (1922).

Luitgarde Barros (2018, p. 65) citando Henri Bergson defende que o contexto de sofrimento ativa inconscientemente alguns mecanismos de memória/esquecimento, uma relação íntima na constituição do imaginário e na identidade dos indivíduos. Com isso, para a autora o contexto de agouros, sofrimentos e violência banal da época estabelece um ambiente favorável à construção de formas de resistência por parte de seus contemporâneos se constituindo em alternativas para viver num contexto social tão hostil.

Aos professores(as) de História nos dias de hoje também segue a regra proposta por Bergson citada por Luitgarde (2018, p. 65). Aqui refiro-me às dificuldades de viver em grandes centros urbanizados marcados também pela violência banal e/ou aquela relacionada ao crime organizado seja ligado ao tráfico ou às milícias. 75% dos professores(as) pesquisados residem em grandes ou médios centro urbanos⁴¹ que de alguma forma vivem ou evidenciam a violência como elemento incorporado em seu cotidiano, o que nos faz pensar de alguma forma o quanto que esta categoria (violência) está a refletir também nos saberes experienciais dos professores e professoras ora pesquisados, que por conseguinte incidirá nas tomadas de decisões macro e micro tangenciando a subjetividade, o juízo e a argumentação conforme proposto anteriormente como elementos de formação do conhecimento racional.

A violência praticada pelo bando de *Lampião*⁴² expurgou uma massa de sertanejos para os grandes centros urbanos na primeira metade do século XX, devido às ações delituosas e violentas como: roubos, saques, estupros, assassinatos e covardia com que tratavam aqueles que atravessavam ou não seu caminho. Esta massa será sedimento para formação dos grandes conglomerados de favelas, hoje chamadas de comunidades numa tentativa sociológica de humanizar aqueles que vivem num ambiente marcado também pela violência e o crime. Não estamos aqui a comparar o cangaço com o crime organizado e/ou as milícias das grandes favelas nos dias atuais, mas sim relacionar fenômenos da história em tempos distintos que unem

⁴¹ Por médios e grandes centros urbanos tomamos como base as definições do IBGE às cidades médias com uma população entre 50.000 e 100.000 habitantes e grandes centros urbanos entre 100.000 a 900.000 habitantes.

⁴² Não é intenção nossa resumir o movimento social do cangaço apenas a *Lampião*, mas perceber que em sua época tivemos o auge das ações violentas. Para conhecer mais sobre o tema, ver as denominações *endêmico tolerado* e *epidêmico repellido* em Frederico Pernambucano de Mello (2013).

a todos em torno de algo a se discutir nesta parte do trabalho, a violência. Cangaceiros, sertanejos retirantes, moradores de comunidades carentes, crime organizado, milícias, professores e professoras de História moradores de grandes núcleos urbanos, todos de alguma forma ligados pelo signo da violência.

Ainda para Luitgarde Barros (2018) entre o início do século XXI e o contexto do início do século passado percebemos alguns elementos correlacionais, milícias em grandes cidades que tomam para si a responsabilidade de uma pseudo segurança, ocupando espaços ora de responsabilidade do Estado. O cangaço também em certa medida se aproveitava das falhas do Estado para aliar-se a este e imprimir uma pseudo segurança armada muitas vezes terceirizada por coronéis, políticos e até religiosos da época, partes de uma estrutura de poder que se retroalimentavam da própria falha do sistema. Com o advento da modernidade⁴³, o Estado toma para si em definitivo a responsabilidade do controle das demandas sociais até os anos 1990, quando verificamos a diminuição de sua cobertura especialmente em áreas de vulnerabilidade social verificadas conforme crescimento da atuação em comunidades hoje controladas pelo crime organizado seja pelo tráfico e mais recentemente as milícias.

Cabe citar o papel da imprensa, especialmente a sensacionalista, no reforço deste contexto de alerta sobre a violência, vender sangue nas capas seja de jornais impressos, revistas e hoje em portais de internet ou em telejornais policiais é uma forma também de cristalizar a violência na identidade social dos indivíduos consciente ou inconscientemente. A literatura de cordel de uma forma romantizada já fazia isso no interior do sertão narrando as histórias e horrores cometidos por *Lampião* e seu bando. Histórias que povoavam o imaginário daqueles que outrora saíam de sua terra natal para buscar refúgio em grandes capitais onde o Estado ainda controlará, este que tempos depois também negaria tal segurança e lhe colocaria sob o controle do crime organizado e mais recentemente nas mãos das milícias (BARROS, 2018).

Vale elencar que apesar da faceta violenta empreendida pelo movimento do cangaço a todos os seus contemporâneos e que de alguma forma reverbera aos dias atuais seja nos saberes experiências de professores(as), seja na produção cultura do imaginário popular, o cangaço também se fez em forma de resistência, desafiando sob o ponto de vista as estruturas vigentes e o *status quo*.

⁴³ Entendemos aqui como modernidade o conjunto de políticas públicas com ênfase nos espaços urbanos a partir de 1930 quando do início da Era Vargas e mais intensamente nos idos de 1950 no governo de Juscelino Kubistchek. Neste último governo chegou-se a atingir taxas de crescimento populacional urbano em algumas capitais de 5%, chegando em 1970 a representar 56% do total populacional do país.

Para Costa (2021) uma sociedade sertaneja era estruturada sempre em torno de um líder, alimentada pelas precárias condições de vida a que a maioria estavam sujeitas, o que fazia a necessidade de sempre se ter alguém a ajudar o outro. As massas, fazendo do sertanejo uma presa fácil para o sistema que ocupava o vácuo social com ações paternalistas centradas na figura do coronel/fazendeiro. Líderes que na maioria das vezes se aproveitavam desta situação para se fazer fortes e dependentes, uma conjugação perfeita ao mandonismo da seca, necessidade, dependência e provedor/liderança

Mas não estamos nesta parte do trabalho a fazer uma análise sobre as formas de resistências e/ou violência em si nos grandes centros urbanos, mas sim a utilizá-los como ponto de partida de análise dos diversos saberes experienciais de professores(as) participantes da pesquisa anteriormente citada, relacionando violência, cangaço e saberes experienciais. Como a violência influencia nos saberes experienciais quando da mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula? Quais outros temas para além da violência são mobilizados por professores de História quando do uso do conteúdo do cangaço em sala de aula? A violência é de fato um signo que marca o cangaço nos dias de hoje? Essas e outras perguntas serão respondidas e principalmente analisadas nas diversas formas de mobilização do conteúdo do cangaço apresentadas pelos 60 professores(as) de História que responderam ao questionário ora analisado.

Quando lhes perguntados sobre como foi apresentado a temática da violência 51,7% afirmaram ser na formação acadêmica ou profissional e/ou 33,3% por iniciativa própria e/ou 45% afirmaram haver a necessidade de entender os contextos sobre o tema da violência o que nos induz a pensar que compreender o tema da violência não é apenas algo profissional, mas também pessoal, cada professor e professora sofre direta ou indiretamente com as consequências do aumento da criminalidade em diversas regiões do país⁴⁴.

Quando inserido o tema da violência no contexto de sala de aula confirmamos quanto o tema é caro e sensível a todos os envolvidos no ambiente escolar para alunos(as) e professores(as). 53,3% destes afirmaram que o tema surge dos alunos e 80% dos docentes inserem por conta própria a temática em sala de aula. É perceptível o quanto a violência se tornou um tema naturalmente inserido no cotidiano de todos e todas, seja com alunos(as), mas principalmente por professores(as). Discutir, debater e compreender tornou-se alento para

⁴⁴ Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil registrou 47.503 homicídios no ano de 2022, o equivalente a 130 mortes por dia, representando uma queda nos índices desde quando a série histórica passou a ser contabilizada. Porém a marca ainda é muito acima dos referenciais internacionais de 102 países que compõem a ONU. (<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-menor-taxa-de-homicidios-em-dez-anos-diz-anuario/>, pesquisado em 07/04/2023).

Conclui-se que a banalização da violência nos dias atuais especialmente nas grandes cidades está a compor um dos elementos de formação dos saberes experienciais de docentes em todas as regiões do país, refletindo-se diretamente na condução e mobilização de conteúdos que tangenciam a violência em sala de aula. Sendo uma opção viável, atual e de suma importância relacionada à tomada de decisões ao longo da vida cotidiana. Para 91,7% de nossos entrevistados o conteúdo do cangaço seria uma ótima oportunidade para refletir sobre as diversas formas de violências ao longo da história inclusive simbólicas, quando perguntados, verificamos uma gama de possibilidades trabalhadas em sala de aula: discurso de ódio, violência no campo, violência policial, violência estrutural e violência de gênero.

1.2.3 CARTOGRAFIA⁴⁵ DO CANGAÇO NO ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DOS SABERES EXPERIENCIAIS DE PROFESSORES NO BRASIL

Percebido que o tema da violência é um elemento que está inserido no constitutivo simbólico e identitário de todos em especial daqueles que vivem nos grandes centros urbanos a incluir professores e professoras; percebido que o cangaço se relacionar, entre outros elementos, com a violência; e de que pode vir a ser uma importante janela de reflexão junto a alunos(as) em sala de aula conforme dados apresentados acima, iremos nesta parte do trabalho analisar e ao mesmo tempo apresentar as diversas formas de mobilização do conteúdo do cangaço nos 27 Estados que compõem o país.

Serão considerações que abordarão mapeamentos de ordem conceitual, didático e prático que espelharão o conteúdo do cangaço em todo o território nacional, fazendo deste trabalho uma relevante contribuição não só para o campo de pesquisa do cangaço, mas também ao ensino de História, justificando assim o uso da definição cartografia. Uma variação da Cartografia Clássica que visa a caracterizar social e culturalmente, segundo demandas específicas, como: temas, fenômenos, espaços e grupos sociais.

Para Marcos Edilson Clemente em sua obra *Lampião Acesos: o cangaço na memória coletiva* (2009):

“Os municípios envolvidos diretamente com a história do cangaço tentam construir, ou inventar, suas identidades através do reforço dos vínculos que mantiveram no passado com Lampião, não importando se as imagens em jogo são ou não favoráveis ao cangaceiro.” (CLEMENTE, 2009, p. 24)

⁴⁵ Aqui entendemos cartografia como um conceito social que visa analisar e construir crítica e metodologicamente caracterizações socioespaciais com diversos propósitos. Nesta ocasião propusemos a compreender a mobilização do conteúdo do cangaço através do ensino de História e suas diversas formatações e variações em todas as regiões do país.

É importante destacar que não estamos a falar de um movimento morto na história, de o *Cabeleira*⁴⁶ a *Lampião* o fenómeno passou de ações isoladas para endêmicas em sete estados nos sertões do Brasil. O cangaço passou de um movimento rural de resistência no início do século XX para um conjunto de memórias refletidas no individual e coletivo das pessoas, transformadas em tradição no Nordeste e em diversas regiões do Brasil, monumentalizados em várias formas: festividades, vestimentas, musicalidades, folclore, lendas, museus, literatura, cinema, associações culturais, enfim, são muitas as manifestações culturais atuais do cangaço que corroboram para a importância da mobilização desse conteúdo em sala de aula, aproveitando o seu potencial estímulo reflexivo para diversas categorias tangenciais a serem trabalhadas pelo professor(as) de História.

A pesquisa confirmou o potencial acerca do conteúdo analisado mostrando níveis de interesses satisfatórios entre alunos(as) e professores(as). No caso dos primeiros 15% demonstram alto interesse, 41,7% demonstram moderado interesse ao tema do cangaço o que juntos perfazem um universo de quase 60% do alunado; no universo dos professores(as) o conteúdo do cangaço desperta mais ainda a atenção, 30% responderam ter nível alto de interesse e 60% para interesse moderado o que juntos mostram um total de 90% de alguma forma demonstrar interesse para o tema do cangaço.

Entendemos que os saberes experienciais estão de certa forma a sofrer influência destes dois elementos ora analisados: violência e cangaço. Os saberes experienciais não são conhecimentos fechados em si mesmo, mas sim uma importante parte de um todo que Tardif (2017) chamará de saberes docentes, este será composto por quatro formas de saberes⁴⁷: saberes profissionais, saberes pedagógicos, saberes curriculares, saberes disciplinares e por fim, o mais aprofundado por Tardif, os saberes experienciais.

Baseado em meus 15 anos de experiência em sala de aula realizados em todas as redes e modalidades de ensino da Educação Básica, penso que em certa medida há um descompasso nessas diferentes formas de saberes, desequilibrando interiormente não só a formação profissional, mas a própria prática docente, verificando nas diferentes realidades⁴⁸ um

⁴⁶ José Gomes, conhecido como *Cabeleira* nasceu em 1751 em Glória do Goitá, municípios de Vitória de Santo Antão, na Zona da Mata pernambucana. Entrou para o cangaço por influência do pai, Joaquim Gomes, um também criminoso da época. Ao longo de sua vida de crimes cometeu - com extrema crueldade e violência - saques, assassinatos e roubos. Foi preso em 1786 quando fugia da polícia, onde foi julgado e condenado à forca em 28 de março. Teve sua história contada por dois grandes escritores: Franklin Távora e João Cabral de Melo Neto.

⁴⁷ Para aprofundar mais sobre as 5 formas de saberes ver Tardif (2017).

⁴⁸ A essas diferentes realidades me refiro especificamente às redes públicas e privadas de ensino, que com propostas e modelos diferentes, segmentam e segregam mais ainda a sociedade ao acesso ao mercado de trabalho. É perceptível o direcionamento dos alunos(as) oriundos da rede privada de ensino ao ambiente acadêmico das

distanciamento daquilo proposto e ensinado na formação acadêmica e profissional e naquilo que se vive no âmbito da prática docente no chão da escola. Uma produção de saberes muitas vezes distante das diferentes realidades vividas em sala de aula, um contexto criado intencionalmente para fragmentar não só a prática docentes, mas os próprios indivíduos que estão a compor o ambiente escolar e por conseguinte organizados em coletivos sociais, que precisam estar divididos em funções previamente estabelecidas por um sistema capitalista que em sua essência é individualizado e desigual.

A escola hoje, impregnada pelo discurso da meritocracia, não tem mais a função primeira de formar para vida, para o seio social, mas apenas ser uma etapa à parte para que poucos se qualifiquem com o intuito de ocupar os melhores postos de trabalhos oferecidos por esse mesmo sistema acima citado, que mantém toda a estrutura a serviço de poucos privilegiados. Resta à grande maioria concluir estudos elementares para ocupar postos inferiores que os mantêm alienados sem qualquer benefício que o sistema possa oferecer.

Ao professor de História⁴⁹, uma pequena peça nessa grande engrenagem e muitas vezes alheio à produção de saberes, resta se vê no chão da escola a produzir seu próprio conhecimento, este quase sempre distante dos outros saberes ora citados um pouco acima.

“No exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis.” (TARDIF, 2017, p. 49)

Os saberes experienciais transformam o professor(a) em um produtor quase que diário de práticas de ensino, são inúmeras as situações problemas vividas em sua rotina prática muitas vezes não prevista no âmbito da formação acadêmica e profissional. O tempo passa a ser um importante aliado para o amadurecimento de aspectos práticos levando o professor(a) a necessidade de saber lidar com programas e normas curriculares; conteúdos específicos e recursos didáticos; relações extra e intraescolares que envolvem quase sempre aspectos psicoemocionais; elementos de formação e todas as demandas exógenas à escola que mudam constantemente numa sociedade líquida.

Em suma o professor(a) na atualidade é forjado na égide do tempo, precisando fazer-se um negociador hábil a relacionar uma gama de saberes em um contexto escolar composto

universidades, enquanto que as escolas públicas, com todos os seus problemas estruturais, direcionam o seu público em grande medida à subempregos tornando-se massa de manobra, intensificando e ao mesmo tempo reforçando mais ainda a disparidade econômica e social.

⁴⁹ Estamos aqui a nos referir ao professor de História por ser um trabalho no campo do ensino de História, porém esta reflexão se aplica a todos os professores de outros componentes curriculares.

por diversos agentes num ambiente sob forte influência de contextos externos latentes e voláteis, um desafio diário para todos e todas que têm a educação um sacerdócio.

Neste desafio diário de negociar saberes e resolver situações problemas no cotidiano escolar, nos chama atenção a diversidade de mídias e plataformas a que a memória do cangaço está a se ressignificar e se apresentar, uns mais outros menos, mas é vigorante ver o tema se fazer presente na formação acadêmica e profissional (65%); jornais, revistas e livros (68,3%); televisão (45%); internet (50%); eventos temáticos (13%); e museus e/ou espaços culturais (28,3), como nos mostra o gráfico a seguir:

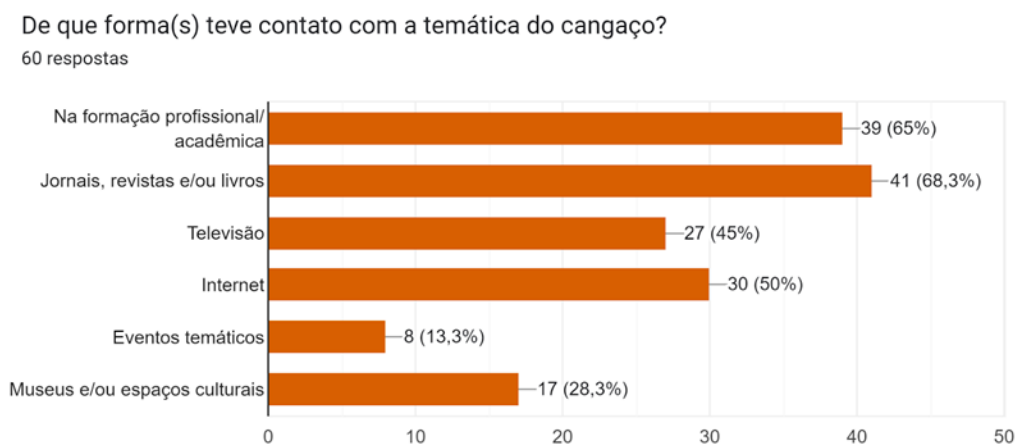


Gráfico 02: Levantamento de como professores de História têm acesso à conteúdos sobre o cangaço. pesquisa realizada entre os dias 04 e 30 de outubro de 2022

Os dados de como os professores(as) pesquisados têm acesso aos conteúdos sobre o cangaço nos mostram algo que já sabíamos e já citado anteriormente no trabalho. O cangaço se adapta, se ressignifica, se transforma segundo cada grupo, sociedade e suas demandas locais e internas.

Por vivermos em tempos de globalização e cada vez mais conectados à diversas formas de mídias e plataformas digitais, podemos perceber os conteúdos sobre o cangaço sendo criados segundo demandas e públicos específicos. Os professores(as) seguem tal dinâmica, apenas uma ressalva nesta parte da pesquisa, ao baixo interesse por realizações de eventos temáticos (13%) realizados no país sobre o referido tema. Com isso nos leva a crer, ao menos *a priori*, que a redução do número de eventos acerca da temática do cangaço pode estar relacionada à saturação no próprio ambiente acadêmico devido ao grande volume de produções de trabalhos científicos nas últimas décadas e também ao grande número de produções comerciais/culturais. O que nos aponta para diversas possibilidades, o que não

aprofundaremos, pois não é objeto de estudo deste trabalho. Deixando registrado a sugestão para em uma outra ocasião, o levantamento histórico de como o tema do cangaço se construiu no ambiente acadêmico ao longo de mais de 10 anos de historiografia do movimento.

O movimento social do cangaço deu-se no âmbito da Primeira República (1889-1930), um dos mais longos períodos da história do Brasil, um ambiente marcadamente convulsionado e de várias transformações de ordem política, social, econômica e cultural. Alunos(as) precisam estar de alguma forma preparados para lidar com todas essas contradições, sendo o professor(a) de História o responsável para tal. 91,7% dos professores(as) pesquisados afirmaram trabalhar o conteúdo do cangaço no contexto de Primeira República, quanto aos motivos a se trabalhar o conteúdo em sala de aula, 52,7% entendem ser importante para se compreender a sociedade sertaneja e 70,9% justificaram que abordar o cangaço em sala de aula dar-se pela necessidade de compreender o Brasil.

A pesquisa confirma que para além do interesse já demonstrado anteriormente por parte de alunos(as) e professores(as), a necessidade de uso do conteúdo do cangaço se faz urgente em contextos micro e macro da sociedade. Mobilizar o conteúdo do cangaço no contexto de Primeira República é uma boa oportunidade para através dele, refletir sobre aspectos políticos e sociais para além de uma época passada, é perceber o cangaço em sua forma multifacetada tangenciando-o à diversas categorias como: violência, questões fundiárias, movimentos de resistências, cidadania, valores morais, memória, tradição, estética.

58,3% dos professores(as) pesquisados responderam levar para sala de aula temas transversais que margeiam o conteúdo do cangaço quando da sua mobilização em sala de aula entre eles: gênero; “estereotipização” de nordestinos e do MST; questões fundiárias e luta pela terra; agronegócio e aspectos econômicos; memória e usos do passado no presente; desigualdades social, fome, seca e miséria; violência e suas diversas formas; formação e controle de poder paralelo em comunidades carentes nos grandes centros urbanos; migrações sazonais ligadas à aspectos econômicos no processo de urbanização de algumas regiões do país; literatura de cordel e as diferentes formas de linguagens populares. Um extenso cardápio de temas bastante variado que mostra o quanto que o conteúdo do cangaço pode ser uma janela para o conhecimento de diversos temas, conforme nos mostra abaixo a nuvem de palavras criada segundo as respostas dos professores(as):

professor(a) pois bem, nas três respostas dadas pelos(as) professores(as) segue a seguinte análise.

O *projeto pedagógico A* mostrou uma mobilização do conteúdo do cangaço em formato de debate, onde no evento se discutiu as diferentes interpretações de *Lampião* como herói de uma resistência ou bandido facínora, uma vertente que faz o aluno(a) refletir sobre as diversas perspectivas acerca de temas específicos como: cidadania, ética, valores morais, leis e transgressão delas, mas sobretudo imerge o aluno nas discussões mais profundas e antigas no campo de pesquisa sobre o cangaço, levando-os, mesmo que superficial e inconscientemente, a acessar as matrizes ideológicas e teóricas sobre o tema do cangaço, tendo em vista que as primeiras discussões acerca do movimento, foram exatamente distinguir ações de *Lampião* do contexto de seca, fome e miséria das ações criminosas que afetavam várias comunidades na região sertaneja de sete estados por onde percorreu o seu bando.

As matrizes teóricas do movimento social do cangaço segundo Vinícius Ferreira Ribeiro (2021) em sua dissertação de mestrado *A historiografia do cangaço revisada: três matrizes interpretativas*, o mesmo propõe três coerentes arcabouços teóricos que sedimentaram caminhos para a grande parte das pesquisas sobre o cangaço e consequente bases de informações para recursos didáticos e o ensino de História em todo o país: a primeira vertente, em desuso, mas importante até a década de 1980, está ligada à geração do escritor cearense Gustavo Barroso que produz um enquadramento teórico muito associado às teorias eugênicas e raciais calcadas em preconceitos da época, onde concebia o cangaço como um movimento rural de analfabetos e pobres sertanejos inferiorizados aos demais grupos sociais. Utilizou a metodologia das comparações muitas vezes superficiais, mas válidas para época (1950), entre diversos movimentos banditistas pelo mundo.

A segunda vertente está dividida em duas gerações de pensadores com Ruí Facó e Erick Hobsbawm, cada um na sua linha de entendimento verificamos o tema do cangaço influenciado sob a ótica do marxismo, um movimento ligado à estruturas econômicas e disputas entre classes pelo domínio da terra, principal meio de produção em um Nordeste ainda rural. É nessa segunda vertente que inconscientemente se baseia o *projeto pedagógico A* e o *projeto pedagógico B*, alunos(a) envolvidos num debate que tentam entender o movimento sobre a ótica do criminoso ou do herói, do legal e do ilegal, da resistência ou do conformismo ao sistema, alunos imersos em questões profundas filosófico-teóricas sobre cangaço, violência, crime e sociedade.

A terceira e última vertente, que compõe a matriz teórica segundo Ribeiro (2021) está na geração de estudos sociológicos liderados por Frederico Pernambucano de Mello que

percebe o cangaço para além de questões biológicas ou sócio criminais, mas sobretudo culturais, a última e mais atual das vertentes, que ainda está em processo de constituição enquanto enquadro teórico dominante dentro do campo de pesquisa. É a que está situado este trabalho, valendo a ressalva da não desconsideração das outras duas vertentes anteriormente elencadas.

Voltando aos relatos dos professores(as) acerca dos três projetos pedagógicos executados sobre o cangaço, o *projeto pedagógico B* se faz da mobilização dos alunos(as) em torno da apresentação de seminários onde nestes há a explicação panorâmica do movimento por parte dos alunos(as) e uma percepção de “alternativa utópica contra a República Velha”⁵¹, neste tipo de formato percebe-se mais uma vez o professor a inserir os alunos num cangaço enquanto movimento de resistência numa dada época, porém visto de forma utópica. Projeto este que também se aproxima, da segunda matriz teórica do cangaço a *Faconiana*.

Diante disso, é perceptível o ambiente de fronteira onde o professor(a) acerta em mostrar o referido movimento social como algo que questiona a estrutura oligárquica da época, mas ao mesmo tempo oportuniza aos alunos a possibilidade de refletir sobre a própria ação questionadora e que a mesma necessita de base reais, sem exageros e/ou delírios. Trouxe para vivência dos alunos a reflexão de que o conformismo não é o ideal, mas sim de que a luta se faz baseado na realidade em ganhos e avanços que signifiquem situações seguras para todos aqueles que um dia decidam se insurgir contra algo ou alguém ou até contra próprio sistema.

O *projeto pedagógico C* sobre o cangaço se apresentou num formato de encenações teatrais sobre as histórias do cangaço e a produção de fanzines literários. Nesta última experiência prático-pedagógica de mobilização de alunos(as) em torno do tema é possível perceber o professor(a) aproximar os discentes mais aos aspectos culturais do movimento. Conforme refletimos anteriormente o referido movimento se reatualiza com o passar do tempo, são diversas facetas que se conectam ao cangaço e ao tempo presente, tendo nos aspectos culturais uma das formas mais recentes de manifestações e um consequente alinhamento com a terceira matriz teórica acima apresentada na geração dos estudos sociológicos do cangaço com Frederico Pernambucano de Mello.

Um cangaço fortemente manifestado na literatura de cordel, na vestimenta com os bornais, chapéus e adereços produzidos por artesão, na musicalidade fortemente ligada ao xaxado e ao forró, cantado por Luíz Gonzaga, enfim, mergulhar o aluno(a) nessas diversas

⁵¹ Vale ressaltar que esta percepção não é dos alunos, mas sim do professor(a) respondente do questionário, daí as aspas.

facetas culturais do cangaço, através da memória e da tradição, é uma boa e mais que viável oportunidade que o professor(a) de História tem e que deseja de alguma forma dinamizar as suas aulas. Coube também acertadamente a este(a) docente aproximar os alunos, ora envolvidos no projeto pedagógico, aos aspectos de um cangaço cultural usando do expediente de apresentações teatrais, uma ótima alternativa para engajamento de alunos(as) despertando assim eventuais talentos ora ocultados.

Podemos perceber com os três projetos pedagógicos (A, B, C) colhidos através de pequenos relatos de experiências dos professores(as) pesquisados, propostas pedagógicas com essências diferentes, porém acertadas e criativas. O tema do cangaço mais uma vez se demonstrando de forma multifacetada para além de simplesmente aulas de Primeira República e/ou motins e revoltas do início do século XX. Um cangaço possível de ser mobilizado em formato de projetos que envolvem e despertam, a depender do tamanho do projeto, uma turma ou quem sabe uma escola inteira.

Para finalizar esta parte da análise da pesquisa que estamos a fazer sobre a cartografia do conteúdo do cangaço pelo Brasil e suas mobilizações em sala de aula com os impactos nos saberes experienciais de professores e professoras em todo o território nacional, iremos nos ocupar da relação deste tema com os recursos didáticos.

76,7% dos professores(as) pesquisados afirmaram conter o conteúdo do cangaço em seus livros e/ou apostila didática; 16,7% responderam não haver nenhuma menção sobre o cangaço em seu livro e/ou apostila didática adotada em sua escola onde leciona; e 4 professores(as), o que equivale a 6,7% afirmaram não ter livros e/ou apostila didática adotada pela escola.

Diante dos dados percebemos uma porcentagem considerável de livros e/ou apostilas didáticas a conter o conteúdo do cangaço em seus programas, uma evidência da importância e do crescimento da referida temática no ensino de História nas últimas décadas. Vale ressaltar que estamos a falar de um movimento contextualizado em um ambiente convulsionado, marcado por diversas outras revoltas. Numa pesquisa realizada em todos os estados das cinco regiões do país seria natural a identificação de uns e outros movimentos sociais que possuíssem afinidades ou não. A aproximação geográfica com outras revoltas e motins acontecidos na mesma época como é o caso da *Revolta da Chibata* (1910) e da *Revolta da Vacina* (1904) ambas no Rio de Janeiro; a *Revolta de Canudos* (1896) na Bahia; a *Revolta do Contestado* (1912) no Paraná, se apresentam como movimentos de contestação ocorridas em diferentes regiões do país.

O que intensificaria uma certa concorrência por espaços na diagramação e formatação de conteúdos nas páginas que comporiam o capítulo da Primeira República. Em tempos em que as editoras estão buscando sempre otimizar e baixar custos no quantitativo total de páginas, sendo natural o silenciamento e escolhas de determinados temas, revoltas e/ou motins.

A ligação afetiva da história especialmente de motins e/ou revoltas está também como um elemento influenciador nos saberes experienciais de professores e professoras, não foi algo verificado na pesquisa ora analisada, mas não seria surpresa perceber professores(as) do Nordeste com uma visão mais intimista ou envolvidos em relação ao cangaço, a Revolta de Canudos e tantas outras revoltas e/ou motins que se deram no sertão do Brasil.

Nos embasa tal hipótese, não verificada no questionário, as considerações de Tardif (2017) sobre as três concepções da prática em educação. Segundo o autor, a prática educativa enquanto arte, a prática educativa enquanto valores, e a prática educativa enquanto interação.

Valendo-se das três concepções práticas de educação segundo Tardiff é na segunda que podemos relacionar e ao mesmo tempo entender o quanto que cada professor(a) é também de alguma forma envolvido por aquilo que mobiliza em sala de aula, ainda mais em se tratando de algo tão próximo de sua memória e tradição afetiva e de seu entorno social. Uma prática que está também a alimentar o seu “eu” e não só o “eu” do outro, em seu quadro comparativo, Tardiff anuncia esta concepção prática de educação baseada em valores como algo *subjetivo* ou *subjetivo-coletivo* (social). Portanto os diversos motins e/ou revoltas nas diferentes regiões do país se conectam subjetivamente ao coletivo de pessoas a que está mais próximo, inclui-se aqui também o professor(a) por também ser um indivíduo passional a tudo a sua volta (TARDIF, 2017, p. 162).

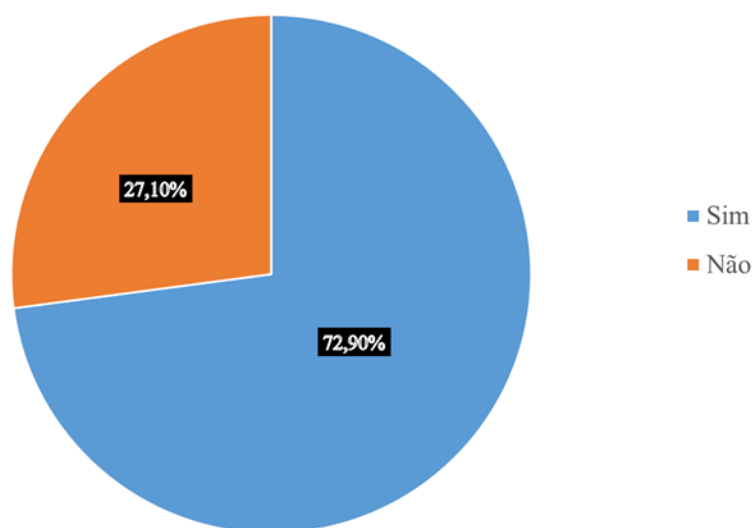
Ainda sobre a relação do cangaço com os materiais didáticos há de se ressaltar que os mesmos quase que em sua totalidade são produzidos na região Sudeste do país, o que nos aponta para uma influência e consequente evidência maior a historiografia de motins e/ou revoltas ocorridas ou relacionadas diretamente a esta região. Fazendo do cangaço e outras revoltas e eventos históricos fora do eixo Rio-São Paulo, muitas vezes serem preteridos em determinados casos, não é o que a pesquisa aponta.

Verificamos com as respostas dos professores(as) um aumento da participação da temática do cangaço nos livros e/ou apostilas didáticas adotadas em escolas de diversas regiões e estados do país, o que nos leva a algumas indagações: por que o conteúdo do cangaço está a ganhar evidência nos materiais didáticos nos últimos anos? Como está sendo a apresentação e mobilização deste conteúdo nos recursos didáticos? Quais as abordagens e matrizes teóricas que embasam tal conteúdo? Como o professor(a) de História pode utilizar esses recursos

didáticos para otimizar o ensino e aprendizagem utilizando este conteúdo como ponto de partida? São algumas perguntas que serão respondidas na sequência deste trabalho, na segunda parte.

Quanto aos níveis de satisfação das informações apresentadas sobre o cangaço nos materiais didáticos, as mesmas estão a atender às exigências dos professores(as) conforme nos mostra a tabela abaixo:

Gráfico 04: Níveis de satisfação das informações do cangaço apresentados nos livros e/ou apostilas didáticas



Fonte: Pesquisa realizada entre professores dos 27 estados do Brasil entre os dias 04 e 30 de outubro de 2022.

Se por um lado a pesquisa demonstrou um empobrecimento das informações apresentadas nos materiais didáticos utilizados pelos professores(as) acerca do conteúdo do cangaço, a mesma também evidenciou um nível variado e bastante criativo dos docentes quanto da utilização e manejo de outros recursos didáticos para além do livro e/ou apostilas, fontes referenciais didáticas e diversas estratégias utilizadas pelos professores(as). Demonstrando um cardápio variado de opções como: vídeos documentais, fotografias, mapas, revistas, cordéis, artigos, resenhas, podcasts, trechos de filmes e novelas, livros paradidáticos e de quadrinhos, slides e reportagens.

Um(a) professor(a) chegou, em sua resposta a detalhar minuciosamente qual a sua estratégia quando da mobilização do conteúdo do cangaço em suas aulas:

“Início a temática com o clipe do Rappa *Súplica Cearense*”⁵². A partir dela, trabalho os estereótipos em torno do movimento. E aos poucos vou desfazendo com eles [alunos(as)] alguns pré-conceitos. Utilizo TB [também] o livro didático e pedaços da novela *Cordel Encantado*^{53,54} (Relato de experiência obtido através de aplicação de questionário)

Nesta estratégia específica percebe-se o professor(a) diversificando numa única aula e temática o uso de vários expedientes didáticos, usando o recurso audiovisual da música, das imagens recortadas de uma novela e o livro didático. São três potentes recursos que se usados em sinergia fez e faz da aula um momento mais que prazeroso, e com certeza de satisfação total a todos ali envolvidos.

Neste capítulo pudemos perceber que o cangaço é um tema/conteúdo multifacetado que está diretamente conectado com os aspectos culturais em toda as regiões do país em especial no Nordeste. Percebemos ainda que os saberes dos professores e professoras não se dão apenas na sua formação profissional e acadêmica, mas também para além destes conhecimentos existem os saberes experienciais. Uma modalidade de conhecimento racional e empírico que se constrói nas tomadas de decisões e resoluções de situações problemas no âmbito do cotidiano destes profissionais e nos ambientes escolares. Entendemos que o tempo é o maior aliado para o aprimoramento deste que estão a lidar com uma realidade muitas vezes afastada daquilo posto na formação profissional e nos arcabouços teóricos produzidos nos campos de pesquisas produzidos no ambiente acadêmico.

Percebemos que como qualquer outra profissão o professor(a) está a fazer parte de um coletivo social e cultural de uma dada época e de que os saberes experienciais por serem uma modalidade de conhecimento eminentemente empírica, sofre influência direta dos aspectos culturais em seu entorno. Portanto, professores e professoras de qualquer área ou componente curricular, em especial docentes de História, estão também a construir os seus saberes baseados em seus contextos sociais.

Se o cangaço é uma dada manifestação cultural do contexto e tradição sertaneja e em menor medida no restante do país, temos aqui professores(as) de História de alguma forma envolvidos com o conteúdo do cangaço para além de um simples conteúdo ou tema da Primeira República. Um cangaço como um elemento compositor dos saberes experienciais de cada um,

⁵² Música popular brasileira regional que narra os sofrimentos causados pela seca na região Nordeste do Brasil, a mesma foi composta em 1967 por Waldeck Artur de Macêdo (*Gordurinha*) e Nelinho, tendo sido regravaada por diversos artistas e intérpretes sendo o de maior destaque Luíz Gonzaga no ano de 1969.

⁵³ Telenovela da Rede Globo que estreou no ano de 2011, escrita por Duca Rachid, Thelma Guedes e Thereza Falcão, dirigida por Amora Mautner e que conta a história ficcional de um romance entre o filho de um cangaceiro com a herdeira do trono de Seráfia.

⁵⁴ Trecho retirado da resposta de um professor(a) obtido através de questionário aplicado entre os dias 04 a 30 de outubro de 2022.

foi isso que mostramos na segunda parte desta seção do trabalho através da análise apurada de um audacioso questionário aplicado em todo o território nacional a 60 professores(as) de História oriundos dos 27 estados. Dados e informações que nos mostraram uma cartografia completa do conteúdo do cangaço e seus aspectos e características no ensino de História.

Mostramos ainda que a violência é apenas uma dessas facetas que estão embriagadas ao tema do cangaço e de como esta categoria interfere diretamente na constituição do ensino de História e na mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula. Contudo e dado o contexto a qual o movimento esteve inserido, diversas outras percepções e noções sobre o movimento merecem atenção no ensino de História: o cangaço como movimento de resistência, o cangaço como memória e manifestação cultural, todos adaptáveis segundo demandas específicas de grupos, espaços e agentes.

Partindo da escola, tangenciando o ensino de História e indo até o currículo prescrito, pudemos ainda subverter a partir do olhar do professor, através de uma análise minuciosa, a BNCC do Ensino Fundamental Anos Finais e de como o conteúdo do cangaço se insere, recorta e se apresenta nos três níveis de competências do principal documento norteador da educação nacional: as Competências Gerais da Educação Básica (CGEB), as Competências Específicas da Área de Ciências Humanas do Ensino Fundamental (CECH), e as Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental (CEEH).

Nestes, o cangaço também demonstrou um conteúdo multifacetado, diverso e bastante útil à várias competências em seus três níveis. Encaixou-se muito bem às diversas competências da Base, que se bem trabalhada pelo professor(a) de História poderá ser uma importante ferramenta a serviço de reflexões sobre diversos temas transversais já citados anteriormente no trabalho.

Digo mais, o tema do cangaço para além do dever de casa é subterfúgio para que docentes subvertam o próprio documento normativo que tem por sua essência os limitados aspectos de competências e habilidades. O conteúdo do cangaço é para além disso, se apresenta como instrumento de construção crítica, mostrando-se como uma janela para forjar caminhos de maturação onde jovens devem não apenas resolver problemas cotidianos, como proposto na BNCC, mas sim pensar sobre os dilemas práticos do dia a dia muitos imperceptíveis à sua volta. Portanto o cangaço é também a semente para construção de uma reação produtora contrária a este documento normativo que muito mais conserva do que constrói realidades.

Contudo, nos resta ainda problematizar como está a mobilização do tema cangaço para além da escola? Como está a se reproduzir os diversos conteúdos apresentados sobre o cangaço nos diferentes meios e mídias? De que forma, através da cultura juvenil e de uma consciência

histórica jovens alunos estão a assimilar tais informações e produzir conhecimento sobre a temática do cangaço na constituição e ressignificação da memória coletiva no âmbito escolar? A escola é também um espaço de ressignificação da memória do cangaço? Se sim, como?

Na próxima seção do trabalho iremos dissecar estas e outras indagações que nos levarão a entender de uma forma profunda e ampla como o cangaço está estabelecido no ensino de História, mas para além do ambiente escolar.

1.3 CONSCIENTES DE UMA CULTURA JUVENIL E HISTÓRICA DO CANGAÇO EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO

O que é ser um jovem em tempos modernos? Seria viver apenas a plenitude biológica do corpo e/ou despertar para o mundo real com facetas de desafios e aprendizagens? O fato é que ser jovem é viver um momento em que o processo de convivência tornar-se incisivo e intenso de forma explícita, ou seja, aquele que vive tem a plena consciência de seus momentos, o tempo é a luz para o processo de maturação, é parte de um desencadear socializante o que na infância, apesar também do intenso processo de socialização e maturação, as crianças não têm ciência de tal amadurecer.

A cultura juvenil é um conjunto de signos, valores e códigos específicos de um grupo social (jovens) que são expressos em sua coletividade para dar sentido à vida cotidiana e seus espaços. Percebemos a escola como um desses singulares espaços de importância para que jovens construam e ressignifiquem seus códigos, forjando identidades segundo aspectos de afinidades (GARBIN, 2003).

Contudo, Hall (1997) em suas valorosas reflexões acerca do conceito, por ele criado, de *deslocamento* percebe que os discursos, artefatos e fenômenos sociais passam por um processo de arrasto pela rapidez e intensidade da globalização para diversos lugares e culturas, sendo assimilados e ressignificados materializando-se em discursos, representações e novos produtos sociais.

A consequência de tal processo de deslocamento não é a homogeneização das pessoas e grupos por apenas estarem a compartilhar espaços sejam eles reais ou virtuais, mas ao contrário, por se tratar de um público, e aqui estamos a nos referir aos jovens, onde os níveis de inquietação e reações intensas ao novo, gera uma lógica reversa de segmentação compartimentada por identidades, culturas, subculturas, tribos e contraculturas. A latência de um processo (deslocamento) em ebulição reversa a se manifestar no pluri e multiculturalismo

juvenil cada vez mais organizado em identidades formando movimentos identitários (HALL, 1997).

A cultura juvenil se apresenta na multiplicidade de subculturas⁵⁵ projetadas em entrelaçamentos identitários, ideológicos e práticos no meio social, não se limita apenas a uma faixa etária ligada a delinquência juvenil, conforme defendido pela Escola de Chicago nos anos de 1950 no pós segunda guerra mundial. Seguindo a matriz teórica da sociologia da juventude surgida na Inglaterra, também nos anos de 1950, as subculturas juvenis são respostas ao coletivo de indivíduos como formas de manifestações e ao mesmo tempo reafirmações identitárias diante de enormes desajustes não de uma geração específica de jovens, mas sim de um tempo num dado contexto social. Vale ressaltar que estamos aqui a falar de um contexto de pós segunda guerra mundial, um momento marcado por incertezas e crises que se refletiram diretamente nos seus contemporâneos e mais especificamente naquela geração de jovens (GUERRA, QUINTELA, 2016).

Portanto, a cultura juvenil se apresenta e organiza em um ambiente de fronteira bastante pulverizado com capilaridade direta em várias tribos⁵⁶, não prezando pela fidelidade aos dogmas intertribais, mas sim pela capacidade de assimilar diversos aspectos possibilitando transitar em várias tribos. Como o mimetismo dos camaleões que se adaptam aos ambientes para obter vantagens. No caso dos jovens e suas tribos, assimilar elementos e códigos dos grupos é a possibilidade de conhecer o novo, compartilhando e construindo sua própria identidade. Uma identidade que nos tempos atuais de globalização está marcada cada vez mais por uma compartimentação heterogênea identitária.

Cabe a esta parte do trabalho através deste estudo de caso, entender e perceber o quanto a globalização rompeu com as fronteiras identitárias dos grupos/tribos gerando uma instabilidade⁵⁷ nas subculturas juvenis o que Feixa e Porzio (2004) chama de *hibridização*:

“...criatividade cultural a partir de múltiplas fontes, como a realização de algo novo a partir de materiais pré-existentes, ou seja, quando as condições da participação cultural, que sejam antagônicas ou complementares, são produzidas de forma performativa.” (FEIXA; PORZIO, 2004, p. 34)

⁵⁵ Há duas formas pioneiras de entendimento do conceito de subcultura: o da Escola de Chicago e o do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Inglaterra. Para mais aprofundamentos vê em Guerra, Quintela (2016)

⁵⁶ Aqui e seguindo Guerra e Quintela (2016), entendemos a definição de tribo como uma reatualização do conceito de subculturas, porém com uma correlação à ideia de globalização e o intenso processo de aceleração das conexões culturais ocasionando ainda mais uma acelerada capacidade de adaptar-se ao intenso fluxo de pertencer e transitar em diferentes grupos sociais.

⁵⁷ *Instabilidade* neste contexto não está a representar desequilíbrio, tendo em vista que os processos de socialização acontecem de forma natural e desevolva, mas aqui indica um processo de reorganização e organização constante e rápida das dinâmicas sociais a qual os jovens estão a passar.

Entende-se que a globalização seja no processo manifesto de *deslocamento* de Hall (1997) e/ou na *hibridização* de Feixa e Porzio (2004) há uma nova forma de organização da cultura juvenil e suas subculturas/tribos com um global de alguma forma se sobrepondo ao local. O cangaço seria um elemento do global que de alguma forma se sobreponha ou ao menos tangencia ao local dos alunos, isso refletido quando alunos associam o cangaço a filmes, vestimentas, valores morais aos seus elementos identitários fixando-os à subjetividade do local.

Entendemos a escola ser um microcosmos de todo esse processo convulsional de agentes em processo de agrupamentos e formação de subculturas e a construção de identidades, aproximando-se de seus semelhantes num espaço social reduzido onde os códigos e signos se evidenciam e muitas vezes se alinham formando tribos sociais.

O cangaço é um desses elementos que consciente ou inconscientemente ativam gatilhos de identificação social de subculturas através da hibridização. São diversos elementos estéticos, folclóricos, morais, históricos que se amalgamam aos indivíduos e que se manifestam em sala de aula quando ou não de sua mobilização nas aulas de História.

Através de um estudo de caso, usando a metodologia etnográfica como instrumento de observação direta registrado em diário de campo, iremos adentrar em um desses microcosmos, uma sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais de uma escola da rede pública municipal de ensino na cidade de Picos, estado do Piauí. Iremos verificar como o conteúdo do cangaço pode ser este gatilho do processo de hibridização de uma cultura juvenil na formação de subcultura bem como perceber como os professor de História pode potencializar tal processo.

1.3.1 ENTENDENDO O MUNDO NO MUNDO DOS OUTROS: A ESCOLA⁵⁸

Situada na cidade de Picos, estado do Piauí, a 310 km da capital Teresina, a Escola Municipal Antônio Marques está localizada na zona urbana⁵⁹, na Rua Eulálio Filho, S/N, no bairro Aroeiras do Matadouro. Oferecendo duas modalidades de ensino: Ensino Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais, distribuídos nos turnos da manhã e tarde. A mesma

⁵⁸ Todas as informações nesta seção do trabalho foram obtidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e através de entrevista realizada no dia 14/03/2023 junto a diretora interina e também secretária Maria das Graças Dias.

⁵⁹ Apesar da tipificação como escola de zona urbana, a mesma se encontra numa localização geográfica afastada da região central da cidade, o que corrobora para a visível caracterização de aspectos rurais de seus agentes (alunos, famílias e comunidade).

possui um quadro total de 23 colaboradores⁶⁰ compostos por cinco colaboradores administrativos e 17 docentes.

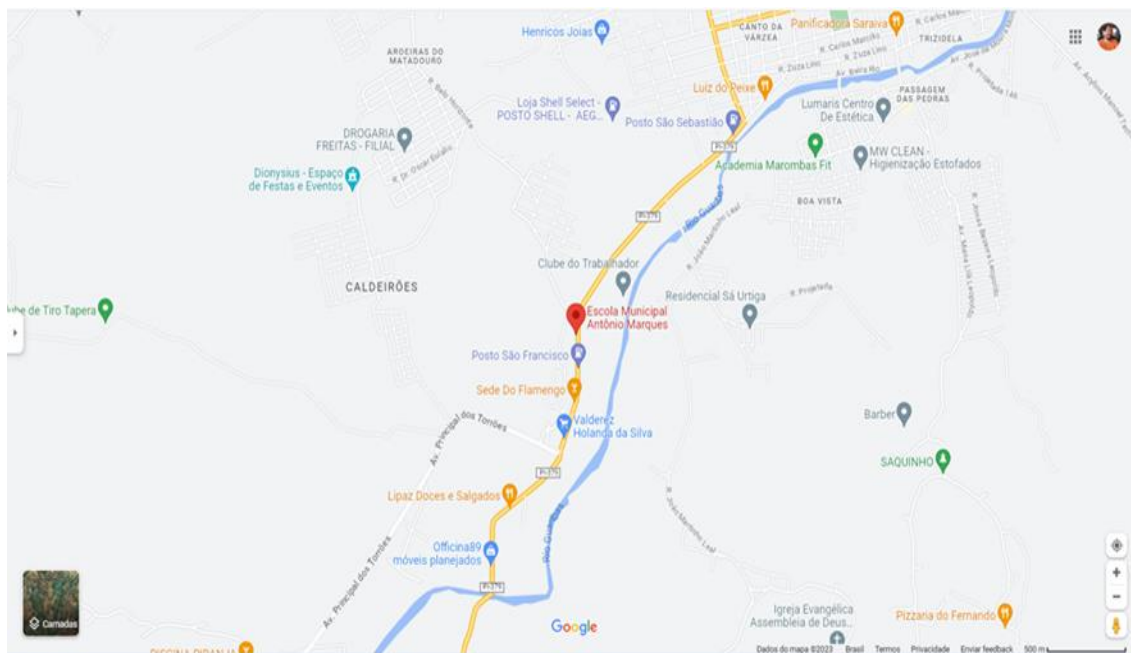


Imagem 01: Localização da Escola Municipal Antônio Marques. Pesquisado em 06/06/2023 no link: <https://www.google.com/maps/place/Escola+Municipal+Ant%C3%B4nio+Marques/@-7.1073828,-41.4858453,13.96z/data=!4m6!3m5!1s0x79c11468a4ac015:0xab2bfebfcfa1fc9e!8m2!3d-7.1022162!4d-41.4887534!16s%2F%2F11fln3n3bk?entry=ttu>

A estrutura física apresenta aspectos rústicos, simples e de conservação envelhecida, a área total da escola é de 1.600 m² sendo apenas 297m² de área construída, sendo esta composta de um total de 13 cômodos compartimentados por: cinco salas de aulas, uma sala dos professores, uma sala que comporta a secretaria e a direção, uma cantina, uma dispensa, um pátio e três banheiros, sendo dois destinados aos alunos(as) divididos em gênero masculino e feminino e um banheiro destinado aos funcionários.

A unidade escolar foi fundada em 1984 no então governo de Hugo Napoleão do Rêgo Neto (PDS) em um terreno cedido pela família de Antônio Marques da Silva, a qual o nome da escola o homenageia. A referida unidade de ensino ficou sob a tutela do governo do estado por longos 39 anos, somente no ano de 2013 foi municipalizada atendendo uma decisão da LDB (1996) a qual os Ensino Infantil e Fundamental Anos Iniciais e Finais passariam à responsabilidade da esfera municipal com contrapartida da esfera federal.

Hoje a escola conta com um total de 148 alunos(as) matriculados sendo 33 no Ensino Infantil, 66 no Ensino Fundamental Anos Iniciais e 49 no Ensino Fundamental Anos Finais. Todos oriundos da própria comunidade que tem como aspectos e composição geral

⁶⁰ No momento da coleta de dados (14/03/2023) a escola estava sem a função de direção, onde a mesma era ocupada interinamente pela secretária Maria das Graças Dias.

trabalhadores de média e baixa renda procedentes de diversas atividades como: agricultura, pequenos comerciantes e servidores públicos ligados à esfera municipal.

A comunidade e por conseguinte a escola refletem suas próprias manifestações culturais e tradicionais muito ligadas aos poucos espaços de lazer, porém fortemente relacionadas às festividades religiosas, folclóricas e culturais. Jovens que também de alguma forma estão ligados a uma cultura juvenil que se aproxima de atividades e aspectos do rural, do interiorano, tangenciando-se à personagens como vaqueiros e pequenos agricultores. Mas que também com o acesso às novas tecnologias advindas da intensa globalização, transitam e refletem os processos acima mencionados por Feixa e Porzio (2004) de *hibridismo* e *deslocamento* por Hall (1997), que serão mais aprofundados mais adiante nesta seção do texto.



Imagem 02: imagem da sala compartilhada da secretaria e direção. Registro realizado entre os dias 14 e 15 de março de 2023.

1.3.2 DO EXOTICO AO FAMILIAR ENTENDENDO O PRÓXIMO: O MÉTODO

A etnografia é um campo e método de pesquisa que tem como ponto fulcral a cultura, são nuances que abordam o outro, daí o radical em grego *etnoe* que significa “o outro”, escrever sobre o outro. Contudo este escrever não reflete uma mera descrição superficial de um objeto ou fenômeno social. A etnografia se enquadra como um importante método de análise crítico qualitativo que apontam nortes e indícios, mas sobretudo um escopo para um aprofundamento de um tema ou objeto de estudo, o que representa indubitavelmente uma considerável opção no campo do ensino e da educação, tendo em vista que estas duas categorias estão por se

caracterizar atividades eminentemente culturais e práticas, o que faz da etnografia, cultura, educação e ensino de História categorias correlacionais e complementares (MATTOS, 2011).

Tanto a educação como a etnografia são processos vivos. Educar e observar estão diretamente ligados à vida, por ser uma presença constante. A relação entre educação e a etnografia necessitam acima de tudo do cuidado para não incorrer à banalização nos seus usos e limites, como nos aponta Mattos (2011) quando do uso indevido de imagens, sons e vídeos nos instrumentos de observação direta com o intuito de forjar preconceitos ou furtrar realidades pouco adentradas em seu amiúde.

Entender o próximo é tornar o exótico familiar. A escola e mais especificamente cada sala de aula é um espaço de cultura que envolve cognição, emoções, valores e sentimentos. Como professores e alunos que fomos um dia, somos também parte constitutiva e íntima desse universo, daí a importância de antes da recolha de dados conhecer o contexto em volta daquilo que produziu aquele objeto a ser pesquisado. A etnografia não é apenas um método, mas sim um empreendimento intelectual descritivo, analítico e crítico que nos permite viver e acessar várias camadas do objeto/fenômeno pesquisado (ROCHA; CINTRA, 2021).

O professor-pesquisador é aquele agente que também viveu quase toda a sua vida no ambiente escolar, seja como aluno e/ou professor. Uma linha de fronteira tênue que para o professor-pesquisador é quase impossível isolar os contextos, mas sim os integrar ao conjunto socioprofissional e principalmente histórico, tendo em vista que os diversos aspectos culturais estão a se manifestar e se apresentar num dado tempo e época, passível ainda de mutações a incluir a ele próprio. Daí a intensa e cinzenta correlação entre lugar de pesquisa, objeto pesquisado e professor-pesquisador.

Tendo em vista os aspectos de aproximação do universo de cada pesquisador ao objeto de estudo, temos aqui uma correlação naturalmente explícita, pois antes de sermos professores, fomos alunos. Uma vida imersa na escola, são saberes experienciais que são forjados desde sempre numa longa jornada experiencial (ROCHA; CINTRA, 2021).

A escola que escolhemos como objeto de pesquisa, descrita na seção anterior, compõe a mesma rede de ensino na qual sou professor há 4 anos, está localizada na mesma cidade onde nasci, me habilitei profissionalmente e leciono há exatos 15 anos. De alguma forma estou conectado ao lugar de pesquisa, o que nos faz conhecer um pouco da cultura deste ambiente escolar. O que corrobora também por tangenciarmos aspectos dos saberes experienciais de professores por todo o Brasil no subcapítulo anterior. Nos permitindo ir para além de apenas o uso de uma técnica metodológica etnográfica, mas sim imbricar-se à etnografia como faceta de

entendimento de uma dada cultura, que neste caso se faz atravessada pelo cangaço e no ensino de História.

Portanto, transitar entres os polos professor-pesquisador em um lugar de pesquisa e um objeto de estudo tão nebuloso e ao mesmo tempo desafiador, representa também de alguma forma está envolvido. Ter a etnografia como conduta auxiliar e horizonte de clareamento, e ao mesmo tempo conviver com o estranhamento do ambiente familiar, é desvincular-se da ingênua percepção de dominar e conhecer por completo o objeto e o campo de pesquisa.

Viver e experienciar muitas vezes não te faz enxergar para além dos olhos. A pesquisa etnográfica com observação direta te faz sair do modo automático para fins de aproximação de uma prática lógica, racional, sistêmica e acima de tudo crítica. Um desafio que caberá a mim e em especial nessa seção do trabalho, a fina sensibilidade de andar numa zona de fronteira entre ensino e pesquisa, ser professor e pesquisador.

1.3.3 UM ESTRANHO NA FAMÍLIA: OS DADOS

A recolha de dados através de observação direta aconteceu em duas tardes de terças e quartas-feiras nos dias 14, 15, 21 e 22 de março do ano de 2023 na Escola Municipal Antônio Marques, localizada no bairro Aroeiras do Matadouro em Picos, estado do Piauí, sendo nas terças feiras no primeiro e segundo horário de aula⁶¹ e nas quartas-feiras no terceiro horário de aula.

A sala de aula a qual escolhemos para recolha de dados foi do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais e tinha como professor titular do componente de História Samairkon Silva de Oliveira Alves, licenciado em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) concluído no ano de 2011 e mestre em História do Brasil também pela mesma universidade, concluído no ano de 2018. O mesmo exerce a função de professor efetivo nas redes estadual e municipal de ensino na cidade de Picos, Piauí desde 2012.

A sala de aula é composta por um total de 12 alunos matriculados, sendo formada por seis meninos e seis meninas, sendo oito de cor parda e quatro de cor preta. Tivemos como base as aulas de exposição do conteúdo de Primeira República dividido em dois capítulos sendo os

⁶¹ Segundo quadro de horário de aula fornecido pela escola, o primeiro horário de aula inicia às 13:10 e finaliza às 14:00, o segundo horário de aula inicia às 14:00 finalizando às 14:50, o terceiro horário de aula inicia 14:50 às 15:40.

mesmos os de abertura do livro didático *História: Sociedade & Cidadania*⁶² de Alfredo Boulos (2018).



Imagem 03: imagem da sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal Antônio Marques na cidade de Picos, estado do Piauí. Registro realizado entre os dias 14 e 15 de março de 2023.

1.3.4 MERGULHAR EM SIGNIFICADOS PARTILHADOS: A ANÁLISE

Numa sala pequena, refrigerada, mal iluminada, com as paredes riscadas e desenhadas expondo as diversas manifestações da inquietude daqueles que o habitavam, acusava a necessidade urgente de cuidados e reparos na conservação da pintura e em sua estrutura física. Aos que a ocupavam durante o turno da tarde nos cinco dias da semana, chegavam aos poucos numa tarde chuvosa do mês de março. É verão nessa parte do hemisfério, os dias se intercalam com chuvas e sol deixando o clima e o tempo agradável para aqueles que sofrem com as altas temperaturas em quase todo o ano.

A minha presença gera uma inquietação diferente nos menores de outras turmas, quando de minha chegada alunos e alunas se amontoam no pátio e no corredor de acesso a sala

⁶² O mesmo é parte do Programa Nacional do Livro e Material Didático do triênio 2020/2023 do Ensino Fundamental Anos Finais da editora FTD com código da coleção 0382P20042.

dos professores, cochicham nos ouvidos, sem qualquer pudor de curiosidade àquele estranho no ambiente, a rotina tinha sido quebrada naquela tarde de 14 de março de 2023.

Dá boa acolhida do professor titular do componente curricular de História Samairkon Silva de Oliveira Alves aos demais colegas professores do dia e equipe administrativa da escola me dirijo imediatamente à sala do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Uma pequena turma composta de 12 alunos, sendo 6 meninas e 6 meninos que chegavam aos poucos mostrando uma educação incomum vista por mim ao longo de 15 anos de experiência em diversas salas e níveis de ensino, “com licença professor! Posso entrar?” e a permissão era dada pelo professor em sala de aula, que já se preparava para iniciar a aula do dia. Era mais um dos 200 dias letivos nos quase 10 anos de experiência daquele professor de aparência jovem, porém vasta carga de experiência na cidade.

A escolha de sua turma se deu na tentativa de alterar o mínimo possível o ambiente ora observado, o professor Samairkon se caracteriza por ser de uma nova geração de professores na cidade, já com o título de mestre pela Universidade Federal do Piauí. Vi no professor Samairkon uma oportunidade de adentrar naquele universo profissional com uma menor intimidação, tendo em vista de o mesmo já ter passado pelo que eu estava passando na Pós-graduação e pesquisa de mestrado. As conversas preliminares de apresentação de proposta de pesquisa foram regadas por suas, ainda fortes, lembranças de todas as dificuldades quando de sua conclusão de mestrado ainda no ano de 2018.

Contudo, naquele ambiente de péssima iluminação acusando a urgência de melhorias em sua infraestrutura, o quadro branco evidencia-se um dos principais instrumentos pedagógicos usados durante as aulas ali observadas. Usando sempre o contraste de cores dos pincéis (azul, preto e vermelho) o professor titular utilizava o mais tradicional e eficiente método de exposição de aulas, roteiros de estudo apresentados no quadro branco associado à exposição de ideias. O capítulo do livro a ser seguido era o dois, o conteúdo era intitulado: *Primeira República: dominação e resistência*.

Os alunos rapidamente, para minha surpresa, se adaptaram à minha presença, nem sequer perguntaram do porquê de minha presença ali, a aula seguia sua rotina normal, alunos copiando o roteiro apresentado no quadro branco, para em seguida acompanharem a exposição/explicação do professor.

Quando da exposição do conteúdo alinhado com o roteiro do quadro branco o professor Samairkon Silva apresenta um domínio impecável, inicialmente apresentando uma revisão e conexão daquilo estudado na aula anterior, o uso de uma linguagem simples e acessível à dos alunos como na explicação de conceitos: *mão de obra barata, coronelismo*,

clientelismo e *voto de cabresto*. Foi perceptível o acesso do professor ao universo do aluno quando das comparações entre as práticas do *clientelismo* na Primeira República e a *compra de voto* nos dias atuais.

Na segunda parte da observação direta, nos dias 21 e 22 de março, adentramos à segunda parte do conteúdo da Primeira República onde se apresenta as diversas revoltas naquela primeira metade do século XX. Chamou-me atenção que nessa parte do livro⁶³ não aborda tradicionalmente todas as revoltas naquele momento da história, omitindo o movimento social do cangaço, a *Revolta da Chibata* (1910) e surpreendentemente deslocando o movimento tenentista (1922) para o capítulo seguinte que contempla a *Era Vargas*. A meu ver uma reinterpretação incomum desse contexto da história, pois cronologicamente este movimento é comumente apresentado no contexto de Primeira República.

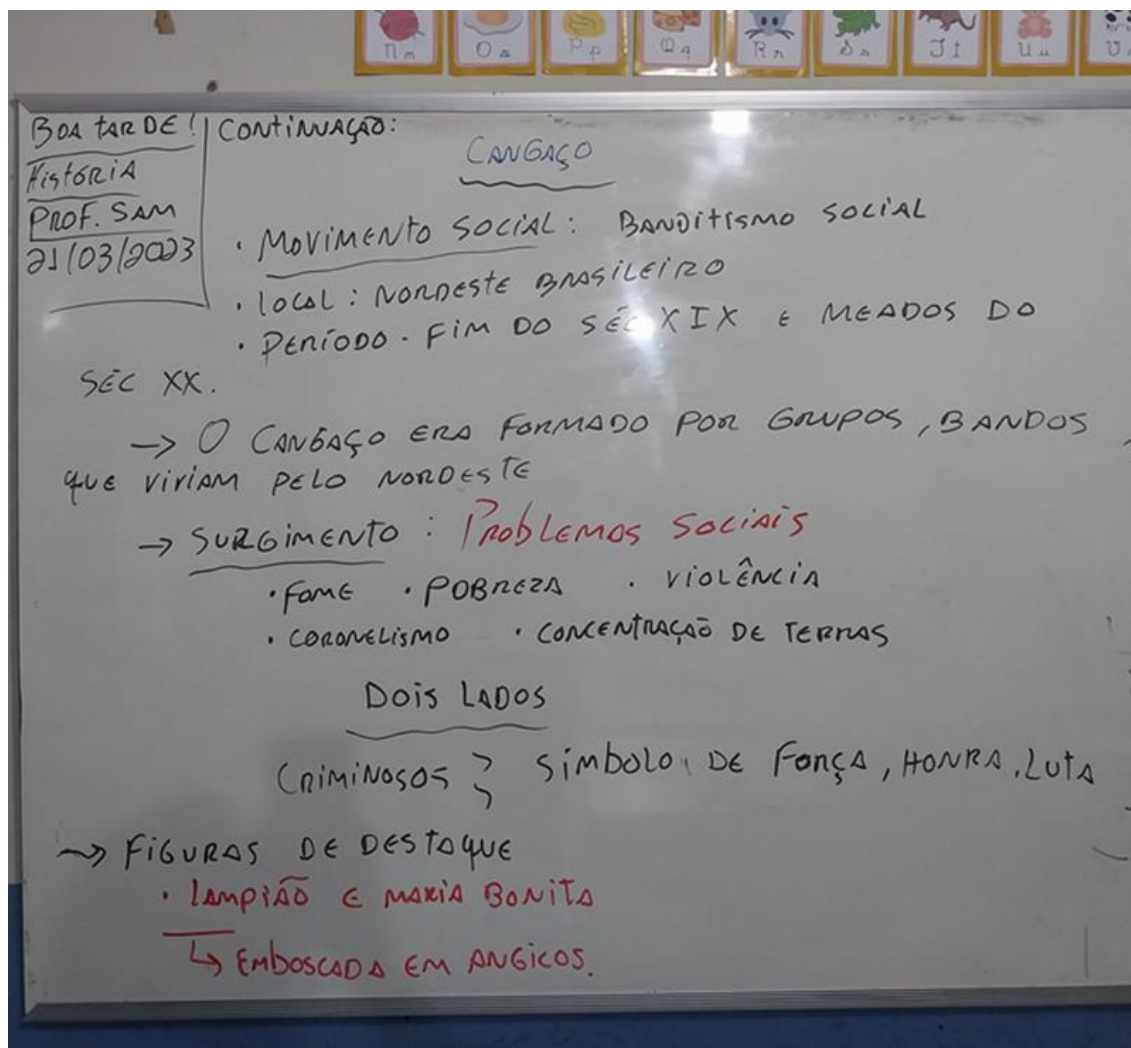


Imagem 04: imagem do roteiro de estudo de autoria do professor Samairkon Alves apresentado em sala de aula no dia 21 de março de 2023. Registro realizado nesta mesma data.

⁶³ BOULOS, Alfredo. História: Sociedade & Cidadania. 4ª ed. São Paulo: FTD, 2018.

O professor driblando a escolha do livro didático em silenciar o movimento social do cangaço, opta mesmo assim por apresentar aos alunos um roteiro de autoria própria, também apresentado em quadro branco através de contraste de cores, associado à exposição de ideias sobre o referido movimento. Criativamente usou aspectos do cangaço na vida cotidiana dos alunos, o que prontamente foi atendido com as reações e mobilizações dos alunos em forma de comparações do personagem do cangaceiro nas quadrilhas de festas juninas⁶⁴, citações da minissérie *O cangaceiro do futuro* (2022), lançado em dezembro de 2022 na plataforma de streaming Netflix.

Neste momento da aula fica evidente o processo de hibridização de Feixa e Porzio (2004), são diversas as nuances do cangaço se reutilizando e concomitantemente se apresentando no universo local dos alunos, os elementos do cangaço de alguma forma se apresentando e constituído como fatores de construção de identidades dos alunos, a qual o professor soube acessar e aflorar dentro de sala de aula. Alunos que sem perceber se sentiam envolvidos por elementos do cangaço apresentadas através de relatos de festas juninas, na minissérie *O cangaceiro do futuro* citada em sala de aula, nos valores morais baseados na coragem e valentia daqueles que no início do século eram ressignificados nos tempos atuais em um processo que funde presente e passado.



⁶⁴ As festas juninas são uma manifestação folclórica e religiosa da cultura popular surgida no nordeste do Brasil que apresenta entre várias manifestações que envolvem, culinária, vestimenta, teatro, música e dança. Nesta composta por diversos personagens como padre, noiva, cachaceiro e o cangaceiro.

Imagem 05: professor Samairkon Silva de Oliveira Alves em sala de aula com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental Anos finais da Escola Municipal Antônio Marques.

Quanto à exposição verificamos uma tentativa do professor de apresentar as diversas possibilidades de interpretações e conexões do cangaço na história e no cotidiano dos alunos. Na primeira parte, o mesmo faz o recorte cronológico inserindo-o no contexto de fome, miséria, seca e violência daquela época no início do século XX. Para em seguida tangenciar na parte mais sensível do tema que são as diversas possibilidades interpretativas do movimento: “banditismo”, “símbolo de honra” e “força”⁶⁵. Para o desfecho da aula sobre o cangaço, o professor destaca alguns momentos da vida dos dois principais personagens do movimento: “Lampião” e “Maria Bonita”.

Em entrevista, quando perguntado ao professor as fontes que o embasaram na construção do repertório da aula sobre o tema do cangaço, o mesmo relatou as diversas leituras ao longo de sua trajetória de vida acadêmica e profissional. O que nos evidencia e ao mesmo tempo nos conecta à segunda seção deste tópico é verificado através de coleta e análise de dados, que os saberes experienciais se configuram como importante componente de formação e constituição dos saberes ora compartilhados em sala de aula pelo professor.

Apesar do silenciamento do livro didático acerca do tema do cangaço ora utilizado pelo professor Samairkon Alves, o mesmo opta e julga necessário trazer de alguma forma o tema para sala de aula. O que faz evidente o quanto que para o docente o tema do cangaço ser crucial para construção crítico, cognitivo, identitário e cultural daqueles jovens alunos(as).

As escolhas do professor desde a elaboração de um roteiro próprio de estudo, apresentado no quadro branco às diversas considerações e reflexões realizadas durante a aula confirmam e ao mesmo tempo refletem o quanto os saberes experienciais são elementos construtores e balizadores da prática de cada professor.

Por se tratar de um docente que nasceu e vive no semiárido nordestino e convive direta ou indiretamente com muitos aspectos em comum da época do cangaço (fome, seca, miséria, desigualdade social) em entrevista, o mesmo se diz de alguma forma sentir envolvido com o movimento do cangaço, o que demonstra certa empatia ora correspondidos pelos alunos em sala de aula quando da atenção e envolvimento dos mesmos na parte específica da aula que aborda o cangaço.

Outro ponto que nos chama atenção é o alinhamento metodológico do professor com outros docentes pelo Brasil, como mostra a segunda parte deste capítulo, onde apresentamos

⁶⁵ O uso das aspas é para evidenciar os termos usados pelo próprio professor durante a aula.

diversas formas de mobilização do conteúdo do cangaço nas 27 unidades federativas. Não estamos aqui a falar em homogeneização metodológicas, mas sim correlações didáticas em diversos *modus operandi* de professores(as) quando da mobilização desse conteúdo em sala de aula. Uma tentativa de relacionar o cangaço à seca, à fome, à miséria e à violência; O corriqueiro destaque que se dá à *Lampião* e *Maria Bonita* como símbolos deste movimento; as discussões tangenciais entre violência rural e urbana mais evidenciados pela pesquisa em docentes que residiam em grandes centros urbanos.

Ainda no tocante às correlações didático metodológicas e numa dimensão mais regional (Nordeste) percebe-se um enfoque, não visto em outras regiões, de uma abordagem também folclorizada/cultural de alguns elementos do cangaço e seus aspectos manifestos no cotidiano. Uma espécie de reatualização do cangaço em sala de aula. A pesquisa analisada na segunda parte desta seção, mostrou mobilizações do cangaço através da literatura de cordel, apresentações teatrais e produções de fanzines. O que mais uma vez nos conecta às considerações do professor Marcos Edilson Clemente (2009) que em seu trabalho nos apresenta considerações acerca das diversas reutilizações e construções de imaginário coletivo e memorial na cidade de Paulo Afonso na Bahia⁶⁶.

A aula ora observada, apesar de não ter mobilizado os alunos para além da sala de aula proporcionou num dado momento a aproximação dos alunos com aspectos do cotidiano através do cangaço. Quando, ao longo da aula, se discutiu as percepções da seca e suas formas comparativas entre o início do século XX e os dias atuais, visto que naquele momento da aula vivia-se o período de chuvas e alguns problemas urbanos de alagamentos verificados na cidade; e quando da abordagem do misticismo e da forte religiosidade dos cangaceiros comparado à figura de rezadores e curandeiros, personagens importante no interior do nordeste e em pequenas comunidades, como aquele onde estava localizada a escola, o que muitas vezes desprovidas de pouca assistência médica muito por causa de falhas do poder público fazem com que milhares de pessoa e alunos se direcionem aos cuidados de formas alternativas de cuidados medicinais.

Uma experiência *in loco* que me proporcionou inquietações metodológicos, mas sobretudo experienciais, sentar-se do outro lado, mesmo que seja para observar um colega de profissão em seu labor, não é fácil, ainda mais sob pressão de uma pesquisa com o rigor do método científico etnográfico tendo ainda o conteúdo do cangaço como pano de fundo e um

⁶⁶ Esta parte do texto lança possibilidades, já previstas em projeto de pesquisa, de aprofundamento de tema onde será função primeira do próximo capítulo (02) deste texto analisar as diversas reutilizações e construções do cangaço através de produtos culturais/comerciais já bastante utilizados num ambiente de cultura juvenil.

dos objetos de pesquisa. Uma importante vivência que entrará para o repositório de saberes e experiências que contribuirá indubitavelmente para minha trajetória profissional, acadêmica e pessoal.

2. AS DISPUTAS DO CANGAÇO EM PONTOS DE CONFLUÊNCIAS: MEMÓRIAS RESSIGNIFICAÇÕES E OBJETOS CULTURAIS NO E PARA ENSINO DE HISTÓRIA

Quando de minha vivência/experiência e lembranças no primeiro ano do curso de mestrado fui confrontado por uma colega de turma do porquê o cangaço estava tão em evidência⁶⁷ naquele momento. Por obviamente, ser o único a pesquisar o tema num universo total de excelentes 27 proposições de pesquisa senti-me na obrigação de responder algo, que não tinha tanta certeza da resposta, apesar de uma carga considerável de leitura sobre o referido tema. A obviedade se explica devido ao contexto histórico-espacial a que está inserido o curso. O mesmo foi realizado na Universidade Federal do Pará, Campus Ananindeua onde em se tratando de movimentos sociais e suas memórias estas estão fortemente marcadas pelo movimento de Cabanagem, movimento social acontecido no contexto do período Regencial na região Norte do país que marcou e marca até os dias atuais a memória coletiva e a tradição de todos(as) aqueles(as) que experienciam aquele espaço histórico-cultural, na qual reflete-se no volume de pesquisas e escolhas do e sobre o referido tema.

Pouco importa a resposta naquele momento, mas sim a reflexão profunda que fiz a partir daquela indagação. Reflexões estas quase sempre iniciadas a partir do próprio tema. Percebi que a resposta para aquela pergunta não estava no cangaço em si, mas sim no tempo presente bem como na memória coletiva daquele movimento a se ressignificar chegando ao ponto de tocar uma turma de mestrado no norte do país e demais regiões. Como a memória coletiva daquele movimento se ressignificava constantemente a décadas passando de geração em geração? Como em mim o cangaço se refletia e se irradiava facilmente em todos e todas naquela turma de 27 alunos que tinham até então a memória da cabanagem como algo mais vivo e latente por força de um contexto regional?

Repetia-se mais uma vez, como em anos anteriores em minha carreira profissional, ao entrar em várias salas de aula e de alguma forma ter alunos(as) envolvidos sob o tema do cangaço. Agora numa turma de mestrado tínhamos, mais uma vez, professores(as)/pesquisadores(as) e até professores(as) do próprio programa de alguma forma envolvidos e contagiados pelo tema do cangaço.

⁶⁷ Em relação à sensação de evidência sobre o tema do cangaço está ao fato de naquele ano de 2022 vários produtos culturais sobre o referido tema terem sido lançados em nível nacional: dois temas de desfiles de escolas de samba nas maiores cidades do país (Rio de Janeiro e São Paulo) tendo uma como campeã e a outra como vice-campeã; uma minissérie lançada em canal de streaming; anúncio de uma novela em rede nacional.

Pois bem! Eis que em Pollack (1989) encontrei a melhor fundamentação/explicação para tal pergunta de o porquê o tema do cangaço estava em evidência novamente. Para o mesmo, a memória reflete o contexto de seus contemporâneos, como já dito anteriormente, são gatilhos disparados segundo afeto, espacialidade e identidade. Uma memória tornada tradição e/ou instrumento de luta e resistência, uma *memória em disputa*, que da exclusão de um grupo pode tornar-se de alguma forma um efeito de arma contra a dominação das forças hegemônicas. Uma arma (memória) muitas vezes inconscientes onde todos têm acesso, pois somos compostos por lembranças que se transformam em memórias juntadas umas às outras. Podendo se apresentar de diversas formas em manifestação de tradições culturais como em uma festa popular como o carnaval, uma celebração religiosa, um grupo de teatro de rua, uma música, uma vestimenta, uma comida típica ou até nos inconscientes manifestos no cotidiano de falas, ações, comportamentos e valores morais (POLLACK, 1989, p. 02).

Desde 2014⁶⁸ o Brasil vive uma escalada de tensões político-ideológicas que desembocou na eleição para presidência de Jair Messias Bolsonaro (PL). Uma liderança que representava a extrema direita com ideias ultraconservadoras e de matriz econômica neoliberal. Uma união de vertentes histórico-ideológicas contraditórias, mas que no Brasil a aproximação representava apenas conveniência para as partes envolvidas. Nesse caldo de extremismo e uso intenso e descarado de fake news através das redes sociais desde a campanha e por todos os quatro anos de seu governo, os brasileiros se digladiam aos montes em perfis nas redes sociais e também na vida real. Colocando o dedo nas principais feridas da história recente do país: corrupção, moralidade, religiosidade, cultura, costumes e tantos outros temas que tangenciavam a vida cotidiana de todos aqueles que estavam a se envolver em suas respectivas causas e bandeiras. Até para aqueles que optaram por não se engajar nessa querela político-ideológica sofreram de alguma forma com as bizarrices durante aquele período.

Michel Pollack (1989, p.02) indica que em momentos de extrema polarização de aspectos político-ideológicos que tangenciam demandas culturais, éticas e morais no cotidiano, a sociedade de alguma forma reage para canalizar suas energias com propósitos de estabelecimento de forças para hegemonia de alguma das partes sobre outras. Nessa trama de disputas por espaços e poderes, dominação e dominados, temas sensíveis tornam-se

⁶⁸ Nas eleições de 2014 a então presidente Dilma Rousseff (PT) disputava sua reeleição com o então candidato Aécio Neves (PSDB). Ambos chegaram ao segundo turno com pesquisas que apontavam para um empate técnico. Porém Dilma Rousseff venceu aquelas eleições com uma margem pequena de pouco mais de 3 milhões de votos, o que representava menos de 4% do total de votos. O suficiente para desencadear uma tentativa de reviravolta de descredenciamento do processo eleitoral. Vale também ressaltar que durante a campanha ambos os candidatos usaram de meios alienantes e fake news para se sobressaírem um sobre o outro.

instrumentos direto ou indiretamente de controle e/ou disseminação de informações para fins de debates e convencimento das massas. Com isso, percebemos o cangaço⁶⁹ como um daqueles temas que naturalmente ressurgem como janela e/ou gatilhos, muitas vezes inconscientes, para tais embates.

Há de se elencar que não é a primeira vez que o tema do cangaço assume esse papel de protagonismo e instrumento de embates, porém com o advento da modernidade, a ampliação do acesso à novos meios e mídias percebe-se de alguma forma um maior engajamento e conseqüentemente um redirecionamento dos embates e produções culturais da memória coletiva do cangaço. Uma memória mais digitalizada⁷⁰, dinâmica, que se pulveriza rapidamente em meio a discussões em torno de disputas virais que tangenciam uma lógica antiga e já conhecida da matriz teórica do referido tema; herói/bandido? Criminoso ou cidadão? Produto do meio ou transgressor? Porém o que se percebe para além disso, são produções culturais, mas sobretudo comerciais de gêneros variados, que aproveitam a esteira do capitalismo e a liquidez social dos tempos para transformar qualquer coisa e tema em algo rentável. Eis que o cangaço enquanto movimento de contestação no início do século XX se metamorfoseou em diversas formas se retroalimentando dos diferentes contextos e momentos de suas próprias memórias manifestas na sociedade, assim segmentando-se pelo sertão do Brasil através de suas tradições segundo as especificidades de cada região.

O ensino de História se faz em um ambiente sempre complexo e marcado por divergências naturais do ser humano e seus agrupamentos. Contudo, para se entender história não basta apenas entender o contexto, mas também entender o ser humano, de tudo o que o cerca, utilizar instrumentos e métodos mínimos de construção para organização reflexiva e sistemática do conhecimento. “Para ensinar História a João, é preciso entender de ensinar, de História e de João” (CAIMI, 2009).

A natureza da História⁷¹ se faz compor de três elementos: a natureza do campo em si, a natureza metodológica e seus instrumentos e métodos, e a natureza da aprendizagem. Cada

⁶⁹ Alerto que para além da memória do cangaço outros temas também foram e são evocados como instrumentos e gatilhos de disparos para embates e construção de discursos e narrativas a serviço de alguém ou de um grupo geralmente hegemônico: música, futebol, costumes entre outros.

⁷⁰ O uso deste termo aponta para as discussões em torno das redes sociais e principalmente para o aumento considerável de produtos audiovisuais em torno do tema do cangaço na rede mundial de computadores: podcast, documentários, programas, entrevistas, filmes e uma série de outros formatos de produtos que exploram de alguma forma o tema do cangaço nas diversas plataformas de meios e mídias na rede mundial de computadores. O que nos evidencia uma espécie de digitalização e virtualização do tema do cangaço. Nos fazendo sugerir esforços de pesquisa, levantamento e compreensão dessa nova faceta e fenômeno atual do tema do cangaço em outra ocasião e momento.

⁷¹ Sobre a natureza do ensino de História ver CAIMI (2009).

um se apresenta em suas facetas e composições se interligando para juntos comporem a ação de ensinar algo a alguém, neste caso específico o ensino de História. Um processo com fins decisórios de emancipação individual e social de um contexto de alienação e/ou vivência automática fomentada no senso comum (CAIMI, 2009).

Um lugar de fronteira que se faz de diferenças, porém de aproximações. Lados que quase sempre se firmam como dissonantes construindo uma perspectiva de todo. Um campo também perigoso que se faz entre o prático pedagógico e o objeto de estudo. O professor de História como instrumento de conhecimento e ao mesmo tempo objeto de estudo para um campo de compreensão tão intenso e volátil (MONTEIRO; PENNA, 2011)

Contudo para além das vivências e experiências somos também seres marcados por algo que carregamos continuamente e inconscientemente que são as lembranças, estas uma evidência do rompimento definitivo com aquilo que já passou. Uma transformação do presente em algo subjetivo, íntimo e principalmente identitário. A História serve-nos para pôr em xeque o cotidiano, as vivências, desautomatizando a vida e mostrando à fundo as entranhas do que é viver em sociedade. A História nos fala muito mais do presente do que do passado, mas é deste que podemos compreender coisas contemporâneas a nós e ao nosso redor. Falar em história, narrar, contar, investigar, compreender são verbos que de alguma forma nos levam através da historiografia a desvendar o presente à luz do passado com olhos para construir um futuro (RAMOS, 2009).

Para Halbwachs (1990) as lembranças são composições íntimas interconectadas ao coletivo que nos ajudam a construir a memória coletiva, disparando gatilhos do individual para o coletivo, do interno para o externo. As lembranças não estão a se apegar a algo ou alguém ou a se apresentar necessariamente através de uma estrutura física, mas sim a compor-se como uma categoria subjetiva constituída pela ação de recordar calcada em vários fatores entre eles o afeto, os espaços e a identidade. Já para Lowenthal (1998) o passado é algo que está ligado ao presente no cotidiano. São evidências residuais que diariamente ao conhecer e/ou lembrar de algo que já passou, lançando assim luz sobre o presente. Somos o resultado de um somatório de camadas justapostas de experiências que se apresentam através do tocante de lembranças, estas cruciais para confirmar o que somos enquanto indivíduos sociais perenes ao tempo.

A resignificação da memória coletiva do cangaço é um fenômeno perene no tempo que afeta todos os espaços em diversas dimensões e camadas. O ensino de História, um dos instrumentos de manipulação de vários temas no espaço escolar, não está alheio a tais influências, o que faz de alunos, professores e público em geral muitas vezes vulneráveis a tais

implicações de embates e amplitudes desta memória multifacetada em tempos de acirradas disputas políticos-ideológicas, como analisamos anteriormente.

Para entender este contexto confuso e contraditório iremos através de dois importantes arcabouços teóricos compreender como a memória coletiva do cangaço se faz multifacetada em tempos tão plurais, radicais e efêmeros no ambiente escolar. Através da teoria da *cultura histórica* de Jörn Rüsen e da *cultura juvenil* de Maíra Zimmermann entraremos nos universos particulares de professor e aluno na escola da rede municipal de ensino Antônio Marques na cidade de Picos, estado do Piauí.

A *cultura juvenil* seria uma forma que sujeitos reagem para se inserir a uma cultura geral predominante, está diretamente relacionado à identidade e reafirmação social segundo afinidades, daí a proposta de dialogar com os referidos conceitos. Entender determinados micro comportamentos, afinidades e envolvimento de alunos passa por entendê-los enquanto subculturas e consequente correlação, inquietações e influências com a memória coletiva do cangaço (ZIMMERMANN, 2017).

Para dialogar com os conceitos de *cultura juvenil* e as *subculturas* entendemos também que as considerações de *cultura histórica* de Jörn Rüsen (2001) seriam importantes, tendo em vista que tanto professores quanto alunos são grupos que mobilizam e se relacionam de alguma forma com o passado no tempo presente através da construção de narrativas baseadas em experiências em si mesmo.

As diversas narrativas em torno do cangaço construídas por professores através dos saberes experienciais e as reações dos alunos quando da mobilização do conteúdo, estão a relacionar-se aos diversos elementos culturais à sua volta, que também estão a ressignificar a memória sobre o cangaço. Portanto, entender a correlação entre a *cultura juvenil*, suas *subculturas* e a *cultura histórica* de professores e alunos, ao mobilizar simultaneamente o conteúdo e as memórias do cangaço, é ir a fundo numa especificidade do ensino de História

Com isso, iremos inicialmente escolher dois produtos culturais do cangaço para analisar e compreender sua dinâmica de construção enquanto produto cultural/comercial resultado de uma memória ressignificada. Desse pequeno recorte instrumental, iremos compreender a memória coletiva do cangaço e suas diversas facetas em torno de si. A escolha dos referidos objetos ora analisados dá-se devido aos critérios de atualidade e aproximação do público juvenil. Os objetos são, a HQ *O cabra* (2010) de Flávio Luiz e a minissérie *O cangaceiro do futuro* (2022).

Após a análise e enquadros teóricos iremos no segundo tópico deste capítulo como forma de projeto pedagógico, empreender os mesmos ora analisados, numa turma de 9º ano do

Ensino Fundamental Anos Finais na já citada escola o que nos implica a entender os efeitos e correlações destes em alunos(as) como instrumento pedagógico no ensino de História. Ao passo que concomitantemente estamos a compreender como se dá o processo de construção dessa memória coletiva em elementos subjetivos na construção empírica de jovens na cidade de Picos, estado do Piauí e ao mesmo tempo lançar luz ao processo de segmentação do cangaço em diversos espaços, em especial no ambiente escolar.

Fora desenvolvido em formato de oficinas a discutir as sete categorias propostas no produto pedagógico apresentados no terceiro capítulo desta pesquisa: *Gênero no cangaço*; *Violência e banditismo*; *Concentração fundiária e luta pela terra*; *Personagens principais*; *Estética no cangaço*; *Misticismo e religiosidade*; *Linguagem e sentidos do cangaço*. Ao final, foi realizada uma culminância onde os alunos(as) produziram cartazes que resumiram os aprofundamentos reflexivos realizados em sala de aula. Com isso, podemos experimentar de forma prática no microuniverso de sala de aula as diferentes formas e linguagens do cangaço naquele ambiente, proporcionando uma experiência *in loco* e prática as diversas reações dos alunos e alunas quando do contato e aprofundamento com o conteúdo do cangaço.

2.1. ERA UMA VEZ O CANGAÇO! RESSIGNIFICAÇÕES DA MEMÓRIA COLETIVA EM DIFERENTES MEIO E MÍDIAS NA CULTURA JUVENIL

Os eventos do passado não são apenas pontos numa linha cronológica do tempo chamados de história, mas um constructo coletivo do presente baseado em memórias coletivas que são disparadas por gatilhos individuais, que se amontoam nos inconscientes de um determinado grupo sendo extravasados em diversas formas de manifestações culturais (GONTIJO, 2014).

O Brasil não é um país sem memória coletiva, mas sim de muitas e variadas memórias que levam os coletivos de pessoas a produzirem, disputar espaços e lugares forjados de lembranças, muito desse contexto de disputas e construções surgem de uma estrutura miscigenada culturalmente calcada na diversificada matriz cultural Brasileira ainda quando de seu passado colonial, onde verificamos diversos elementos culturais misturando-se e ao mesmo tempo forjando-se.

Cultura histórica seria o modo como um coletivo de pessoas se relaciona com esses elementos do passado através de diversas formas, assim ressignificando o presente. Vale ressaltar que essas visões/revisões de eventos e/ou fragmentos do passado não incluem a historiografia acadêmica, portanto cultura histórica seria uma visão específica e empírica da

própria sociedade para eventos já ocorridos e de como esta lhe fornece novos significados (GONTIJO. 2014).

A escola possui papel relevante e ao mesmo tempo contraditório nesse contexto de construção da cultura histórico de uma dada sociedade, pois é ela em primeira instância, de forma sistematizada e organizada, através de seus currículos e componentes curriculares, que lança luz nas diversas maneiras de mobilização de seus elementos do passado. A História e o ensino de História trabalham juntos para entender, identificar as diversas formas de mobilização do passado no tempo presente, respeitando as muitas especificidades imbricadas no local e no regional.

O movimento social do cangaço é um desses elementos que de alguma forma é parte constitutiva da memória coletiva que consubstancia a cultura histórica dos indivíduos no tempo presente; alunos e professores como sujeitos diretos dessa construção. São diversas mobilizações, ressignificações, monumentos que se apresentam em diversos formatos nos dias atuais: música, literatura, estética, valores, cinema, turismo e tantos outros formatos. A escola por estar inserida nesse contexto recebe direta influência, reproduzindo em duplo sentido tais elementos, o que vem a ser a constituição da memória coletiva e de uma cultura histórica do cangaço.

Que objetos, práticas, manifestações podem ser identificadas como reatualizações do cangaço? Que sentidos são operados nestes processos de reatualização? Como sujeitos diversos, professores(as) e estudantes, consomem, se apropriam e constroem sentidos sobre o cangaço na contemporaneidade? Como é possível ao ensino de História mobilizar os sentidos múltiplos do cangaço reatualizando-o na construção do conhecimento histórico e da cultura histórica?

Para o professor Marcos Edilson Clemente (2009) em sua obra *Lampiãoes Acesos: O cangaço na memória coletiva* as demandas locais constroem monumentos que dão sentidos à memória do cangaço, que logo a depender de como, cada região transforma esta memória em algo embriagado à cultura de seus nativos:

“Os municípios envolvidos diretamente com a história do cangaço tentam construir, ou inventar, suas identidades através do reforço dos vínculos que mantiveram no passado de Lampião, não importando se as imagens em jogo são ou não favoráveis ao cangaceiro. Resta saber quais são as imagens construídas em cada cidade onde se localizam os museus do cangaço e quais são as tramas articuladas em torno dessas imagens.” (CLEMENTE, 2009, p. 21)

As memórias se projetam segundo interesses específicos, como vivemos numa região que em muitas dimensões sofreram e ainda sofrem em menor medida segregações e formas de preconceitos, o sertanejo⁷² se apega de alguma forma a elementos ainda mais evidentes em seu cardápio de elementos culturais advindos de uma memória afetiva e latente. Daí uma das explicações do porquê o cangaço vez ou outra ganha destaque em diferentes meios e mídias.

Um cangaço como *dever de memória*, um imperativo social manifesto ligado a um passado e/ou presente sensível que ainda mexe com o íntimo de cada sertanejo em seus agouros e dificuldades diária de seu cotidiano. Uma construção rítmica e natural que engloba a produção patrimonial mnemônica a produzir a todo instante tradições manifestas, como um passado que não passa (FILHO, 2019, p. 80).

Ainda para Vagner Filho (2009) é nesse caldo de memórias marginalizadas de determinados grupos excluídos (sertanejos, negros, indígenas) que transitam as múltiplas formas de desejos ora de apenas lembrar, ora de preservar, ora de capitalizar. É a memória coletiva do cangaço pulverizando-se como variado instrumento do sertanejo a construir uma identidade cultural num determinado espaço, fincando bandeiras identitárias nestes locais a fim não de se preservar, mas principalmente se fazer visto e dominante ao menos naquele espaço.

O cangaço atingiu um nível de independência de seu fenômeno original passando a ser um simulacro da realidade composto ora por ser cópia, ora por ser original e ora por ser um elemento de composição do real, daquilo vivido. São desses simulacros da realidade baseados numa memória do cangaço que chegamos à curiosa obra de Flávio Luiz⁷³ (2010) aqui analisada.

Os simulacros são mecanismos de defesa que se caracterizam por imitar, mas ao mesmo tempo disfarçar e manter em segredo determinadas máscaras que estão a se relacionar em jogos de poderes entre regras, costumes, valores morais e interesses daqueles grupos a qual estão envolvidos em sua reprodução/ressignificação, os que consomem e os que produzem.

Através das novas tecnologias e das diversas formas de tergiversar o original em torno dos contextos sociais, os simulacros são conectores estéticos daquilo já vivo com aquilo

⁷² Aqui compreendemos a definição de sertanejo aquele grupo social que ocupa a faixa de terra do sertão com especificidade socioculturais e espaciais afastadas dos grandes centros urbanos de faixa litorânea e hábitos interioranos e rústicos. Uma sub regionalização social e espacial ainda compreendida no universo do Meio Norte, Agreste e Zona da Mata.

⁷³ Flávio Luiz nasceu em Salvador, Bahia, trabalhando no início de sua carreira no Jornal Bahia Hoje, ainda exercendo a função de ilustrador para várias agências de publicidade. Enquanto quadrinista produziu obras como: *Jayne Mastodonte* (1999), *Aú, o capoeirista e o fantasma do farol* (2015) e *Agente Sommos* (2019). Possui 4 premiações na importante HQ Mix e 2 premiações no Salão de Humor de Piracicaba. A sua principal obra *Aú, o capoeirista e o fantasma do farol* foi adotada pela Secretária de Educação do Estado de São Paulo como material didático no Programa Sala de Leitura atingindo a marca de 7 mil exemplares vendido, uma marca expressiva para o segmento de HQs.

experienciado. Em tempos marcados por uma cultura híbrida do culto às imagens e da construção de símbolos que se conectam e se constroem através do imaginário coletivo, os sujeitos:

“... pós-moderno[s] faz morrer o verdadeiro, e o triunfo é o falso. A sociedade de consumo, por exemplo, não se satisfaz com o próprio consumo, mas se anuncia como tal, testemunhando a si mesma como mercado de consumo, como simulação (dissimulação), e põe fim a uma ordem de liberdade, substituindo o reflexo da própria imagem de homem pela aparência de máscara que encobre a liberdade e aprisiona a verdadeira imagem do homem.” (FREITAS, 2013, p. 336)

Para se entender os processos de simulacros não se faz necessário apenas ir à origem ou até o original, mas entender todo o processo evasivo de construção das diversas cópias que se justapõem em camadas socioculturais que na maioria das vezes obstaculizam muito mais a visão e o entendimento do que desvendam a realidade. O cangaço é um daqueles fenômenos que também passa por esse processo de simulacro continuado, que se processa como função de desvendar e ao mesmo tempo desconectar o presente do passado, numa relação dialogal, mas também diacrônica entre plateia e espetáculo, memória e o acontecido. A memória coletiva do cangaço e seus produtos culturais/comerciais são a todo instante produzidos para simular, entreter, vender, representar e sensibilizar.

Para Baudrillard (1992) existem três formas ou processos de simulação: a ordem de valor natural, a ordem de valor mercantil e a ordem de estruturação de valor. Dessa premissa é perceptível que no fenômeno do cangaço e seus processos de simulacro há um tangenciamento das três formas: o cangaço enquanto movimento e ordem valorativa em si; o cangaço ressignificado através de memórias, resultando em produtos culturais de ordem valorativa mercantil; e o cangaço enquanto elemento macro estruturante de uma dada sociedade, como a que se manifesta no sertão através de seus emaranhados de símbolos conectando-se como teia a estrutural e cultural de um povo.

A HQ *O cabra* (2010) de Luiz Flávio é um desses elementos que de alguma forma atuam como simulacro da realidade através de imagens que subterfugiam os inconscientes dos indivíduos para representar algo que não se tem acesso direto. Apresentando-se como simulação da realidade envolvendo e representando uma mensagem, um contexto ou uma presença.

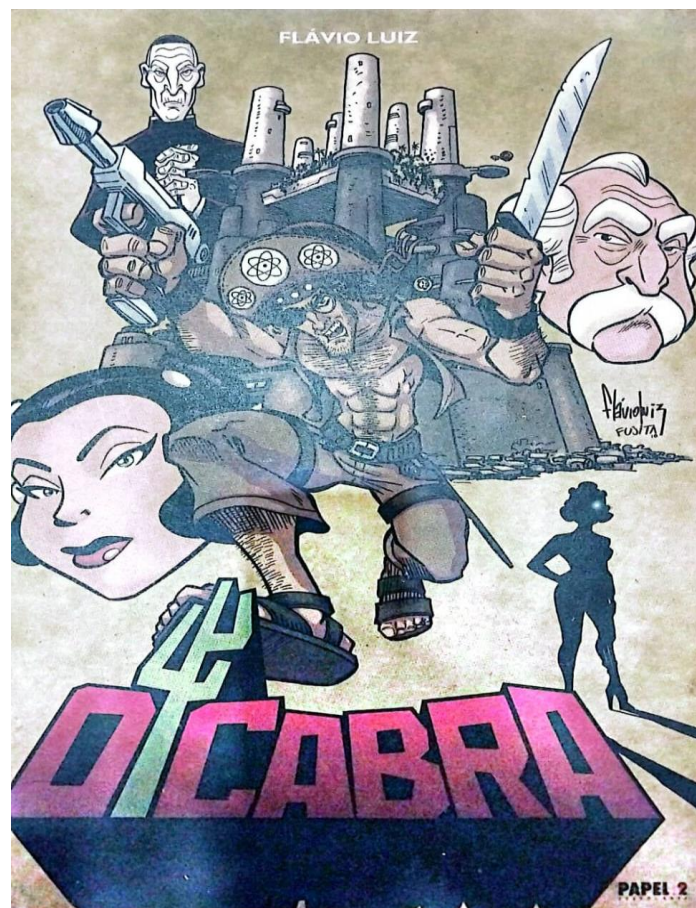


Imagem 06: Capa do HQ *O Cabra* escrito por Flávio Luiz e lançado em 2010.

O Cabra (2010) é uma história em quadrinhos do gênero romance gráfico publicada de forma independente no ano de 2010 pela editora Papel A2 Texto & Arte. Tendo sido premiado em 2011 com o troféu HQ Mix como melhor publicação independente. O mesmo se apresenta como mais um produto cultural mobilizando o tema do cangaço como pano de fundo numa ambientação futurista pós apocalíptico marcada pela escassez de água. A história é centrada em *Severino*, personagem principal, na busca por vingança após ter sido traído pela família da noiva, em um complô no dia de seu casamento.

Vale ressaltar ainda o designer e o uso de cores bastante arrojado de Artur Fujita que coloriu as minisséries *Odissey* e *Trojan War* da Marvel. Aliando-se a isso as impressões em páginas tamanhos originais (25 x 38 cm) o que segundo o próprio autor, causa uma imersão do leitor no gráfico e nos quadros artísticos, exigindo da HQ uma riqueza de detalhes para prender a atenção do leitor, visto nos detalhes faciais, dos corpos, armas e ações durante o desenrolar da trama e seus personagens.

Quando aberto a primeira página iniciando a leitura, confesso uma rejeição quase que imediata da ordem de coisas incompatíveis com absurdas. Logo de início deparo-me com uma

nave em formato de besouro gigante perseguindo um calango que corria de forma bípede (LUIZ, 2010, p.2). Contudo, por força da curiosidade, por mais que tenha achado a princípio absurdo, início a leitura, eis que já na segunda página me situo e conecto-me à intenção brilhante do autor Flávio Luiz de projetar um passado (o movimento social do cangaço) num *espaço de experiência* com a memória do cangaço (presente) em forma de *horizonte de expectativa* (mundo pós apocalíptico com escassez hídrica).

O tempo para Koselleck (2006) é irreversível, porém os diversos elementos apresentados no curso da história se apresentam em formas residuais através de camadas justapostas, formando as experiências do personagem em seus respectivos tempos, a chamada *estrutura temporal da experiência*. Essas estruturas não se reduzem a um único personagem como em Severino em *O Cabra*, mas se apresentam durante a história em construções coletivas de longa duração que fornecem sentidos aos eventos que compõem os espaços de experiências, apresentados muito bem na HQ (KOSELLECK, 2006, p. 313).

De cara é perceptível a intenção do autor, sem muito esforço e de uma forma muito brilhante, colocar Severino como o elo entre passado, presente e futuro. São através de detalhes e termos como: “Forroboland”⁷⁴, “Coroné Gardens”⁷⁵, “Sanfonia”⁷⁶ que a princípio a história estabelece conexões com elementos da cultura nordestina associando-se ao personagem principal e seu contexto na trama. Ao longo da história outros elementos seja da cultura do cangaço, seja da própria cultura nordestina ou de ambos se apresentam como: a linguagem utiliza: “quarquê”, “puliça”; ou a própria referência à tema tangenciais ao cangaço como: a seca, escassez de água, a figura hegemônica do coronel, a atuação defensiva e ofensiva associada à violência de suas ações das polícias/volantes.

Para Araújo Sá (2011), em seu levantamento histórico das diversas formas e facetas que o cangaço se apresentou na linguagem em HQ⁷⁷, a obra de Flavio Luiz segue o padrão da geração dos anos 90, que constrói e apresenta um cangaço como movimento nacionalista e identitário vinculado ao regionalismo. Evidenciado nos termos, costumes e práticas do povo sertanejo, muito vinculados também à memória do cangaço (ARAÚJO SÁ, 2011, p. 140).

O elemento subjetivo como que em um caldo que junta os principais ingredientes, em *O Cabra* percebemos o autor adicionar ao contexto e principalmente ao personagem principal,

⁷⁴ Local onde viviam os pobres marginalizados sofrendo com a falta de água.

⁷⁵ Local onde morava a família do coronel Antonius Bentus mais poderoso.

⁷⁶ Cidade onde habitavam 30 mil pessoas governadas pelo coronel e que apresentava forte desigualdade social baseada sobretudo no acesso à água.

⁷⁷ Para saber mais sobre as diversas gerações e especificidades de abordagens do tema do cangaço na linguagem de histórias em quadrinhos ver ARAÚJO SÁ (2011).

Severino, uma gama variada de elementos subjetivos ligados ao personagem, ao contexto e ao mesmo tempo à trama. Honra, violência e memória são ingredientes sensíveis que dão gosto envolvente à trajetória do personagem e simultaneamente nos faz envolver a estes elementos da cultura sertaneja e em especial aos do cangaço, seja ao movimento em si e/ou à sua memória que reverbera no nosso presente.

A história se inicia através da traição sofrida por *Severino* no dia de seu casamento envolvido por um complô na qual foi enganado por *Mary Beautiful*, seu grande amor. O que o moveu para uma busca incessante por vingança, percebe-se aqui mais um elemento de subjetivação conectiva com o cangaço (traição e honra). As lembranças ecoam em sua cabeça como um martírio e ao mesmo tempo constroem em sua memória a busca incessante pela consumação de sua vingança. Vingança e memória são elementos subjetivos do personagem principal que movem e envolvem toda a trama no contexto e os demais personagens.

Para Luitgarde Barros (1999), cangaceiros e volantes são forjados em um contexto de extrema violência e pouca efetivação da burocracia e do aparato estatal, resultando numa sociedade desenvolva em desequilíbrio. Formas e formatações sociais que moldaram homens e mulheres sertanejas para enfrentar as severas dificuldades impostas por um sistema oligárquico, desigual e opressor. Ser um *homem de bem* era ter *sangue nos olhos*, ser um *sujeito valente*. Essas foram algumas expressões atribuídas ao coronel Lucena⁷⁸ em 1938, quando comandou as forças volantes que emboscaram o bando de Lampião na Grotta de Angico na divisa entre os estados de Alagoas e Sergipe. Uma ação extremamente violenta típica da época na qual envolvia criminosos e forças policiais, terminando com a macabra exposição das cabeças dos 11 cangaceiros mortos no massacre de 28 de julho de 1938.

Ainda para Barros (2018) as dificuldades impostas pelo sistema da época moldaram o sertanejo a construir mecanismos de defesa e resistência contra a opressão do contexto. A violência como principal instrumento para resolução de impasses cotidianos tornando-se por conseguinte elemento fulcral do identitário sertanejo amalgamando-se e ressignificando-se através da memória coletiva construída ao longo das últimas décadas.

Em *O Cabra* encontramos todos esses elementos que compõem o trinômio da cultura sertaneja: coragem, trabalho e honra. *Severino* em diversas ocasiões de sua crueldade elimina de forma brutal aqueles que atravessavam o seu caminho ou que de alguma forma se

⁷⁸ José Lucena de Albuquerque Maranhão nasceu em Quebrangulo, estado de Alagoas, fez carreira na Polícia Militar daquele estado chegando a maior patente de coronel. Em 28 de julho de 1938 comandou as tropas de volantes que emboscaram o bando de *Lampião* da Grotta de Angico na divisa entre Sergipe e Alagoas. Também exerceu alguns cargos políticos como o de prefeito de Santana do Ipanema e de deputado estadual.

envolveram no complô que resultou na traição e comprometimento de sua honra. O autor abusa da violência nas ilustrações quando dos confrontos apresentados: decolas, feridas, ações abruptas contra o corpo humano são algumas das cenas que representam e dão intensidade a tais elementos correlacionais entre honra, traição e violência. As ilustrações possuem um banho de sangue ao longo de suas páginas (BARROS, 2018, p. 69).

Outro ponto que nos chama a atenção no enredo é a sutileza do autor em abordar a tradicional dicotomia entre herói e bandido. Ao final, quando consumada sua vingança contra todos aqueles que o enganaram e conspiraram contra ele, *Severino* aciona o botão das comportas de água justamente no dia de inauguração das “Piscinas luminosas dos jardins suspensos de Sanfonia” (LUIZ, 2010, p. 51). Vale ressaltar que a obra/inauguração representava o quão era desigual a distribuição do principal bem naquele futuro apocalíptico criado pelo autor, a água. O mesmo aproveita a oportunidade para na HQ apresentar um Severino como alguém preocupado com os mais desfavorecidos, quando da ação de abrir as comportas das piscinas e derramar a água para todos aqueles famintos que não se beneficiam em nada daquela obra e riqueza natural.

Com toda essa miscelânea de elementos, subjetividade e correlações ao tema do cangaço e a cultura sertaneja, ainda há tempo de o autor alinhar a trama a algumas matrizes teóricas do cangaço⁷⁹ tangenciando-o as considerações *facotianas* de que o cangaço está a se inserir e ao mesmo tempo se explicar através das estruturas socioeconômicas. Um enquadro teórico do cangaço em forma de resistência que tem como principal mote uma luta contra o sistema desigual e opressor, mostrando um cangaço como instrumento de radicalização inversa a uma estrutura endemicamente desigual.

Ainda em se tratando do enquadramento teórico da HQ, percebemos o autor transitar entre a segunda e a terceira matriz teórica que vai do marxismo de Rui Facó, passando pelas teorias de banditismo social de Eric Hobsbawm desaguando na mais atual das correntes teóricas do cangaço que é a vertente sociológica culturalista liderada por Frederico Pernambucano de Mello, que sobretudo entende o cangaço como um aspecto em suas variadas dimensões socioculturais.

Por tudo, Antônio Fernando de Araújo Sá (2011) em sua obra *O cangaço nas batalhas da memória* faz uma aprofundada e complexa análise das diversas formas e representações do cangaço em histórias em quadrinhos. Para ele as diversas HQs que abordam o tema do cangaço

⁷⁹ Para aprofundar mais sobre as matrizes teóricas do cangaço ver a obra de Vinicius Ferreira Ribeiro (2021).

desde 1930⁸⁰, representam mais um gênero linguístico a sofrer com as diversas disputas socioculturais-ideológicas que envolvem o tema. Do bandido ao herói, do justiceiro ao Robin Hood, do produto cultural ao símbolo sertanejo, em muito refletindo aspectos do contexto de cada época em que a HQ foi produzida.

Pensados e criados apenas para serem anexos ilustrativos de jornais dominicais ainda no final do século XIX nos EUA, as HQs rapidamente amadureceram para tirinhas contextualizadas com linguagem própria a contar histórias e enredos empolgantes que em pouco tempo passam a envolver diversos leitores ganhando assim autonomia, característica e estilo próprios (TAMANINI; COSTA, 2020).

A inserção de elementos gráficos adaptáveis para cada linha editorial dos jornais, fez naturalmente e rapidamente as HQs atingirem um grau de maturidade. As duas primeiras décadas do século XX reduziram-se a conteúdos humorísticos e satíricos com cenários bem elaborados. Passadas as duas grandes guerras (1914-1918; 1939-1945) as HQs chegam ao estágio de maturidade, autonomia e principalmente consciência de seu papel dentro da sociedade. Incorporando as dores em um contexto de profunda depressão pós-guerra. As histórias em quadrinhos assumem para além do papel de entreter e divertir, adicionando um toque sutil de intelectualidade e senso crítico, inclusive refletindo-se na organização da classe em sindicato com código de postura e ética de seus profissionais (TAMANINI; COSTA, 2020).

Ainda veremos novos aspectos e características se adicionarem nesta forma de linguagem ilustrativa nas décadas seguintes, formando assim gerações promissoras de quadrinistas ligados a temas de histórias policiais, de ficção científica e guerras, faroeste até desembocar nos universos de heróis que hoje comandam o cinema e a cultura juvenil.

Não é proposta deste trabalho fazer um levantamento histórico das HQs, mas sim compreender e relacionar as diversas facetas das histórias em quadrinhos ao ensino de História. É desse amadurecimento linguístico desde o seu início, seja nas mensagens, propostas ou nas ilustrações, que podemos tranquilamente aproximar as histórias em quadrinhos ao ensino de História.

Partiremos da capacidade que as HQs têm de se aproximar dos jovens através da cultura visual:

“... a união entre texto, imagem e narrativa visual, formando um conjunto único e uma linguagem sofisticada com possibilidades expressivas ilimitadas. Em vista disso, compreende-se que as HQs, além de um importante meio de comunicação, são uma

⁸⁰ Segundo Araújo Sá (2011) o primeiro HQ que aborda o tema do cangaço foi no ano de 1938 com o título *Vida de Lampião* de Euclides Santos.

manifestação artística das artes visuais que ensinam, carregam saberes, instruem e colaboram com a construção de conhecimentos, é um gênero que permite que a arte se faça saber.” (TAMANINI; COSTA, 2020, p. 06)

Por sua linguagem acessível, dinâmica e sensorial, as HQs conseguem acessar estruturas íntimas de uma dada pessoa ou grupo social. Jovens que estão a se reafirmar como indivíduos num dado grupo tendem a se aproximar de tal produto cultural por sua potência em lapidar valores identidades. Reconhecer-se através das diversas identidades postas no mundo contemporâneo fragmentado é forma de reafirmação nas diversas subculturas existentes. Os jovens sentem a necessidade pois estão a viver um momento naturalmente de incertezas e ao mesmo tempo de realocação no mundo material, cultural, espiritual e profissional. Com as imagens ilustrativas e fácil controle da atenção, as HQs constroem representações e aprendizagens, são construções e reconstruções que formam camadas socioemocionais e culturais nos diversos níveis da juventude (FRONZA, 2019).

Para isso o professor de História deve necessariamente contextualizar e seguir algumas orientações para o uso das HQs como artefato pedagógico. Conhecê-lo, contextualizá-lo, definir propósitos, planejar-se são algumas das etapas essenciais para o êxito quando de seu uso em sala de aula. As HQs por possuírem uma linguagem autônoma quando de seu uso em sala de aula, necessita do professor de História um direcionamento em sala de aula para o uso efetivo das diversas potencialidades que dispõem o recurso.

Contudo, articular as imagens ilustrativas à linguagem concisa e direta ao interesse que naturalmente jovens dispõem às HQs é desafio primeiro do professor. Proporcionando ao aluno(a) uma oportunidade de criação imagética que dissimula e ao mesmo tempo refaz a realidade, mostrando para o mesmo(a) que, apesar da fantasia, há uma ligação com o real. Fantasia e imaginação caminham juntas com a realidade desde que se trabalhado direcionalmente pelo professor de História em sala de aula.

A História em suas diversas formas e facetas transformou-se numa linguagem metodológica que atribui sentidos através de suas narrativas sobre o tempo presente. Para aqueles que erroneamente acham a História ser uma ciência apenas do passado, precisam conhecer as considerações de Jörn Rüsen⁸¹. Para este, a função primeira da História é desautomatizar a sociedade no tempo, descontinuar os indivíduos nos agrupamentos sociais e fazê-los compreender a dinâmica de se viver no tempo através dos diferentes níveis de

⁸¹ Historiador e filósofo alemão nascido em 1938 tem como principal campo de estudo: teoria e metodologia da História e do ensino de História. Fundamentou alguns conceitos importantes como: *consciência histórica* e *cultura histórica*. Atualmente é professor da Universidade de Bielefeld.

*consciência histórica*⁸². A construção de narrativas históricas visa, entre outras funções, combater um entendimento da história como uma verdade pura, certa, única e evolutiva. A história é consciência, é experiência, é empirismo, é acima de tudo uma descontinuidade da continuidade do tempo (CALDAS, 2008).

A construção de cada indivíduo da realidade através de seu contexto é uma forma de depuração da vida prática que resultará num jogo linguístico que chamamos de narrativas. Cada indivíduo, sob sua *consciência histórica*, constrói suas próprias narrativas e estas medem força no jogo e tramas da vida cotidiana. A História é uma ciência do provável e não um fim em si mesmo que necessita de um ponto de contato com o passado em muito pela carência de orientação no tempo presente. Para Rüsen é crucial ao historiador e estendo ao professor de História a necessidade de aproximar-se da vida real, do prático construindo narrativas poéticas calcadas em fontes históricas com teor empírico sobre bases metodológicas (CALDAS, 2008).

“Dadas estas orientações, as perspectivas da história foram grandemente expandidas, indo além de considerar apenas os problemas de ensino e aprendizagem na escola. A didática da história analisa agora todas as formas do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos...” (RÜSEN, 2006, p. 12).

O papel da história se ampliou para além do ensino de História, tornando-se um raciocínio e ao mesmo tempo um conhecimento sobre a vida prática que passa pela construção de representações, difusão de informações, limites e possibilidades da vida prática. Tornando o pensamento uma consciência do passado para nos orientar no presente a fins de superar a tradição evoluída do tempo rumo a uma consciência histórica.

Cabe ao ensino de História desenvolver nos alunos a capacidade de identificar a tradição e convertê-la para competências narrativas através da *consciência histórica*. Construindo sentidos históricos a partir da experiência em si mesmo através de competências narrativas.

Ao professor de História cabe a fina sensibilidade e habilidade de desenvolver no aluno(a) toda essa capacidade. Esta pesquisa entende que os diversos usos do conteúdo do cangaço, especialmente quando de sua mobilização em sala de aula, pode ser um importante instrumento de despertar de todo esse processo de competências narrativas no e para o aluno(a).

⁸² A consciência histórica, segundo Rüsen (2006), é um elemento de orientação prática na vida cotidiana que nos fundamenta no curso do tempo. Está composta evolutivamente e inatamente em quatro formas básicas: tradicional, exemplar, crítica e genética.

Mas para isso o professor de História e sobretudo o aluno(a) necessitam discernir os diversos usos e “abusos” sobre do tema do cangaço numa dada cultura histórica.

Para isso iremos nessa parte do trabalho analisar mais um elemento constitutivo da memória do cangaço fruto dessa cultura histórica e suas reatualizações. *O cangaceiro do futuro*, uma série de gênero comédia, composta de sete episódios com duração média de 30 minutos cada, lançada em 2022 no canal de streaming Netflix, criado por Halder Gomes⁸³ e estrelado por Edmilson Filho⁸⁴. Conta a história de *Virguley* um trabalhador comum de uma grande cidade que numa perseguição levou uma pancada na cabeça acordando em 1927 e descobrindo ser muito parecido com Virgulino Ferreira da Silva, o *Lampião*, o maior fora da lei naquela época. Cabe a *Virguley* saber lidar com toda essa situação confusa, dramática e cômica.

Logo de início chama-me a atenção os elementos sonoros da minissérie, ao fundo a trilha sonora *Mulher rendeira*⁸⁵ adaptada e musicada na guitarra. A minha surpresa foi imediata tendo em vista o costume de escutá-la sempre ao som predominante da sanfona, Zé do Norte e Luiz Gonzaga a eternizaram em suas vozes. Naquele momento inicial e depois por toda a experiência, confirmo a sensação que estava ali diante de mais uma reatualização da memória do cangaço e de mais um elemento ressignificado da cultura sertaneja apresentado também através de elementos do tempo presente, um tanto quanto pastelão, mas ao longo da trama me senti muito envolvido.

⁸³ Halder Gomes é natural da cidade cearense de Senador Pompeu, filho de um pequeno agricultor de algodão estudou nos EUA e lá obteve as primeiras experiências no e com o audiovisual. É também lutador faixa preta de taekwondo onde no início da carreira atuou como dublê em filmes de ação. Sua primeira obra como diretor e roteirista é *Cine Hollíúdy*, lançado em 2012 e já um sucesso de bilheteria, faturando 4,9 milhões de reais, para além dele produziu: *O Shaolin do sertão* (2016), *Bem-Vindo a Quixeramobim* (2022) e agora se aventura no gênero drama produzindo *Vermelho Monet*.

⁸⁴ Edmilson Filho é comediante e ator de teatro e cinema nascido em Fortaleza, Ceará. Antes de ser ator foi lutador de taekwondo tendo inclusive chegando a fazer parte da seleção brasileira. Junto com Halder Gomes, além da afinidade com as lutas marciais fez mais de 300 aparições no teatro e no cinema, estreou o longa-metragem *Cine Hollíúdy* em 2012 tendo sido indicado ao prêmio de Melhor Ator no Grande Prêmio de Cinema Brasileiro.

⁸⁵ *Mulher rendeira* é uma música que foi gravada pela primeira vez em 1953 por Zé do Norte para o filme “O Cangaceiro” também lançado naquele mesmo ano, na qual foi escrito e dirigido por Lima Barreto. Contudo há no imaginário coletivo que essa música fora criada por *Lampião*, mas para o pesquisador Wescley Rodrigues Dutra, a associação é apenas parte do imaginário e memórias do cangaço, tendo em vista que a letra da música é também parte constitutiva da cultura sertaneja cantada bem antes dos tempos do cangaço lampiãoico. Para saber mais sobre a história da música ler em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/12/13/dia-do-forro-mulher-rendeira-tem-origem-associada-a-lampiao-e-versao-em-espanhol.ghtml>.



Imagem 07: Minissérie *O cangaceiro do futuro* dirigido por Halder Gomes e estrelado por Edmilson Filho, lançado no canal de streaming Netflix em dezembro de 2022.

O longa metragem nos situa entre o presente e o passado, cronologicamente quase um século de distância. *Virguley*⁸⁶, personagem principal, é um entregador de aplicativo com jornada de trabalho dupla complementada como artista de rua de um pequeno grupo de teatro e dança. Esta alternativa ao alto custo de vida nas grandes cidades conecta *Virguley* de alguma forma ao cangaço, tendo em vista que ele e seu grupo se apresentam no centro de São Paulo encenando um número sobre a vida de *Lampião* e a importância de se construir mais monumentos históricos sobre o cangaço. De cara, a minissérie já apresenta uma de suas causas primeiras, que é a importância da valorização dos lugares de memória na construção do imaginário e identitário coletivo e social.

Para Nora (1993) a memória é uma dialética viva entre passado e presente que tem nas lembranças a porta de entrada para o acesso aos fragmentos deixados ao longo do tempo, uma latência que se ressignifica nas relações entre lembrar e esquecer. Todo esse processo se dá em meio a coletividade e suas interrelações com reflexos individuais para cada um de seus partícipes, uma alternativa à liquidez dos tempos e ao processo natural de esquecimento para a

⁸⁶ Personagem interpretado por Edmilson Filho.

grande quantidade de experiências vividas em tempos de globalização e difusão de informações. Os *lugares de memória* seriam pontos de confluência entre o já vivo e o que está se vivendo, criações conscientes e inconscientes que “petrificam” o passado no presente com sentidos materiais, funcionais e simbólicos (NORA, 1993).

Nessa transitoriedade entre passado e presente um dos principais conectores é o componente da religiosidade. *Virguley*, como também *Lampião* são devotos do Padre Cícero⁸⁷, sendo este último, elemento e personagem catalisador de toda a trama ficcional que leva *Virguley* até 1927 ora apresentando como consciência, ora apresentando como personagem. A história é ambientada em um momento em que *Lampião* está prestes a invadir e atacar a cidade de Mossoró, interior do Rio Grande do Norte. A partir daqui a trama se desenrola entre *Virguley* se passando por *Lampião*, em que o primeiro, apesar de aparência muito semelhante ao segundo, apresentam perfis e personalidades muito diferentes, o primeiro: fanfarrão, malandro e medroso, o segundo, *Lampião*: destemido, valente e cruel; em comum a capacidade de articulação social para se sobressair das inúmeras dificuldades impunham a todos aqueles da época.

A trama se desenrola em torno de *Virguley* para lidar com aquela situação estranha, porém, pedagógica para ele e para quem o assiste, no que implica em lidar com a relação entre passado e presente. Para Lowenthal (1998, p. 64) o passado é algo que está ligado ao presente no e do cotidiano. São evidências residuais que diariamente a conhecer e/ou lembrar de algo do nosso passado. Somos o resultado de uma somatória de camadas justapostas de experiências que se apresentam através do tocante de lembrar e esquecer a todo momento, uma relação dicotômica, mas essencial para entender a si e o nosso entorno.

Ainda para Lowenthal (1998, p. 82), nossas lembranças estão a se conectar a diversas outras lembranças de um coletivo de indivíduos que juntos formam uma memória coletiva. *Virguley* é fruto desse processo, um nordestino migrado para a região sudeste que tem no seu retorno à sua terra natal o objetivo primeiro em sua vida. Viver os agouros de uma cidade grande: congestionamento, falta de oportunidade, dificuldades financeiras, humilhações cotidianas é mote para o desenvolvimento de mecanismos de defesas pessoais, como a esperteza e a malandragem para burlar e amenizar todos esses dilemas cotidianos do tempo presente. Quando de sua ida ao passado se depara com as mesmas dificuldades necessitando

⁸⁷ Padre Cícero foi um religioso que viveu no Ceará entre os anos de 1844 e 1934, nascido no Crato, fez carreira religiosa e política na cidade de Juazeiro do Norte onde teve participação direta no movimento de Sedição do Juazeiro. A ele ainda é atribuído milagres que construíram ao longo de décadas uma das maiores romarias do país.

assim das mesmas habilidades para também burlar as situações de humilhação, opressão e dificuldades impostas pelo mesmo sistema, porém em tempos diferentes.

O autor do longa metragem empreende um caminho muito claro de engajamento acerca da luta e resistência que o povo sertanejo teve no passado e tem no presente. São contextos diferentes, contudo correlacionais, do cangaço como meio de vida, passando pelo migrante nordestino no sul do país, à aquele sertanejo que decidiu ficar na terra para enfrentar as dificuldades cotidianas, como no caso da maioria de alguns cangaceiros.

A memória do cangaço tornou-se um ponto de confluência para esse emaranhado de elementos tangenciais em tempos diferentes. Uma construção resultado de um coletivo de memórias difundidas ao longo de décadas, marcado por tipos sociais, sejam masculinos ou femininos, inseridos num contexto socioeconômico, envolto de violência, valentia e bravura. Regidos por códigos de honra relacionados a aspectos morais e/ou religiosos, legitimados pela ineficiência do estado na aplicação dos dispositivos jurídicos legais da época.

São variadas as interpretações para o cangaço, uma mera violência banal, típica da época; um cangaço meio de vida onde homens e mulheres escolheram viver para fugir ou ao menos amenizar os agouros impostas de uma estrutura marcada pela seca e a fome; ou um cangaço refúgio, tendo em vista que homens e mulheres optaram por viver em bandos armados com propósito individual de se proteger de rivalidades comuns no cotidiano do sertão brasileiro (MELLO, 2004).

O fato é que a memória coletiva do cangaço se reatualiza de tempos em tempos segundo demandas locais, regionais e nacionais tangenciadas por elementos da estrutura e dos sistemas, ora como um produto cultural, ora como um produto comercial. As considerações de Jörn Rüsen acerca da *cultura histórica* nos ajudam a compreender esse contexto metamórfico da memória do cangaço.

“A *cultura histórica* abarca, portanto, os múltiplos enfoques e narrativas onde o que está em jogo não é o conhecimento erudito sobre a história, mas a autocompreensão da comunidade num dado presente e suas possibilidades de projeção de futuro.” (MARCOS, 2009, p. 3-26)

O modo como um coletivo de pessoas se relaciona com um tema e o passado através de diversas formas resignificando o presente. Vale ressaltar que essas visões não incluem a historiografia acadêmica, portanto empreende uma visão específica e empírica da própria sociedade para as várias mobilizações de eventos do passado (GONTIJO, 2014) implica numa ação subjetiva de uma *cultura histórica*.

Um acontecimento histórico não é um puro e simples fato, mas a construção de um processo coletivo para tal. Todo acontecimento no presente é um constructo da memória coletiva e o cangaço não é diferente. As suas diversas formas de mobilização num dado tempo resulta numa cultura histórica acerca do próprio tema. É importante elencar que não estamos aqui a falar do movimento em si que ficou no passado, hoje muito bem desvendado à luz de uma historiografia de mais de um século, mas sim das diversas formas a que a memória do cangaço está a se amalgamar no imaginário e coletivo social em forma de uma *cultura histórica*.

Para Clemente (2009) o cangaço, ao longo de décadas, passou de um movimento de contestação específico num dado tempo, para um elemento constitutivo da memória coletiva, são diversas as manifestações do cangaço no cotidiano de sertanejos que compõem os nove estados do Nordeste do Brasil: festividades como em Serra Talhada, Pernambuco, cidade natal de *Lampião*; as festividades carnavalescas de Paulo Afonso na Bahia e o grupo de *Cangaceiros de Paulo Afonso*; as celebrações religiosas póstumas na Grotta de Angicos em Poço Redondo, Sergipe, local onde foi morto *Lampião* e seu bando; a produção estética e cultural como chapéus, embornais, roupas usados como símbolos de um tempo e de um povo; comportamentos e valores como a bravura, a honra, a valentia que se embriagaram no inconsciente dos indivíduos, cristalizando-se nos códigos e valores morais; o surgimento de lugares de memória espalhados por todo o Nordeste do Brasil ao qual mantêm vivo a memória do cangaço.

Em suas diversas facetas o cangaço em Paulo Afonso, estado da Bahia se apresenta romantizado, tendo em vista que ali nasceu Maria Gomes de Oliveira a cangaceira *Maria Bonita*, primeira mulher a ingressar nas fileiras do movimento; na cidade de Mossoró, estado do Rio Grande do Norte percebe-se o inverso, a cidade foi palco de uma das maiores e mais violentas invasões⁸⁸ promovidas pelo bando de *Lampião*, onde cidadãos se uniram para resistir à invasão, ocasionando perdas para ambos os lados. O episódio ficou no imaginário popular da cidade como símbolo de bravura e resistência pela liberdade; em Serra Talhada, estado do Pernambuco, cidade onde nasceu o cangaceiro *Lampião*, é verificada uma população dividida entre as memórias do herói e/ou do bandido, fato este verificado nas discussões em torno da construção de uma estátua nos idos de 1990, o que gerou uma embates acalorados em torno da construção daquele monumento histórico, que até não foi construído.

⁸⁸ Entre os dias 10 e 14 de 1927 a cidade de Mossoró ficou em estado de alerta por conta da invasão do bando de *Lampião*. O grupo de cangaceiro era composto por cerca de 80 homens e mesmo assim a população de Mossoró, que contava com aproximadamente 20 mil habitantes, resistiu aos ataques dos cangaceiros.

A minissérie *O cangaceiro do futuro* nos apresenta de uma forma muito cômica as diversas facetas da memória do cangaço, nos fazendo pensar sobre temas sensíveis do passado e no tempo presente. A ida ao passado na linguagem cinematográfica é uma oportunidade de acessar lembranças puras que dão sentido e ressignificações ao presente, uma linguagem que se apresenta como um instrumento de uma relação entre o lembrar e o esquecer. Portanto, *O cangaceiro do futuro* não se propõe a falar sobre o cangaço, mas apenas usa o tema como pano de fundo para abordar e fazer refletir sobre diversos temas bastante atuais e sensíveis para aquele que o assiste: as relações de gênero; desigualdades social e concentração de riqueza; controle religioso sobre o imaginário e o cotidiano; luta e resistência contra as estruturas vigentes e imposta à época.

O percurso de criação de qualquer produção cultural como na cinematografia não se restringe ao corpo ou resultado final, mas ao processo em si, ao percurso criativo estando ligado ao resultado de diversas reflexões que necessariamente geram alguma forma de conhecimento (MONZANI; LIMA, 2012, p. 10). Em *O cangaceiro do futuro* percebemos um forte alinhamento às discussões em torno das questões de gênero bastante caras nos dias atuais. Sempre quando pode o diretor apresenta uma mulher forte, livre, autônoma, inteligente, criadora, inventiva. Arrisco-me a dizer que muito mais que *Virguley*, o personagem principal, as mulheres/cangaceiras que compõem o seu bando: *Mariá*⁸⁹, *Parachoque*⁹⁰, *Placa Mãe*⁹¹, *Miss Delay*⁹² assumem um protagonismo essencial em vários momentos da história. São como chaves que destravam empecilhos durante a trama, cada qual com uma habilidade específica e importância para a trama, conectando os arcos temporais e ambientais da história.

Apesar da ação e função prática da participação da mulher no longa-metragem, o autor em alguns momentos romantiza quando de algumas conexões com o passado e próprio movimento do cangaço. Quando da entrada da mulher no movimento, sempre associado ao símbolo da liberdade, rebeldia e resistência, empreendendo-se contra os padrões impostos pela época por uma sociedade machista e patriarcal.

Em se tratando de insurgir-se a estes padrões impostos da época, *O cangaceiro do futuro* desafia ao tratar e incluir as discussões sobre homossexualidade, preconceito e masculinidade. A personagem *Amaro*⁹³ é um jovem ainda com uma opção de gênero e

⁸⁹ Personagem interpretada por Chandelly Braz.

⁹⁰ Personagem interpretada por Larissa Goes.

⁹¹ Personagem interpretada por Monique Hortolani.

⁹² Personagem interpretada por Mariana Costa.

⁹³ Personagem interpretado por Max Petterson.

sexualidade um tanto quanto confusa para ele. Filho do coronel *Tibúrcio*⁹⁴, deveria reproduzir toda a masculinidade e virilidade de uma sociedade dominada pelos homens em especial os coronéis/fazendeiros. Contudo, *Amaro* era completamente inseguro e com afinidade ao universo feminino. Tem no bando de *Virguley* a saída para o seu amadurecimento e estabilidade quanto suas opções de gênero e de vida, tornando-se um personagem caricato ao longo da trama, mas com uma potente mensagem crítica aos preconceitos e tendências machista que vez o outro contaminam o universo do cangaço.

A personagem *Amaro* é peça chave no enredo quando de suas falas e escolhas, transmitindo, após sua entrada no cangaço e no bando de *Virguley*, segurança e autenticidade ocupando espaços dentro do próprio enredo, este ambientado por força da história do próprio movimento, um universo exclusivamente masculino e heterossexual.

O último ponto que também nos chama atenção em *O cangaceiro do futuro* é o engajamento social de luta e resistência contra as estruturas desiguais e hegemônicas nos dois arcos que envolvem os personagens do longa-metragem (passado e presente). Sem pudor algum o autor alinha a minissérie ao enquadro teórico *facotiano*, já citado anteriormente neste trabalho quando das análises das três principais matrizes teóricas do cangaço, ainda no capítulo primeiro.

Na segunda geração de estudiosos sobre o cangaço representando uma transição social de estudo sobre o tema que vai do biológico ao cultural, encontramos também *O cangaceiro do futuro* alinhado ao marxismo de Rui Facó. Que para Vinicius Ferreira Ribeiro (2021) se apresenta como um *prólogo da luta armada*⁹⁵ entre as forças hegemônicas da estrutura agrária do século XX e as minorias camponesas que se esforçam de alguma forma para empreender contra essa opressão e mudar a realidade do sertanejo subjugado.

É notório em *O cangaceiro do futuro* o engajamento do autor em retratar *Virguley* como um sobrevivente que luta seja no passado, seja de onde ele vem, no presente. Aquele que possui jornada dupla em duas ocupações (entregador de aplicativo e ator de rua) para se fazer sustentar numa grande cidade do Brasil e quando vai ao passado se vê envolto da mesma lógica e dificuldade, um sertanejo que precisa, com aquilo que tem, sobreviver num ambiente hostil marcado pela fome, miséria e a força dos coronéis.

Associado às percepções marxistas de Rui Facó, *O cangaceiro do futuro* também empreende para as disputas e dicotomias clássicas da própria historiografia do movimento:

⁹⁴ Personagem interpretado por Fábio Lago.

⁹⁵ Expressão cunhada pelo próprio Rui Facó na obra *Cangaceiro e fanáticos* (1963).

cangaceiros/volantes, heróis/bandidos, lado certo/lado errado. O autor não esconde as suas preferências quando da apresentação de um coronel e das volantes policiais sempre como o lado mal e os cangaceiros como lutadores e sonhadores por e de um mundo e dias melhores. Ao longo de toda minissérie e mais especificamente no final, quando perguntado a *Virguley* sobre como era visto o cangaço no seu tempo presente o mesmo responde: “Onde tiver um [coroné] oprimindo o povo, sempre vai existir o espírito de justiça do teu cangaço”. Uma cena que apresenta uma memória do cangaço como manifestação subjetiva da luta e resistência dos menos desfavorecidos, transformada em instrumento de luta.

Percebe-se em *O cangaceiro do futuro* uma janela com muitas possibilidades interpretativas que ativam gatilhos não só mnemônicos, mas sobretudo reflexivo-críticos. A potência do tema do cangaço, aliada à versatilidade da linguagem do meio e mídia, pode fazer da minissérie um importante instrumento didático pedagógico para o ensino de História.

Para cada película um contexto e para cada contexto uma estratégia. Desde 1970 que a historiografia, através da Nova História Francesa se apropriou da produção cinematográfica como ferramenta de discussão e reflexão. Uma percepção que coloca as películas como produtos do meio. Algo que não se apresenta apenas como linguagem semiótica, mas como janelas para se entender a sociedade em seu formato através de uma leitura interpretativa e criativa com imagens e sons frutos de um contexto próprio (SANTIAGO JR, 2012).

As produções cinematográficas passam a apresentar diversas facetas: uma linguagem semiótica da história; uma produção histórica de um dado período e contexto; e/ou uma arma de combate ideológico cultural em espaços de combate. Eis que em *O cangaceiro do futuro* temos as três formas perceptíveis como possibilidades de análises e usos, o que não cabe a esta pesquisa aprofundar estas facetas, mas sim situá-lo como elemento constitutivo da memória do cangaço e relacioná-lo ao ensino de história (SANTIAGO JR, 2012).

Cabe ao professor de História, antes de seu uso em sala de aula como artefato pedagógico, entender o contexto e propósito de *O cangaceiro do futuro*. Percebê-lo para além do audiovisual, enquadrá-lo aos propósitos pré-estabelecidos da aula e/ou conteúdo abordado em sala de aula. Por conta de sua abrangência temática e as diversas possibilidades de abordagens, algumas delas já citadas e refletidas anteriormente, é de suma importância para o professor de História conhecer a produção ora utilizada, através de análise prévia.

Nesta parte primeira do capítulo podemos perceber de uma forma microscópica o quanto a memória do cangaço se faz viva e latente no imaginário coletivo. São possibilidades que vão desde um lugar de memória a diversas produções escritas e audiovisuais, todas frutos de uma mobilização consciente ou inconsciente de uma memória coletiva que parte do

individual para o coletivo manifestando-se como simulacros do real ao imaginário, produzindo ao mesmo tempo uma cultura histórica que movimenta inconsistente o sertanejo.

As análises e contextualizações da HQ *O cabra* e da minissérie *O cangaço do futuro*, ora realizadas nesta parte do trabalho, não só confirma tal processo mnemônico da memória do cangaço, mas sobretudo permitem possibilidades para que o ensino de História se faça aproveitar desse campo fértil que é não só o cangaço, mas o próprio ensino de História. Uma parte essencial da pesquisa que aprofunda, quase que microscopicamente o universo teórico e ao mesmo tempo empírico do ensino de História tendo o cangaço como gatilho de disparo

Na segunda parte e última deste segundo capítulo iremos juntar teoria e prática, experimentar e experienciar ambos os elementos constitutivos da memória do cangaço numa sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais na escola da rede pública municipal Antônio Marques na cidade de Picos, estado do Piauí. Com isso tangenciamos neste capítulo o horizonte esplendoroso de possibilidades empírico teóricas em torno dos temas do: cangaço, do ensino de História e dos saberes experiência de alunos e professores. Que continue a viagem!

2.2. EXPERIMENTO E EXPERIÊNCIAS COM A MEMÓRIA DO CANGAÇO: CATEGORIAS E ENSINO DE HISTÓRIA

Em tempos de uma educação cada vez mais quantificada, mensurada, produtiva, ranqueada, apostilada e acima de tudo padronizada, o professor(a) de História se vê em meio a dúvidas, dilemas e a certeza de estar no escuro em meio aos clarões e penumbras dos modelos impostos pelas redes e sistemas educacionais. Cabe a esse mesmo professor(a), em meio à escuridão e penumbras, acender pequenos pontos de luzes como que os candeeiros no sertão nordestino nos idos do século XX, período do próprio movimento do cangaço. Às vezes ao invés da luz resta a penumbras, que de alguma forma já ajuda para este que enfrenta todas as

mazelas, dificuldades e incertezas da própria profissão em tempos ainda de implementação do Novo Ensino Médio⁹⁶ e da BNCC⁹⁷.

A essas luzes e penumbras em meio à escuridão dos dilemas e dificuldades a pedagogia de projetos conforta professores e alunos no caminho da aprendizagem compartilhada para ambas as partes envolvidas. A utilização do termo projeto no contexto do ensino e da pedagogia de projetos remete à ideia de concretizar, avançar, seguir, transformar o futuro através do presente. Os projetos pedagógicos empreendem noções e práticas que envolvem realidades locais materializadas em produções, orientadas pelo professor(a) e executadas pelos alunos (BARBIER, 1994).

A pedagogia de projetos no ensino de História envolve também de certa forma a categoria *tempo*. Este que envolta do passado, presente e futuro está a constituir conjunto de tarefas que necessitam de alguma forma uma concretude. É essa materialização que alunos(as) e professores(as) se unem em torno de elementos e temas tangenciais como: o próprio tempo, o espaço, o contexto, os sujeitos, as relações (BARBIER, 1994).

É nesse contexto que ao longo dos meses de agosto e setembro do ano de 2023, na Escola Municipal Antônio Marques, na zona urbana da cidade de Picos, estado do Piauí em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais que propusemos e executamos um projeto pedagógico chamado *A memória do cangaço e suas categorias* a ser inserida nas comemorações do dia do folclore⁹⁸ no já citado mês de agosto. O referido projeto pedagógico é também parte estratégica e empírica/experimental deste capítulo que se propõe a mobilizar e experienciar nos alunos o tema do cangaço através também dos usos de alguns elementos do mesmo, compartimentados em categorias⁹⁹.

⁹⁶ Segundo o Ministério da Educação (MEC) o Novo Ensino Médio é uma política pública que propõe um novo modelo e organização curricular que prevê a ampliação da carga horária mínima contemplando aprendizagens essenciais e comuns a jovens. Ofertando diferentes possibilidades a partir de itinerários formativos incluindo formação técnica e profissional voltada para a qualificação e preparação com fins para o mercado de trabalho. O mesmo iniciou sua fase de implementação no ano de 2022 nas redes públicas e privadas de ensino (<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/07/novo-ensino-medio-comeca-a-ser-implementado-gradualmente-a-partir-de-2022>, acessado em 27/08/2023).

⁹⁷ Conforme já definida e analisada no primeiro capítulo deste trabalho a Base Nacional Comum Curricular são diretrizes que norteiam a formulação dos currículos nos sistemas e das redes de ensino dos estados e municípios através de orientações acerca dos conhecimentos, competências e habilidades. A mesma iniciou sua implementação em 2020 (<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=85151>, acessado em 27/08/2023).

⁹⁸ O Dia do Folclore é celebrado por todo o mundo no dia 22 de agosto. Essa data remete ao ano de 1846 quando o escritor inglês William John Thoms criou o termo *folklore*. Uma derivação e justaposição dos termos *folk* (povo, popular) e *lore* (cultura, saber). A data está para exaltar e ao mesmo tempo compreender os fenômenos culturais populares e suas tradições. Segundo o próprio autor *folklore* seria o saber tradicional de um povo.

⁹⁹ Para uma turma composta de 12 alunos propusemos 6 categorias a serem divididas em 6 duplas, são elas: Gênero no cangaço; Violência e banditismo; Personagens principais; Estética no cangaço; Misticismo e religiosidade; Linguagem e sentidos do cangaço.

Estas categorias se colocando de alguma forma a imbricar nos inconscientes e/ou conscientes dos alunos(as) daquela comunidade, percebemos ao longo de 15 anos de prática pedagógica que quando da mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula, os alunos se sentem um pouco mais motivados e tocados quando das reflexões deste conteúdo em sala de aula. Não foi diferente na turma de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais que utilizamos como objeto de estudo analisada na primeira parte deste capítulo.

Para além, o tema e a memória coletiva do cangaço se demonstram um emaranhado de possibilidades que vão das simples discussões éticas morais do ser bandido ou herói às mais profundas análises socioculturais do movimento reverberadas ao cotidiano no sertão e fora dele. Saber lidar e tratar com um tema tão complexo como esse, que nos deixa envolvidos, aqui não me refiro apenas a mim, mas verificado também nos alunos e professores conforme demonstra coleta e análise de dados no primeiro capítulo deste trabalho, faz nos intuir que o ensino de História necessite de uma orientação ou ao menos organização para quando da mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula. A proposição de um artefato pedagógico em formato de softmaps compartimentado em categorias é uma opção viável para o professor e todos aqueles que queiram compreender o cangaço de forma didática e acessível.

É nesse contexto de pedagogia de projetos, cangaço, experimentos e experiências que construiremos essa segunda parte deste capítulo que se propõe a transitar entre o teórico e o empírico; o movimento do cangaço e a memória coletiva do cangaço; a didática e o ensino de História.

Com a queda do paradigma das disciplinas e áreas isoladas em mundos próprios, a pedagogia de projetos se desenvolveu como instrumento importante para aglutinar, de forma prática e didática, os diversos componentes curriculares que dialogam e trabalham com objetivos convergentes. Por mais que tenham práticas, metodologias e olhares diferentes, cada componente converge para o mesmo caminho numa sinergia que envolve os alunos evidenciando afinidades e habilidades concretas a serem empreendidas no próprio cotidiano de cada um (FONSECA, 2009).

Para Romano (2007) um projeto pedagógico em linhas gerais é composto de três fases ou etapas: a problematização, a construção/execução e a avaliação/síntese. Ainda segundo o mesmo, cada etapa deve correlacionar-se de forma harmônica capaz de despertar no aluno a fina sensibilidade de engajamento e por conseguinte o desenvolvimento de diversas habilidades previstas ainda na etapa de planejamento.

Problematização é a parte primeira de um projeto pedagógico, que ainda se estenderá por todas as outras fases. Nesta parte primeira apresentamos por intermédio de exposição de conteúdo em uma aula oficina, as ideias centrais e introdutórias para que a partir daí, os alunos pudessem dialogar, construir e conectar-se através de suas vivências, expectativas e anseios com tema e a memória do cangaço. Essa conexão entre teoria e prática nesta fase primeira do projeto, tem como propósito verificar naturais problematizações, dúvidas e inseguranças por parte dos alunos(as), ensaiando, apresentando e introduzindo o tema principal e as várias possibilidades a serem trabalhadas no curso da execução do projeto pedagógico.

Nessa fase inicial o professor(a) necessita estar preparado para todas as possibilidades e dominar o tema a ser proposto no âmbito do projeto pedagógico, pois os alunos(as) podem, de forma positiva, extrapolar expectativas quanto a ânsia, experiência e necessidades no tocante ao tema e/ou projeto.

Quando de minha experiência da implementação na fase de problematização deste projeto pedagógico, aconteceu exatamente o mesmo. As minhas expectativas eram as menores possíveis: turma pequena; escola sem recursos; alunos(as), que na minha expectativa, poderiam se desinteressar do projeto e/ou do tema, somando-se a isso as conversas prévias com o professor de História titular da turma Samairkon Silva de Oliveira Alves afirmando-me da imprevisibilidade da turma, podendo ou não se engajarem em atividades extra sala de aula, enfim, que bom que o tempo me mostrou o contrário.

Logo quando de minha entrada na sala para iniciar a aula oficina¹⁰⁰ de apresentação e problematização do tema uma grata surpresa, uma turma que se mostrou muito acolhedora e atenta às primeiras considerações e apresentação do tema. Numa tarde quente, seca e ensolarada de 16 de agosto do corrente ano, entro na sala de aula com todos os alunos daquela turma presentes, eram 6 meninos e 6 meninas. Uma semana antes (09/08/2023), tinha estado apenas para entregar a cada um(a) uma cópia da HQ *O cabra* (2010) que serviria como artefato pedagógico de ensaio e problematização uma semana depois.

A princípio necessitava, até como estratégia e planejamento didático inicial, de disparar gatilhos subjetivos e temáticos na própria turma e principalmente fazer algumas considerações para diferenciar introdutoriamente o que foi o movimento do cangaço e o que era a memória do cangaço ressignificada nos dias de hoje. Para que a partir daí pudesse trazer

¹⁰⁰ Para saber mais sobre o tema de aulas oficinas ver em Isabel Barca (2004): *Aula Oficina: do Projeto à Avaliação*.

à tona conscientes e inconscientes de cada aluno(a) para as dinâmicas e tarefas ainda a serem executadas e que envolveriam toda a turma.

Organizei uma aula oficina dialogada com apresentação de slides diferenciando, como já dito, o movimento do cangaço da memória coletiva do cangaço, abordando desde sua origem ao seu fim e de como este evento é ressignificado de geração em geração em formato de memória coletiva reverberando-se na tradição do nordeste e de como, de alguma forma o tema estava presente naquele momento e naquela sala de aula. A indicação de leitura para turma da HQ *O cabra* me revelou, apesar de poucos têm lido em casa conforme orientação uma semana antes, tendo que improvisar a leitura em sala de aula, o que se demonstrou mais satisfatório, porque ali *in loco*, pude mais vivamente perceber as relações e interpretações deles com o tema do cangaço.



Imagem 08: Aula oficina que contempla a primeira etapa segundo Romano (2007) que apresenta problematizações e inquietações no projeto pedagógico.

Quando ao final da leitura, instados a falar o que acharam do texto a pouco lido, os mesmos demonstraram um natural e variado entendimento manifestando diferentes conexões com o cangaço e o local. Temas que os chamaram a atenção na história da HQ como: a busca incessante por vingança; a violência explícita demonstrada nos gráficos no quadrinho; a este último também foram mote de atenção por parte da maioria da turma, gráficos com riquezas de detalhes; a habilidade de luta e manuseio de armas do personagem principal da história; mas

de todas as respostas e entendimentos, dois conectores me chamaram a atenção por estarem mais próximo ao universo local, tendo em vista que estamos a falar de uma pequena escola, que apesar de estar formalmente localizada na zona urbana, esta comunidade¹⁰¹ se distancia geograficamente do centro contingencial da cidade.

Um dos alunos demonstrou interesse logo no início do primeiro arco da história que apresenta um calango malvisto e com roupas típicas de um sertanejo fugindo de uma perseguição da polícia. O aluno logo associou aquele recorte da história e personagem a sua realidade de comunidade, também pobre e fortemente ligada à seca. Lembro que naquele dia fazia muito calor e eles reclamavam bastante da estrutura física da escola que necessitava de reparos e de que o ar-condicionado a pouco tempo estava funcionando, apontando e ao mesmo tempo associando o calor e todas as dificuldades que tinham passado meses antes com a situação de descaso por parte do poder público municipal.

Ainda associado ao tema da seca, a história se passa num contexto apocalíptico e futurista de escassez de água. As dificuldades de acesso aos recursos hídricos e as altas temperaturas em vários meses do ano implicam em dificuldades para a prática da agricultura. Um dos alunos(as) elencou a correlação, citada ainda na aula oficina, do manuseio de plantas medicinais por parte dos cangaceiros e de que eles naquela comunidade também conheciam as atribuições e usos das plantas nativas daquela região.

Percebe-se nesses dois últimos adendos por parte dos alunos(as) o quanto que a seca, as altas temperaturas, as dificuldades de uma comunidade e consequente escola padecem pela falta de apoio do poder público e mesmo assim buscam subterfúgios para se viver num ambiente que oferece certas dificuldades.

Tal qual como no início do século XX, sertanejos se organizavam em bandos armados também no semiárido no nordeste do Brasil para de alguma forma enfrentar as dificuldades também impostas por um sistema desigual. Verificamos alunos ao menos identificando e conscientes de uma situação de dificuldades e ao mesmo tempo a capacidade de desenvolver alternativas para enfrentá-las como a associação de uso de plantas medicinais e as cobranças e denúncias por melhores estruturas físicas na escola.

Para legitimar tais subjetivações e conexões à memória do cangaço e ao contexto atual dos conscientes e inconscientes dos alunos, através de metodologia quanto qualitativa,

¹⁰¹ Estamos a nos referir ao bairro Aroeiras do Matadouro, tratado por eles mesmo como uma comunidade de costumes e hábitos distantes da urbanidade verificada em bairros mais próximos do centro contingencial da cidade. Segundo censo de 2010, o único encontrado, o bairro possui uma população de 1.969 habitantes.

aplicamos um questionário aos 12 alunos(as) com perguntas abertas e subjetivas sem identificação ao final do primeiro encontro de problematização e apresentação do tema.

Através da recolha e interpretação de dados, em um universo total de 12 alunos, quando perguntados como entendiam o cangaço percebemos uma heterogeneidade de compreensões e associações: considerados criminosos (06); associações diretas à *Lampião* e *Maria Bonita* (02); analogia ao Robin Hood do sertão (02); um aluno(a) associou seu entendimento à questão de gênero e o quanto a mulher teve participação importante no movimento; e por fim 04 alunos associaram o tema cangaço á símbolos culturais do e no nordeste do Brasil.

Quando perguntados qual(is) elemento(s) do cangaço mais chamava(m) atenção verificamos menções de termos como: *Lampião* (02), *Maria Bonita* (02), *roupas* (03), *couro* (03), *plantas medicinais* (01), *gírias* (02), *museus* (01). Porém o termo mais elencado foi *armas*, ao todo 07 alunos, de um universo total de 12 apontaram as armas como principal elemento simbólico do cangaço, o que representa 58,3% dos alunos(as).



Imagem 09: Foto dos cartazes produzidos por alunos(as) do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal Antônio Marques em Picos, Piauí.

Aqui podemos compreender também¹⁰² o quanto a cultura de violência está presente nos dias atuais e no universo daqueles jovens. Tanto na leitura e considerações da HQ, quanto nas respostas, num universo de construção de símbolos bastante heterogêneos, o termo *armas* predominou como principal objeto simbólico para aquele grupo de alunos(as). Esta parte da pesquisa converge para outro momento de recolha de dados na pesquisa ainda no capítulo 01, quando analisamos a mobilização do conteúdo do cangaço em todos os estados do Brasil e também verificamos de alguma forma o tema da violência como elemento desencadeante nas aulas de História e quando especificamente da mobilização do conteúdo do cangaço. Concluimos que tanto no universo de professores(as) e alunos(as) o tema da violência e das armas¹⁰³ são naturalizadas em suas práticas e simbologias, não cabendo neste momento da pesquisa aprofundarmos, pois o já fizemos no primeiro capítulo, mas apenas apontar aproximações e conexões dos saberes experienciais de alunos e professores com o tema da violência.

Ainda na primeira fase de problematização realizada em dois encontros, o segundo realizado no dia 23/08/2023, após apresentação e reflexão sobre o tema e as discussões da HQ *O Cabra*, propusemos 6 categorias a serem trabalhadas em formato de projeto pedagógico, como já citado anteriormente, para as 6 duplas a serem organizadas por eles mesmos segundo suas afinidades e aproximações.

Na segunda fase do projeto pedagógico, que engloba a execução e construção de seis categorias distribuídas em seis duplas, conforme já citado anteriormente, pudemos perceber uma sinergia incomum numa turma formada por adolescentes que têm em sua essência contradições, diferenças e individualidades que em muitas ocasiões como aquela, de organizarem-se em duplas, aflorarem muitas vezes conflitos quase sempre resolvidos apenas com a intervenção do professor(a). Mais uma grata surpresa com esta turma, alunos(as) que conseguiram dialogar e se organizar espontaneamente em seis duplas cabendo a mim apenas a organização do sorteio e distribuição dos temas às referidas duplas: Gênero no cangaço; Violência e banditismo; Personagens principais; Estética no cangaço; Misticismo e religiosidade; Linguagem e sentidos do cangaço.

Ressalto aqui que a escolha dos temas segue uma correlação com as mesmas categorias que irão compor os pontos monumentais do softmaps proposto como artefato

¹⁰² A palavra remete à análise feita no primeiro capítulo e a também verifica correlação da violência aos saberes experienciais de professores(as) de História em várias regiões do Brasil quando da mobilização do conteúdo do cangaço.

¹⁰³ Aqui entendemos que o termo “arma” remete ao uso da violência. Uma compreensão subjetiva, mas compreensível e pertinente tendo em vista ao uso prático e seu fim em si mesmo.

pedagógico, detalhado e analisado no próximo capítulo desta pesquisa. Justifico também que a escolha destas seis específicas categorias se dá em caráter didático pedagógico. É parte importante e primeira do ensino de História e do professor(a) criar alternativas e possibilidades para que determinados conteúdos possam potencializar-se e ao mesmo tempo facilitar o seu uso quando de sua mobilização em sala de aula e/ou em atividades para além dela. Portanto, organizar o conteúdo do cangaço em categorias, neste caso específico em seis, foi e é uma forma didática e pedagógica viável e acessível para todos os alunos daquela turma de 9º ano/EF, diante das várias formas e formatos interpretativos possibilitados pelo tema do cangaço, o que poderia dificultar a mobilização e compreensão por parte dos alunos(as) quando da execução do projeto ora proposto.

Ressalto nesta fase de execução do projeto pedagógico a extrema falta de recursos materiais e didáticos na escola, ocasionando um desamparo total a todos os alunos(as) e demais que estavam envolvidos na prática educativa e diversas outras atividades a serem executadas ao longo do projeto pedagógico. Contudo conseguimos reunir com recursos¹⁰⁴ próprios condições para que aquela turma pudesse desenvolver um trabalho minimamente aceitável e satisfatório, apesar de todo o desamparo estrutural da escola como já mencionado.

Baseado nas respostas e associações colhidas ainda na primeira fase de problematização quando das conexões e ilações dos alunos relacionando o tema do cangaço a algumas categorias como: violência, seca e às dificuldades cotidianas; propusemos duas atividades centrais para que tais associações pudessem se manifestar e ao mesmo tempo se fazer materializadas em formato de trabalho e ações por parte dos alunos(as) daquela turma. A primeira foi a apresentação de um número de dança na qual foi escolhido a música *A seca*¹⁰⁵ de autoria do cantor e também compositor Alceu Valença¹⁰⁶. A segunda atividade proposta para a turma foi a confecção de cartazes que resumissem as principais ideias e compreensões sobre o tema do cangaço comportados nas respectivas categorias já mencionadas.

¹⁰⁴ Se faz importante informar que para a execução do referido projeto foram utilizados com recursos próprios, oriundos desta pesquisa e pesquisador: notebook, impressora, caixa de som, datashow e a contratação de uma professora de dança para a realização de treinos com os alunos para a apresentação de um número de dança, ainda foram feitos a cópias da HQ na primeira etapa de execução do projeto.

¹⁰⁵ Não conseguimos encontrar o ano de lançamento da música.

¹⁰⁶ Alceu Valença é um cantor e compositor nascido em 1946 na cidade de São Bento do Una em Pernambuco. Além de suas poesias musicadas inovou ao fundir rock com ritmos regionais do Nordeste como: baião, coco, frevo e toada.

Um espetáculo muito gratificante! Essas são palavras que resumem bem as minhas sensações quando dos dois encontros¹⁰⁷ que tivemos de orientação e execução para tais atividades¹⁰⁸ e o resultado obtido no dia da culminância do projeto pedagógico.

Verificamos ao longo da confecção dos cartazes um empenho dos alunos(as) e uma cooperação segundo afinidades de cada um. Demonstravam habilidade de manuseio de computador e impressora, outro(a) que demonstrava habilidade de desenho, outro(a) que se sobressaía através da criatividade, outro(a) que demonstrava ter domínio sobre o tema, enfim, uma sinergia fora do comum numa turma pequena composta de seis meninas e seis meninos, mas que demonstravam união e comprometimento quando de suas desenvolturas nas tarefas.

Ainda sobre os cartazes, pudemos perceber, que apesar dos enquadramentos das especificidades temáticas das categorias, três pontos de confluências se repetiram em vários cartazes, simbolizando de alguma forma a memória coletiva daquele grupo acerca do cangaço: o *chapéu cangaceiro*¹⁰⁹, verificado em cinco dos seis cartazes; o *cacto*¹¹⁰ também presença marcante e reticente em quatro de seis cartazes; e por fim um terceiro desenho também considerado um símbolo no imaginário coletivo daquele grupo, repetindo-se três vezes, a *estrela de seis pontas*¹¹¹, também chamada de estrela de Davi, conforme mostra imagens em anexo.

A reincidência dos três elementos/símbolos ora analisados nos cartazes em quantidades diferentes nos mostra como a memória coletiva daquele grupo de aluno segue tendências regionais e até nacionais de construções simbólicas do sertão: o *chapéu de cangaceiro*, o *cacto* e a *estrela de seis pontas* são e foram já retratados em diversas ocasiões e formatos referenciando símbolos da cultura sertaneja ao longo de décadas. Os alunos(as) de alguma forma refletem a construção dessas simbologias regionais construídas através da tradição da cultura no nordeste do Brasil. O que confirma o quanto o cangaço é um dos vários

¹⁰⁷ Os dois encontros aconteceram na semana que antecedeu a culminância do projeto nos dias 23/08 e 25/08, sendo a culminância realizada em 28/08.

¹⁰⁸ O número de dança conforme já citado, foi precedido por cinco ensaios realizados em encontros entre os dias 14/08 a 18/08. Os mesmos foram conduzidos pela professora de dança Rita de Cássia da Silva Nascimento.

¹⁰⁹ O *chapéu cangaceiro* era uma indumentária confeccionada de couro pelos cangaceiros para proteger-se do sol e diferenciar-se das volantes policiais da época. Ao longo de décadas tornou-se símbolo do sertanejo e da região nordeste.

¹¹⁰ O *Cacto* é uma planta espinhosa nativa da América do Norte e Sul resistente a altas temperaturas e que tem como característica principal a capacidade de armazenar água para manter-se viva em tempos secos e de altas temperaturas. Por essas características tornou-se símbolo de resistência, força e adaptação. O Sertanejo o tem como elemento simbólico da cultura e tradição nordestina.

¹¹¹ A *estrela de seis pontas* foi uma apropriação da cultura judaico cristão por parte dos cangaceiros. As mesmas foram adornadas e colocadas nos chapéus como forma de proteção. Sofreram ao longo dos anos algumas alterações sendo verificadas também como 4 e 8 pontas. Esteve fortemente ligado ao imaginário religioso dos cangaceiros.

elementos culturais que transcende o movimento em si, passando a se configurar uma memória latente através de ressignificações identitárias e espaciais refletidas aqui num micro comunidade, numa escola, numa sala de aula composta de 12 alunos. O *chapéu de cangaceiro*, a *estrela de seis pontas* e o *cacto* coadunam num mesmo espaço de memória coletiva consubstanciando subjetivações que vão do regional ao local em via de mão dupla.

A segunda tarefa executada pela mesma turma, agora uma atividade coletiva, não mais compartimentada em duplas como na confecção dos cartazes anteriormente analisados, foi o ensaio e apresentação de uma dança sobre a música *A seca* do cantor e compositor pernambucano Alceu Valença.

A escolha da música se deu pelos diversos indicativos, inclusive já elencados anteriormente, às simbologias e analogias quanto à seca do nordeste. Ainda quando da apresentação e problematização sobre o tema do cangaço, em diversos momentos alguns alunos fizeram associações da seca ao tema do cangaço. Nos cartazes e nas respostas dos questionários o tema da seca sempre esteve presente. Com isso, entendemos que deveríamos explorar este tema, tendo em vista que também estávamos em meio à semana do folclore e muitos de nossos elementos culturais estão direta e indiretamente associados à seca e/ou a preservação do meio ambiente, a exemplos de algumas lendas e contos como: *curupira*¹¹², *cabeça de cuiá*¹¹³, *boitatá*¹¹⁴ e o próprio cangaço, que em seus contos e alegorias povoam as histórias populares no sertão do Brasil.

Para os ensaios, preparação e condução da apresentação musical, a professora de dança Rita de Cássia considerou cinco encontros. Foi perceptível o desenvolvimento de alguns e a desenvoltura de outros durante os ensaios e na apresentação do número. O figurino optamos por algo simples, até pelos poucos recursos, o que condiz com a realidade dura de sertanejos tanto no início do século XX, quando do movimento do cangaço, quando ainda nos dias atuais, roupas pesadas que encobriram todo o corpo¹¹⁵ e de fisionomias velhas e amarrotadas.

O enquadro musical, *A seca* de Alceu Valença, apresenta elementos naturais, míticos e culturais do sertão nordestino narrando as dificuldades que este tem para burlar e ao mesmo tempo sobreviver numa terra marcada pela seca, fome e descaso das autoridades. A espera pela

¹¹² Uma figura do folclore brasileiro conhecido por ser o guardião da floresta protegendo-a de caçadores e devastadores. Muito associado à cultura dos povos nativos de proteção ao meio ambiente.

¹¹³ A lenda *cabeça de cuiá* conta a história de uma criança que foi morta pela mãe no leito do Rio Parnaíba, no Piauí. Sua imagem e histórias estão muito associadas às águas do rio, regimes de cheias e moradores da região.

¹¹⁴ Uma lenda também do folclore brasileiro de uma serpente de fogo que age como protetor da floresta e do meio ambiente. Como possui o elemento do fogo, tem sua imagem associada ao combate às queimadas.

¹¹⁵ Aqui entendemos o óbvio, pela força das altas temperaturas na região nordeste, o sertanejo necessita de roupas pesadas e que encobrem o máximo possível o corpo como forma de proteção à densa luz do sol.

chuva é um alento para aquele que tanto padece pelas altas temperaturas em quase todos os meses do ano. Um ambiente compartilhado tanto por cangaceiros no início do século XX como por aqueles alunos um século depois no interior do Piauí em uma escola da rede municipal na cidade de Picos. Música a dança tornam-se, nesse caso, elos que juntam tempos e gerações diferentes, mas que de alguma forma se conectam pelos agouros de seu tempo. Cada geração criando alternativas para burlar as dificuldades, mas ao mesmo tempo exaltando as belezas as vezes pálidas, porém vivas do sertão nordestino e de sua terra natal.



Imagem 10: Foto da apresentação de dança da música *A Seca* de Alceu Valença dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal Antônio Marques em Picos, Piauí.

O cangaceiro *Lampião* por diversas vezes teve e tem associada sua imagem à da terra, à do sertão, à do Nordeste, à da caatinga como em fotos sempre se apresentando e apresentando ao fundo com a vegetação árida e seca (conforme anexo). Titulações/denominações como em “o governador do sertão”, apenas umas das várias titulações e referências dadas a ele, inclusive com o seu consentimento que muito o envaidecia.

A dança entoada pela música *A seca* imerge os alunos num universo peculiar e próprio. Alunos que através de uma linguagem poética, mímica e corporal se conectam a um fenômeno

do passado (cangaço) construindo-se sobre uma realidade presente, tendo a memória do cangaço ressignificada como artefato didático subjetivo, diluído nas diversas tarefas executada ao longo do projeto pedagógico, seja nas discussões na aula oficina, na produção de cartazes, seja na apresentação do número de dança.

Na terceira e última parte da execução do projeto pedagógico segundo o itinerário de Romano (2007): problematizar; construir/executar; e sintetizar/avaliar, pudemos encerrar as atividades com fechamento de pontas soltas ao longo de um mês e meio de encontros e execuções de tarefas. Mostrar aos e nos alunos o quanto a memória do cangaço se faz presente nos conscientes e inconscientes de cada um daqueles 12 jovens que estão não só a frequentar um ambiente escolar, mas a participar socialmente de uma comunidade urbana com características rurais como já esclarecido anteriormente.

No dia 30 de agosto do corrente ano encerramos nosso projeto pedagógico com a apresentação em sala de aula para os alunos(as) do primeiro¹¹⁶ episódio da série *O cangaceiro do futuro* (2022). Este que é mais um elemento/produto da memória do cangaço já também analisado anteriormente nesta parte da pesquisa que ora tornou-se artefato pedagógico para que nos servíssemos de suas potencialidades didático pedagógico sobre o tema do cangaço com o intuito de diferenciarmos para os alunos(as) o quanto que é o cangaço enquanto movimento social do início do século XX é diferente da memória do cangaço a ser ressignificada ao longo de décadas de uma geração a outra, consubstanciando-se em vários elementos/produtos comerciais e culturais em cada época e que de alguma forma estão revertidos ao cotidiano.

Após a exibição foi aberta uma roda de conversa para que pudéssemos resumir e ao mesmo tempo refletir todo o caminho percorrido até aquele momento fazendo conexões e correlações ao universo local de cada um e no coletivo do grupo. O episódio assistido, além de entreter e gerar boas risadas na turma, pois estamos a falar de um longa-metragem de gênero comédia, serviu mais uma vez de gatilho para disparar associações ao cotidiano de cada um. O tema da violência, da seca e o apego à terra natal¹¹⁷ se fizeram presentes e elencados quando das conversas feitas em sala de aula após a exibição do episódio.

Ao longo desses quase 45 dias de empreendimento nessa turma de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais pudemos experimentar e experienciar a oportunidade de não só ser

¹¹⁶ Devido a impossibilidade do tempo, pois a minissérie é composta de sete episódios com duração média de 30min cada e naquela ocasião só tínhamos duas aulas com duração de 50min cada para finalizarmos aquela etapa e naquele dia, inclusive com outras atividades previstas, decidimos exibir apenas o episódio um.

¹¹⁷ O primeiro episódio mostra o personagem *Virguley*, um nordestino vivendo em São Paulo uma jornada dupla, mas que se mostra muito cansado e desapontado com as desigualdades e explorações de uma grande metrópole, pretendendo retornar para sua terra natal.

pesquisador, mas de ser professor, nordestino e um pouco de cangaceiro. Perceber nos alunos situações de desvendamento da realidade em situações de aprendizagens, é muito gratificante! Surpreender-se com uma turma que a princípio, poderia não corresponder, foi também uma grata sensação que esta pesquisa pude me proporcionar.

Que o tema do cangaço é apaixonante isso eu já sei e sou até suspeito a falar isso. Mas mais uma vez tive essa constatação é agora diferente, em jovens que estão imersos em uma outra cultura e contexto, mas que mesmo assim se envolveram com um tema aparentemente externo a eles. Desde a problematização do tema em sala de aula ao engajamento total em uma dança, até para aqueles que nunca tiveram envolvimento com dança e tocados pela timidez, se fizeram encorajados a enfrentar seus medos e ultrapassar limitações internas e avançar como pessoas, alunos e jovens.

O cangaço e sua memória, como já analisado no capítulo 01 desta dissertação, apesar de correlacionar-se a diversos temas, bem ou mal demonstrou empiricamente nesta parte da pesquisa sua correlação direta com o tema da violência e da seca. Demonstrou-se no questionário aplicado aos 60 professores(as) em todo Brasil, analisados no primeiro capítulo, vem se demonstrando nos diversos produtos e elementos produzidos em torno da memória do cangaço e agora se fez presente no imaginário coletivo de alunos de uma escola da rede municipal da cidade de Picos, estado Piauí.

São várias as dimensões e camadas nos estratos sociais envolvidas pela memória do cangaço. O resultado desse caldeirão de memórias coletivas transformadas em tradição povoa o universo mais micro de um único indivíduo às estruturas mais macro de um grupo social e toda a região sertaneja do nordeste do Brasil. Composta por sertanejos apegados à sua terra que fizeram dos desafios e dificuldades de vivê-la em enredos criativos, abundantes e latentes às tradições culturais e modos de vida.

Segundo Marcos Edilson Clemente (2009): "... a memória coletiva é o que fica do passado na vivência dos grupos ou aquilo que os grupos fazem do presente.". Portanto, as memórias coletivas só fazem sentido quando identificadas no espaço e na identidade coletiva. Se a memória do cangaço tocou de alguma forma esses jovens, ora instrumentalizados por essa pesquisa, é fato que os elementos identitários estão em construção e de que o cangaço é também um elemento constitutivo.

Este trabalho não se propõe a discutir o cangaço em si, enquanto movimento, mas entender como a memória do cangaço está a influir sobre a construção identitária e espacial de grupos sociais dispostos no emaranhado cultural sertanejo, bem como compreender como o conteúdo do cangaço pode e deve ser utilizado como um importante instrumento pedagógico

em sala de aula. Contudo para fechar este trabalho labora de pesquisa que envolve o ensino de História, o cangaço e os saberes experiências de alunos e professores numa abordagem empírico e teórico, iremos na parte final e última desta dissertação propor e criar um artefato didático pedagógico que une de forma eficiente essas três categorias já analisadas por essa pesquisa.

3. PELOS CAMINHOS DO CANGAÇO: UMA VIAGEM MNEMÔNICA ATRAVÉS DE MONUMENTOS E O ENSINO DE HISTÓRIA

O ensino de História se faz sobre uma práxis teórica e ao mesmo tempo empírica. Dar-se conta disso e ao mesmo tempo exerce e constrói-se enquanto profissional é uma atividade desafiadora. A história como um campo do conhecimento que busca compreender os indivíduos e sua constituição no tempo e no espaço, agrupados em contextos socioculturais contribui para o desvendamento ou ao menos um desenvolver de aspectos críticos tanto para o professor(a) como para o aluno(a) (FONSECA, 2012).

De uma historiografia tradicional positivista à história digital, o campo da História se redefine ao passo que acompanha todas as transformações de seu próprio objeto de estudo, a sociedade. Contudo, perceber todas essas mudanças ou parte delas é crucial para que o processo de reconstrução e construção se dê de forma perene, tranquila e exitosa.

Em tempo de *revolução digital*¹¹⁸ ou *virada digital*¹¹⁹ os indivíduos estão cada vez mais autônomos e independentes em um ambiente pulverizado de informações e fake news. Estabelecer critérios, desenvolver filtros, construir bases teóricas sólidas que possam embasar a tomada de decisão e posicionamento, tornou-se habilidade obrigatória para aqueles que não desejam ser mais um no caos dos ciberespaços (NOIRET, 2015).

O ensino de História para além de uma linha cronológica está a serviço no desenvolvimento de tais habilidades. As mesmas devem ser apresentadas e desenvolvidas nos alunos e alunas, é acima de tudo aprimorador com instrumentos capazes de lidar com esse novo mundo real, mas também digital. Da escassez à abundância de informações, se o problema em tempos atrás era pouco o acesso às fontes, hoje no mundo digital abundam informações que derretem com a liquidez do presente imediatista (NOIRET, 2015).

Para além dos ciberespaços que de alguma forma influenciam o mundo real, o desvendamento da realidade passa pelo subjetivismo identitário individual que reverberam na formação do coletivo de um dado grupo (NOIRET, 2015). Viver é uma experiência do presente com conexões no passado. Cabe ao ensino de História perceber tais conectores a serem despertados em cada indivíduo.

¹¹⁸ Aqui estamos a nos referir a um termo cunhado por Noiret (2015). Para ver e aprofundar em: NOIRET, Serge. História pública digital. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

¹¹⁹ Aqui estamos a nos referir a um termo cunhado por Noiret (2015). Para ver e aprofundar em: NOIRET, Serge. História pública digital. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

Neste capítulo iremos apresentar considerações/reflexões acerca do ensino de História, história digital, lugares de memória ao passo que apresentaremos e iremos propor um artefato pedagógico que mobiliza noções de história. O mesmo implica na criação de um softmaps interativo que dimensiona o ensino de História e os principais lugares de memória construídos em torno do cangaço. Uma viagem empírica para aqueles que se interessam pelo tema, mas mais ainda, percebem que o cangaço ultrapassa o tempo, os espaços e as gerações.

O softmaps como artefato pedagógico nos evidencia a capacidade de síntese e as diversas formas de usos dos sentidos numa abordagem multidimensional, suas possibilidades de controle e estímulos que os hiperlinks darão aos usuários, ampliando as diversas formas de linguagens possíveis e permitindo a reversibilidade do conteúdo do cangaço numa linha atemporal composto por marcos memoriais dispostos em um mapa totalmente interativo, proporcionam uma nova leitura e uma imersão sobre o mundo (ALVAREZ, 2012).

O softmaps tem como característica principal uma conjugação de mapas apresentado e cortado por hiperlinks que recheiam a apresentação gráfica do mesmo. Tem como base o campo da cartografia tornando-se uma subárea da infocartografia desenvolvendo-se através dos avanços das novas tecnologias e digitalização de mapas quando de seu aperfeiçoamento, adaptações e estilizações. Aqui iremos nos aproveitar das potencialidades dos mapas interativos com um toque subjetivo do cangaço aprofundando-o através de hiperlinks e outras indicações.

A infocartografia é uma definição no campo da cartografia que tem como base o uso e a construção de mapas associados às ferramentas de computadores e softwares. Estes devem se apresentar em formatos multidimensionais atrelados a diversos meios e mídias que de alguma forma não só comuniquem o espaço, mas apresentem as modificações através da ação humana num dado tempo histórico, segundo Machado:

“...a infocartografia também terá a incumbência de ressaltar a relação sociedade-natureza territorialmente determinada, isto é, **como o homem, mediante certo modo de produção, estabelecido numa formação econômico-social, se relaciona com a natureza, modelando, construindo e reconstruindo na história**¹²⁰ o espaço geográfico, revelando toda a geografia contida no mapa.” (MACHADO, 1999, PÁG. 46)

O artefato pedagógico como já citamos anteriormente chama-se *Pelos caminhos do cangaço* que tem como proposta inicial construir e apresentar um softmaps composto de seis pontos ou marcos monumentalizados disposto e apresentados em um mapa interativo que

¹²⁰ Grifo meu.

representa os principais monumentos simbólicos do cangaço e ao mesmo tempo se fazem construir através de narrativas locais que de alguma forma fornecem sentidos às demandas individuais e coletivas a serviço de um ideal identitário, são eles: o ponto um, Museu do Cangaço no município de Serra Talhada, estado do Pernambuco; o ponto dois, Museu Casa de Maria Bonita localizado na zona rural Malhada da Caiçara no município de Paulo Afonso, Bahia; o ponto três, Museu da Fotografia do Cariri - Casa de Telma Saraiva no Crato, Ceará; o ponto quatro, Memorial da Resistência de Mossoró, na cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte; o ponto cinco, Grota de Angicos e o Palácio D. Pedro II na região de divisa entre os estados de Sergipe e Alagoas nas cidades de Poço Redondo (SE) e Piranhas (AL) respectivamente; e por fim o sexto e último ponto/monumento, o Museu da Gente Sergipana Governador Marcelo Déda na cidade de Aracaju em Sergipe.

Serão apresentados pontos em um mapa totalmente interativos hiper linkados em até seis categorias: *Gênero no cangaço*; *Violência e banditismo*; *Personagens principais*; *Estética no cangaço*; *Misticismo e religiosidade*; *Linguagem e sentidos do cangaço*. Os mesmos serão apresentados em janelas alternativas ou links que contenham indicações ou caminhos para o acesso a outros conteúdos. Estes serão acessados segundo demandas e potencialidades de cada ponto monumentalizado onde o leitor pode ou não seguir uma sequência sugerida pelo próprio softmaps. O mesmo será totalmente ilustrado com estilo leve onde o usuário navegará livremente em diversas seções relacionadas ao tema do cangaço.

A construção de tal aparato didático pedagógico é resultado de dois anos de esforços na qual empreendeu-se horas, dias, semanas, meses de intensa diligência no tocante aos saberes experienciais de docentes e discentes em dimensões macro e micro do ensino de História. Produzir um artefato pedagógico dessa magnitude que envolve aspectos tão complexos do processo de ensino e aprendizagem, tangenciando categorias do ensino de História, história digital, memória, lugares de memória é mais do que uma simples titulação, é também experienciar conscientemente uma transformação e ao mesmo tempo uma reconstrução enquanto indivíduo, professor e docente.

3.1. UMA JANELA PARA O MUNDO: O CANGAÇO ENTRE MONUMENTOS, MEMÓRIAS E CATEGORIAS

O movimento social do cangaço foi forjado na primeira metade do século XX, período em que segundo Durval Muniz (2013) e Benedict Anderson (2008) está também a se formar o imaginário identitário do que é o Nordeste e por conseguinte o sertanejo, uma conjugação de

categorias que nunca mais se separará. Cangaço está para o nordeste e o nordeste está para o cangaço, uma simbiose construída sob a égide da memória coletiva transmutada de geração em geração durante décadas.

Ao centro está o sertanejo, personagem construído nesse lugar de fronteira que se faz perceber sob aspectos socio naturais ligado as duras circunstâncias da seca, concentração fundiária e desigualdade social, que ao longo das décadas do século XX e início do século XXI viu mutações análogas evoluírem com a efetiva modernização/industrialização, porém a se manter características, que apesar de atenuadas, ainda persistentes aos dias de atuais.

A construção da memória sob o signo da dor é a mais dura de todas. Indivíduos e seus coletivos que necessitam reorganizar internamente elementos subjetivos do processo de penúria, segregação, violência em muito superado ou ao menos redimensionado no seu íntimo, necessitando de alguma forma de serem compartilhados. Em muitos casos, tornar público determinadas feridas íntimas é uma tarefa difícil, mas ao mesmo tempo um dever de memória. É nesse contexto de compartilhamento coletivo e dever de memória que grupos constroem monumentos simbólicos como forma de resistência, mas acima de tudo reafirmação identitária. A construção identitária sob o signo do sofrimento é inversamente proporcional ao esvaziamento individual e coletivo quando dos silenciamentos. Tornar público as dores de um grupo é mostrar aos outros não só feridas na história, mas conectar indivíduos à história e aquilo que já passou (CANDAUI, 2011).

A construção consciente e/ou inconsciente de monumentos em torno da memória do cangaço é a mais clara evidência de um *passado que não quer passar*, de uma necessidade natural que os grupos sociais têm, e aqui neste caso sertanejos/nordestinos, de construir e dá sentido ao lugar, à sua memória, às suas dores que deságuam certamente em sua identidade. São esforços morais, culturais, políticos e mnemônicos empreendidos para que a identidade se mantenha como escudo de preconceitos e distorções simplistas da realidade. A memória coletiva do cangaço como elemento que mais se aproxima e aglutina ao que é ser sertanejo/nordestino. Uma armadura de defesa e ao mesmo tempo um gatilho de disparo para que um dado grupo e região possa se valer de seus próprios elementos com o intuito de construir/reconstruir sociocultural, espacial e identitariamente (RAMOS FILHO, 2018).

Nesse caldo de lembrar para não esquecer, de simbolizar para não banalizar, de identificar para não homogeneizar, que lugares subjetivos e/ou objetivos são recortados do tempo e do espaço, dando a eles novos significados e tessituras socioculturais. Os lugares de memória do cangaço são recortes geoespaciais que transcendem o próprio movimento, se apropriando de elementos do tempo presente daqueles que o mobilizam.

De um fracasso social, a onda de banditismo que varreu o Nordeste na primeira metade do século XX, a um processo constante de rememoração que beira entre o cultural e/ou comercial, o cangaço também como sinônimo de cultura e tradição. Um fenômeno que se tornou um conjunto mnemônico e identitário a ser preservado e cultivado por todos aqueles que de alguma forma façam se envolver com o Nordeste e mais ainda com o sertão.

Há de se contextualizar que a construção mnemônica¹²¹ do cangaço e os consequentes lugares de memória¹²² se fazem no contexto do final do século XX. Período em que a intensa globalização faz do presente algo intensamente imediato, vivo, latente, líquido aos que nessa contemporaneidade vivem. O presente imediatista nos faz inconscientemente uma confusão entre um futuro utópico e distante e ao mesmo tempo uma necessidade de nos ancorarmos em algo para nos mantermos seguros e amparados na realidade do presente. Esta âncora é o passado, este que também necessita se desvendar, se ressignificar num presente em forma de memória. Através de uma relação banal, porém essencial, de lembrar e esquecer para que o tempo presente não nos faça zumbis do imediatismo ancorado apenas num presente líquido e imediatista (RAMOS FILHO, 2018).

Os lugares de memória são constructos resultado dessa liquefação dos tempos que apresenta outros vetores, estando a se combinar com o boom da memória como: a descentralização da construção de lugares e representações mnemônicas em relação ao estado, igreja e família; a insurgência de grupos que durante muito tempo ficaram silenciados nos espaços de memória e que de alguma forma estão a tirar estas do subterrâneo mnemônicos; o desenvolvimento de suportes tecnológicos que facilitam a preservação da memória; a espetacularização do privado e do trágico que produzem demandas sociais por eventos, lugares e audiência (RAMOS FILHO, 2018).

A memória coletiva do cangaço tornou-se um instrumento de construção a serviço de um movimento cultural nordestino que objetiva a sedimentação da tradição em dever de rememorar. O direito à memória é uma forma de insurgência mnemônica, as *memórias subterrâneas* que redimensionam a cidadania e ao mesmo tempo lançam luz à determinadas feridas da e na história. Com isso os lugares de memória ganham uma nova objetivação deixando de ser apenas cânones de uma herança cultural petrificada no tempo para também

¹²¹ Aqui entendemos como construção mnemônica o processo de surgimento de um conjunto de elementos ligados à memória (lembrar e esquecer) de um dado tema, mobilizados por um determinado grupo social e inseridos num contexto a se refletir em si e nos espaços.

¹²² Aqui nos embasamos na definição de lugares de memória de Pierre Nora (1993) que consta um processo de petrificação e/ou bloqueio da ação do esquecimento a consubstanciar um estado de coisas subjetivas, mas também objetivas num determinado tempo e espaço. O que o mesmo aponta para uma imortalização, mas ao mesmo tempo ramificação e variação constante destes significados e significantes.

impulsionar o turismo e o comércio de uma determinada região. A dessacralização da memória para também tornar-se comercialização e espetacularização do passado são fenômenos evidentes em tempos de globalização, mas também de mercantilização até da memória coletiva (RAMOS FILHO, 2018).

Há de se elencar que todo esse processo não se dá de forma homogênea e pacífica. A ressignificação da memória do cangaço e seus monumentos é marcada por dissonâncias de um processo natural, seja dentro ou fora da academia, nos espaços públicos e privados, no ensino de História ou apenas entre os leigos que sempre têm algo a falar sobre o tema do cangaço e seus personagens principais. O resultado de uma construção de décadas sedimentada por diferentes abordagens teóricas e interpretativas que de alguma forma resultaram também na construção de objetos culturais/comerciais dispostos pelo Nordeste.

Para Vagner Silva Ramos Filho quando de sua análise sobre o tombamento do monumento da Grota de Angico, um dos principais monumentos sob o tema do cangaço, instituído ainda na década de 1980:

“... percebe-se como desse cenário em relevo surgiu uma série de atribuições de valores locais, bens e práticas que parecem convergir em direção à construção direta ou indireta de um patrimônio cultural nordestino reivindicando, dissonante e contestado.” (RAMOS FILHO, 2018, p. 282)

Os lugares de memória em torno do cangaço reivindicam uma cena muito mais de insurgência do que apenas uma tradição cultural. Apesar dos encontros e desencontros, embates e discussões legitimadoras ou não, a memória do cangaço reveste-se de uma armadura cada vez mais forte e ao mesmo tempo metamórfica adaptável a cada lugar, momento e propósito. Altera a todo instante os componentes e elementos constitutivos do identitário nordestino e os seus entornos, seja do sertanejo, seja daquele que o enxerga distante fora do contexto. O cangaço para além de apenas um movimento ou tradição é fenômeno que destrói e reconstrói numa performance incomum na história.

Para lidar com essa multiplicidade de categorias ligadas ao conjunto mnemônico do cangaço que se apresentam em diversos lugares, e aqui também propusemos um, lançamos uma organização procedimental de abordagem em categorização segundo temas a se compartimentarem em seis: *Gênero no cangaço*; *Violência e banditismo*; *Personagens principais*; *Estética no cangaço*; *Misticismo e religiosidade*; *Linguagem e sentidos do cangaço*. Estas como efeito didático serão distribuídas em até duas para cada ponto monumental,

podendo a médio prazo segundo demandas serem ampliadas num quantitativo maior em cada ponto do mapa.

Estas seis categorias são resultado de uma organização didática que se apresenta como alternativa pedagógica para a complexidade do tema do cangaço. Percebemos que diante do emaranhado de informações, pesquisas, campos, micro campos e ramificações de estudos sobre o cangaço, o mesmo torna-se em alguns momentos um tanto quanto tarefa difícil para aqueles que o operam sejam apenas para conhecimento, sejam para aqueles que o utilizam como instrumento de trabalho quando de sua mobilização em sala de aula na forma de conteúdo como no caso de professores de História.

É tarefa também do ensino de História criar e propor alternativas às demandas complexas de determinadas formas de manipulação de conteúdos, como no caso do cangaço. Este que está incluído no conteúdo programático como tema no 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais e 2º ano do Ensino Médio. Resta ao ensino de História que é uma das categorias fundantes desta pesquisa se apropriar de tais conceitos e engrenagens para que possa das suas potencialidades tanto ao que tangem o próprio tema do cangaço e ao que se propõe em sua essência, perceber e desenvolver alternativas para construir no ambiente escolar instrumentos e possibilidades de construção mútua de avanços no processo de ensino e aprendizagem do referido componente.

Aqui permito-me abrir uma parte por entender que existem vários fundamentos quanto ao ensino de História, porém toca-nos em especial as considerações de Virginia Cuesta (2015) onde leva-nos a refletir sobre os esforços e atenções à chamada história através de narrativas, o que chamo neste momento de tempo das narrativas. Uma atenção em demasia desde a década de 1980 em entender a história como um instrumento de construções de várias narrativas a serviço das Ciências Sociais que atendem decisões e intenções dos sujeitos sociais na construção da atuação humana no tempo e no espaço que servem ainda de instrumento de disputas em espaços de poderes. Comunicar e recepcionar demandas externas do meio e simultaneamente construir significados para tais elementos que estão muitas vezes à nossa volta é ação subjetiva de cada um. Cabe a história acessar tais intimidades cognitivas e transformá-las em narrativas sob um rígido arcabouço metodológico, podendo também o próprio indivíduo ser construtor de tais narrativas (CUESTA, 2015).

Os monumentos do cangaço, para além da construção identitária sob a égide do sofrimento conforme discutimos anteriormente, é também uma construção narrativa. São diversas ao longo de tantas décadas, sob um solo pantanoso de um tema que tem por característica a metamorfose e adaptabilidade segundo contexto e interesses, daí a organização

didático metodológica, proposta nesta parte da pesquisa a compartimentação segundo categorias.

Aos monumentos em torno de objetos culturais do cangaço se faz presente implicitamente ou até explicitamente em alguns casos, um toque intimista ou até psicológico de cada um que visita os monumentos e de cada grupo ao seu entorno, as várias ressignificações são construídas segundo pontos de vista e mobilizações subjetivas quando do acesso ao imaginário cada monumento. Acessar e interagir com esses monumentos do cangaço é também uma ação individual, apesar do contexto também coletivo de construção identitária. Íntimo e público, individual e coletivo, monumento e identidade, são categorias que se correlacionam numa dinâmica e simbiose que cabe à História entendê-las e ao ensino de História se aproveitar dessas potencialidades e criar meios e mídias a serviço do ensino e aprendizagem.

Os seis pontos monumentalizados estão compartimentados e apresentados em até seis categorias conforme citadas anteriormente o que entendemos tangenciar e ao mesmo tempo melhor organizar o complexo emaranhado de temas, interpretações e possibilidades sobre o cangaço. Os mesmos serão hiper linkados e se apresentam como partes indicativas e sugestivas para diferentes públicos que vão desde professores de História que necessitam de instrumentalização e/ou orientação quando da mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula, a pesquisadores e leigos que também se interessam pelo tema.

Como forma de sedimentação, recolha de informações, captação de imagens e impressões dos contextos de cada ponto monumental, foi realizado entre os dias 17 e 22 de julho de 2023 uma viagem que percorreu todos os pontos do softmaps. A mesma nos serve como instrumento metodológico para construção nesta parte da pesquisa e o que se segue nos pontos monumentais ora apresentados e discutidos.

A apresentação dos pontos não necessariamente segue uma linha temporal cronológica, o que a ferramenta oferece como opção, mas principalmente uma possibilidade fluida para que o usuário possa se sentir livre para navegar nos pontos monumentalizados dispostos no softmaps segundo interesses e conveniência. Uma viagem e/ou experimentação casual ou profissional que possa de uma forma dinâmica e estilizada, introduzir àqueles que busquem no softmaps algo sobre o tema do cangaço apresentado de uma forma arrojada e inovadora em formato de infocartografia.

Em tempos de fugacidade, fragmentação e volatilidade, a infocartografia permite ao usuário a opção de escolha quando de seu acesso e navegação sendo condição primeira desta ferramenta pedagógica. Num contexto de cultura digital fomentado por um caldo de sujeitos que formam os ciberespaços, num ambiente dinâmico que faz dos tempos atuais uma teia social

onde todos de alguma forma estão a se conectar. Através dos hiperlinks os pontos monumentalizados se conectam às categorias, não necessariamente sendo a seis propostas, permitindo a reversibilidade do conteúdo do cangaço numa linha atemporal composto por marcos memoriais dispostos no mapa. (PRADO, 2021).

No tocante aos pontos monumentalizados dispostos no softmaps, nos orientamos na atuação e vida de Virgulino Ferreira da Silva, o *Lampião*, maior expoente do cangaço e na qual sua vida e atuação no movimento se confundem e ao mesmo tempo representam o auge e derrocada do referido movimento. Entendemos que em Serra Talhada (PE) é o início do auge do movimento do cangaço, da ação endêmica¹²³ de bandos armados no sertão do Brasil em sete estados, dos nove, que compõem o nordeste do Brasil. Mais precisamente no Sítio Passagem das Pedras onde nasceu e passou a infância o *rei do cangaço*. É também nessa localidade que se inicia as brigas e confusões com a família de Zé Saturnino¹²⁴ a qual culminará com a saída e o início da vida de crimes do temido bandoleiro. Por se tratar do início da carreira pregressa de *Lampião*, propomos o Museu do Cangaço¹²⁵, localizado na cidade de Serra Talhada (PE), como o primeiro ponto monumentalizado¹²⁶ da rota apresentada no softmaps.

Este ponto se coloca como um local de resistência¹²⁷ desde 2007, quando de sua criação através de acervo particular de Anildomá William de Sousa, hoje diretor da Fundação Cultural Cabras de Lampião, criado ainda em 1995. O monumento se propõe a defender e construir a imagem de um *Lampião* herói, um filho ilustre de uma terra também marcada pela seca e desigualdades sociais, mas já atenuadas pelo processo natural de urbanização e modernização, iniciados ainda em 1950 em algumas cidades e regiões no nordeste do Brasil.

¹²³ Para ver mais sobre os tipos de cangaço e caracterizações de ações do movimento do mesmo, acessar a Obra de Frederico Pernambucano de Mello (2004).

¹²⁴ José Alves de Barros também conhecido como Zé Saturnino possuía rixas com a família de *Lampião* ainda no Sítio Passagem das Pedras. É neste local e com ele que se inicia a vida pregressa de *Lampião* por disputas e invasões de terras.

¹²⁵ Está localizado na Vila Ferroviária, antiga Estação de Trem, S/N, Bairro São Cristóvão.

¹²⁶ O termo ponto monumentalizado é o nome dado por esta pesquisa a cada ponto disposto no softmaps. O que representa uma unidade dentro do conjunto mnemônico do cangaço.

¹²⁷ Aqui uso esse termo por perceber, durante visita ao referido local e entrevista colhida, as dificuldades em manter o referido museu aberto. Uma cidade do interior do Pernambuco que ainda resiste e ao mesmo tempo não percebe o quanto que aquele museu e seu ilustre bandoleiro tem por oferecer em termos de visibilidade à própria cidade nos segmentos de cultura, turismo e comércio. Impressões confirmadas em entrevista com o guia do museu. Essa suposição/afirmação parte também das disputas em torno da construção de uma estátua que se tornaria monumento ainda nos anos de 1991 confirmado em plebiscito, mas que ao longo das décadas as obras do referido monumento não seguiram adiante por conta das disputas e discussões entre as gerações de moradores. Para ver mais acessar: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2018/12/13/lampiao-homenagem-a-heroi-ou-bandido-a-polemica-estatua-que-divide-cidade-pernambucana.ghtml>.



Imagem 11: Fachada do Museu do Cangaço no município de Serra Talhada (PE), tirada em julho de 2023.

Logo quando da chegada ao local, uma placa se apresenta com os dizeres: “Uma homenagem aos ancestrais do cangaço que se tornaram símbolo de resistência às intempéris do tempo e do sistema.” É visível a proposta essencial daquele lugar/monumento, ressignificando e mantendo viva as lembranças do cangaço e da história e memória de Virgulino Ferreira da Silva, o *Lampião*, levando-nos a contextualizar e relacionar tais impressões à matriz interpretativa faconiana¹²⁸ marxista, onde um cangaço se expressa na forma de resistência e luta contra os desmandos e desigualdades do contexto naquele momento da história. O pequeno espaço de preservação de memórias se divide em categorias como: armas, vestimentas, plantas medicinais, utensílios e indumentárias; objetos que se organizam compartimentados num espaço relativamente pequeno, porém aconchegante, organizado e bastante acolhedor.

Quando do avançar da experiência de visita aos espaços do referido museu, fica perceptível o alinhamento do discurso do guia à placa ao lado de fora, logo na entrada, confirmando o quanto as narrativas do espaço nos apresentam um cangaço em formato de resistência, uma alternativa aos mandos e desmandos violentos de uma época marcada pela concentração fundiária e a força do mais forte. O museu ao passo que resiste em se manter aberto, devido à falta e negligência das autoridades públicas em ajudar o espaço, o museu incorpora a essência do cangaço em seu próprio devir, resistir para viver. O museu tenta de

¹²⁸ Para saber mais sobre as matrizes interpretativas do cangaço ver em Ferreira (2021).

alguma forma imitar a vida do cangaço mostrando aos visitantes um *Lampião* e o movimento em si como produto do meio, fruto de uma sociedade desigual e uma reação ao sistema.



Imagem 12: Imagem da placa localizada na frente do Museu do Cangaço em Serra Talhada (PE) que homenageia *Lampião*, *Maria Bonita* e *Zabelê*, tirada em julho de 2023.

Quanto às categorias, verificamos neste primeiro ponto monumental uma infinita possibilidade de trabalhar as seis categorias já propostas, contudo, devido à logística, tempo e formatação do artefato ora proposto, iremos tangenciar este ponto inicialmente à duas categorias: Personagens principais e Violência e banditismo.

Lampião como expoente e grande personagem do movimento, aquele que sua vida de banditismo se confunde com o auge e a derrocada do próprio movimento a partir de sua morte em 1938¹²⁹. Desde as primeiras brigas ainda por disputas por terras no Sítio Passagem das Pedras quando de sua mocidade até a sua entrada definitiva ao bando e alçado ao posto de comandante anos depois após a aposentadoria de *Senhô Pereira*¹³⁰. *Lampião* é tema central do Museu do Cangaço localizado em Serra Talhada (PE). É partindo desse ponto monumentalizado que tangenciaremos o início e as diversas práticas violentas usadas pelo banditismo no início do século XX.

¹²⁹ Oficialmente o movimento do cangaço terminou em 1940 com a morte do cangaceiro *Corisco*, chefe do último subgrupo de *Lampião* que ainda resistiu até essa data.

¹³⁰ Sebastião Pereira da Silva, nascido também em Serra Talhada (PE), era de família rica, mas que nela tinha a função de justiceiro. Foi o precursor do cangaço naquela cidade e também o responsável pela entrada de *Lampião* no referido movimento em 1918 ainda apenas como um *cabra*. Após a sua aposentadoria em 1920, *Lampião* assumiu o comando de seu bando.

É fulcral ao ensino de História compreender a vida do rei do cangaço bem como seu entorno que parecia seguir a mesma lógica como a de todos os outros sertanejos, para um desvio de rota, desembocando para se tornar a principal liderança do movimento armado do cangaço. Lampião como outros personagens da história, carregam consigo elementos tangenciais que se conectam ao presente, violência, resistência, criminalidade, subversão, são algumas possibilidades temáticas que estão a se conectar e ao mesmo tempo evidenciar esta importância.

Com isso se faz necessário também evidenciar a violência banal e estrutural da época como elemento e categoria decisória para organização política, social e cultural, conjugando-se a diversos destinos de homens e mulheres que decidiram seguir para o mundo crime. Ainda assim, a violência é a categoria e tema mais evidenciado entre docentes e discentes, conforme mostra a pesquisa e recolha de dados analisados em tópicos anteriores deste trabalho. Aproveitar esta situação a seu favor é tarefa importante do professor de História, otimizar mais ainda o conteúdo e suas possíveis temáticas e abordagens: disputas por terra, entrada para o cangaço, briga entre famílias, naturalização da violência, bem como esta se transfigurou para os grandes centros urbanos afetando a todos(as) como possibilidades didático-pedagógicas a serviço do ensino de História e que este ponto monumental sugere e apresenta como opções para aquele que o acessar.

O segundo ponto monumentalizado é o Museu Casa de Maria Bonita, na comunidade Malhada da Caiçara, a 35 km da cidade de Paulo Afonso (BA). Neste ponto, inaugurado em 2006, verificamos pouca profissionalização e mercantilização do espaço por parte daqueles que o administram. Um lugar que remete muito mais ao intimismo ligado à família, por se tratar dela própria a cuidar e preservar o espaço. É muito perceptível o cuidado desta em preservar a memória de sua ilustre moradora e familiar, *Maria Bonita*. Pudemos perceber ao visitar o local, que desde a estrada de acesso, pouco sinalizada e longo percurso de estrada não pavimentada, à forma que nos entregaram as chaves do local para que abrísssemos e entrássemos por conta própria, era algo incomum por se tratar de um espaço de memória privado.



Imagem 13: Museu Casa de Maria Bonita no Povoado Malhada da Caiçara na zona rural de Paulo Afonso (BA), tirada em julho de 2023.

Apesar da pouca profissionalização/mercantilização do local, percebemos uma família muito cuidadosa com o referido espaço e com a memória da personagem tema principal. Vale frisar que a casa é uma réplica erguida no mesmo local onde Maria Gomes de Oliveira nasceu no início do século XX, viveu sua infância e teve os primeiros encontros com *Lampião*. No interior algumas peças originais e muitas réplicas, uma ênfase às fotografias espalhadas por todas as partes do museu, em especial as fotografias macabras com exposições das cabeças cortadas quando da emboscada na Grota de Angico (SE) em 1938, tema que será mais abordado no ponto monumentalizado quatro. Aquela exposição me chamou a atenção tendo em vista que estamos a falar da relação da própria família que expunha tal violência cometida com seu ente familiar e ali se monumentalizando com certa naturalidade para todos que frequentavam, inclusive a própria família.

O contexto da casa nos fala mais do que as várias réplicas e objetos originais ali expostos em seu interior. Estamos a refletir sobre o monumento residencial onde nasceu e morou *Maria Bonita*. No seu entorno toda a família Gomes de Oliveira que se junta à menor aparição de estranhos na comunidade, nos olhando de forma exótica, diferente, mas ao mesmo tempo nos acolhe calorosamente. Uma comunidade que mantém uma simbologia bucólica, pequena, humilde de apenas quererem seguir com suas vidas sem os holofotes de visitas, repórteres ou qualquer intenção de publicizar ou lucrar com aquele espaço histórico, mas ao

mesmo tempo entendem que aquele espaço precisa ser preservado em memória de sua ilustres familiar.

Quando da visitação tive a grata surpresa e sorte também de encontrar seu Abílio Gomes de Oliveira, um octogenário sobrinho legítimo de *Maria Bonita*, residente ainda na comunidade Malhada da Caiçara. Com a saúde um pouco debilitada, não gosta de atender visitantes, aquele lugar para ele é apenas o de morada, o de memória. Contudo, não sei se apenas simpatia por nós ou sorte, seu Abílio nos atendeu, conversou, contou causos que nos emocionou. Aquele encontro pra mim foi um dos mais emocionantes da viagem, tendo em vista que estava diante de mim algo com vida mais próximo do cangaço, um senhor que não demonstrava noção da grandeza de sua tia, mas apenas consciência e respeito que um sobrinho deve ter aos parentes mais velhos, no caso uma tia.

Neste ponto evidenciaremos o papel importante de *Maria Bonita* e por conseguinte da mulher na reconfiguração do cangaço, suas relações de poder inter e intrassocial que remodelaram o movimento quando de sua entrada em 1930. Um espaço que para além das memórias do movimento, nos remete ao tema do gênero, às discussões entre homem e mulher e as suas relações nos espaços de poder contextualizadas em uma sociedade extremamente violenta, machista e patriarcal. Tangenciamos a princípio este ponto monumentalizado com duas categorias: *Personagens principais* e *Gênero no cangaço*.

Aqui é necessário mostrar a vida de Maria Gomes de Oliveira bem como o que ela enfrentou desde cedo, as situações estruturais de uma sociedade machista e patriarcal, um casamento fracassado e abusivo quando ainda jovem, à decisão de entrar para o movimento do cangaço e acompanhar aquele que àquela altura já era o maior bandido do sertão. Mostrar a lenta e subjetiva reconfiguração do cangaço e para além dele, uma sociedade que segundo Durval Muniz (2013) até então era regida pelo fluxo vertical¹³¹, mas que aos poucos se horizontalizava com novas organizações e dinâmicas tanto para homens como para mulheres de uma época em transição. O cangaço também envolvido por esse momento de transição espelhando, mas também sendo refratário de condutas e ações para dentro e fora do bando, a própria entrada da mulher para o movimento nos anos finais é resultado dessas interseções com o contexto social de abertura lenta e subjetiva dos espaços de poderes até então fechados e predominantemente machista e patriarcais. O que se configura até os dias atuais e não estamos

¹³¹ Para entender mais sobre os fluxos sociais de gênero no Brasil entre as décadas de 1920 e 1950 ver Durval Muniz (2013) e mais especificamente sobre o cangaço ver em Oliveira (2023).

aqui a falar que o cangaço mudou a sociedade brasileira, mas sim a espelhou em vias de mão dupla.

Uma mulher que escolheu entrar para o cangaço não seguindo como em outros casos¹³² através de uma entrada forçada e que lá impôs seus elementos sincretizando novos aspectos às relações de gêneros tanto no bando como para além dele. Uma importante oportunidade para o ensino de História, através deste ponto monumental apresentar aos alunos possibilidades reflexivas acerca das relações de gênero não só através de *Maria Bonita* e *Lampião*, mas a todos cangaceiros e cangaceiras que de alguma forma desbravaram um sociedade transicional e que serviram de atenção nesta parte do softmaps.

O terceiro ponto monumentalizado é na cidade do Crato (CE) no Museu da Fotografia do Cariri - Casa de Telma Saraiva¹³³. Neste ponto apresentamos uma nova fase do cangaço no referido mapa, os dois primeiros pontos anteriormente analisados, juntos mostram o início da vida dos dois principais personagens do cangaço, *Lampião* e *Maria Bonita*. Nesta segunda fase entendemos ser na região do Cariri o início da ascensão de *Lampião* como maior liderança bandoleira no sertão do Brasil e por que não de todo o Brasil, nesta região (Cariri) *Lampião* e seu bando viveram seus melhores momentos enquanto liderança e fama no mundo do crime. É mais especificamente em Juazeiro do Norte onde o cangaceiro constrói uma das suas principais alianças políticas durante sua vida no cangaço, com o Padre Cícero, este uma importante liderança religiosa e política da região. É por intermédio e influência do religioso que o temido bandoleiro é condecorado através de documento assinado por Pedro Albuquerque Uchoa, em 1926 com a falsa patente¹³⁴, porém muito importante para ele, de capitão do Batalhão Patriótico. Neste evento/encontro o cangaceiro ainda recebeu farto arsenal de armas e munições do próprio Padre Cícero então prefeito do município de Juazeiro do Norte, sob o pretexto de combater uma possível invasão da Coluna Preste¹³⁵ naquela região, daí em diante com todo esse arsenal, o bando de *Lampião*, agora com nova titulação e armamento, construiu uma

¹³² A entrada da mulher no cangaço é para além de *Maria Bonita*, a pioneira neste processo, apesar de sua entrada espontânea, será verificada em outros casos o rapto de meninas ainda jovens forçadas a entrar no movimento como nos casos da cangaceira Dadá e Dulce.

¹³³ Está localizado na Rua Tristão Gonçalves, Nº 505, Bairro Centro.

¹³⁴ Nos remetemos ao termo de falsa patente, porque o próprio Pedro Albuquerque Uchoa, então único representante do governo federal na cidade naquele dia, quando questionado por outras autoridades do porquê do feito, afirmou que não tinha outra opção no momento e por estar amedrontado pelo próprio *Lampião*, sendo a única saída assinar o documento condecorando o famoso cangaceiro com a patente que tempos depois foi anulada, mas que para *Lampião* serviu de título para o resto da vida

¹³⁵ Movimento comunista armado que percorreu 24 mil km pelo Brasil tentando divulgar as ideias do movimento e angariar apoio. Quando de sua aproximação na região do Cariri, temos um momento de tensão num eventual encontro entre este o bando de *Lampião*, o que nunca aconteceu.

história de ascensão, invasões, mandos e imposições em sete estados no sertão do Brasil (DUTRA, 2011).

A era lampiônica¹³⁶ do cangaço tem entre outras características a exposição exagerada de sua imagem, desta infligiu-se estrategicamente o medo e o terror, características própria deste movimento que atuava no sertão do Brasil e que com o avanço das novas tecnologias especificamente da época: máquinas fotográficas, popularização da imprensa escrita através de jornais impressos e a própria literatura de cordel que circulavam mais efetivamente em cidades interioranas, um jogo de poderes com estratégias marcantes de um movimento que se fazia valer de uma atuação incisiva e publicizada para se impor num contexto de poderes onde prevalecia a lei do mais forte, para isso se fazia necessário tornar-se evidente, conhecido.



Imagem 14: Fotografia original registrada por Pedro Maia de *Lampião* quando de sua passagem em Juazeiro do Norte (CE) em 1926, vestido com a farda do Batalhão Patriótico após sua condecoração com a patente de capitão. A mesma compõe o acervo fotográfico do Museu da Fotografia do Cariri (CE), tirada em julho de 2023.

Vários estudiosos como Pericás (2003), Chandler (2003) e Mello (2004) afirmam que Lampião gostava de ser fotografado, sua vaidade sempre foi um instrumento de construção de

¹³⁶ Convencionamos que o termo era Lampiônica compreende o período de 1920 quando de sua ascensão à liderança do bando a 1938 quando de sua morte na Grota de Angico (SE).

sua própria imagem que só cresceu gradativamente em especial quando de sua ida ao Crato (CE) atendendo a um pedido de Padre Cícero. Nesta passagem pelo Ceará temos um dos episódios e registros fotográficos mais emblemáticos de *Lampião*, o vestido com o uniforme do Batalhão Patriótico tirado pelo fotógrafo Pedro Maia. Ali temos um momento importante na construção do imaginário e simbolismo na vida e obra de *Lampião*, uma encarnação do herói e bandido em um só corpo, o da lei e o do fora da lei. O próprio fardamento representa essa mistura entre a legalidade de um herói que representa o Batalhão Patriótico e o fora da lei simbolizado no lenço e punhal que remetem ao uniforme e indumentária típica da vida de crimes no cangaço.

Para Cicinato Ferreira Neto (2010) depois de sua passagem no Juazeiro do Norte (CE), *Lampião* passa a se comportar como uma celebridade, de entrevistas¹³⁷ passando por outros registros fotográficos às filmagens feitas por Benjamin Abrahão¹³⁸ em 1936 e 1937. *Lampião* se apresenta como um agente de sua própria imagem, ciente dos desdobramentos para si e para o bando, uma fama intencionalmente construída ao longo de sua vida de crimes.

Para Bonfim (2021), *Lampião* e o seu bando transformam o seu corpo e tudo que os cercam em uma performance nunca vista antes na história. O que o autor chamará de *cangaceiro-performer*¹³⁹:

“... um bandoleiro das caatingas nordestinas que realizou espetáculos (algo para ser visto) de permanência provisória executados pelo bando de *Lampião* que, através de uma *remixagem* da tradição, reuniu de maneira voluntária, simultânea e improvisada: dança, música, literatura, moda e artes plásticas no” teatro sem paredes” das veredas do grande sertão nordestino.” (BONFIM, 2021, p. 134)

Um processo de transformação direta e indireta no mundo em que nele atua consciente ou inconscientemente, modificando os espaços dentro do real e do imaginário. O corpo passa a construir uma linguagem própria articulada ao contexto e aos espaços no seu entorno e para além dele. O cangaço como expressão de uma *remixagem* às tradições nordestinas com novos símbolos, cores, indumentárias e identidade. Um conjunto de ações utilitárias que irão ao longo de décadas reconstruir significativamente os elementos de uma tradição moderna customizada através de objetos culturais também sob nova plástica ainda ligados aos dias atuais (BONFIM, 2021).

¹³⁷ A esta nos referimos à primeira entrevista concedida por *Lampião* ao médico Otacílio Macêdo e depois publicada no jornal *O Ceará* naquele mesmo ano de 1926.

¹³⁸ Benjamin Abrahão Botto foi um fotógrafo e jornalista sírio-libanês responsável por fazer registros fotográficos e filmagens inéditas do bando de *Lampião* entre 1936 e 1937.

¹³⁹ Esta definição necessita o cuidado de desvinculá-la apenas ao contexto e campo das expressões artísticas, não limitando-a ao reducionismo de presença física para fins de representação em caráter de espetáculo. Para aprofundar mais ver em (GLUSBERG, 2016)

O corpo como instrumento a serviço de si sustentando e ao mesmo tempo produzindo simbologias artísticas, plásticas, culturais e utilitárias. Baseadas em habilidades específicas¹⁴⁰ inseridas num jogo de sociabilidades subjetivas individuais que serviam como afirmação no grupo e no contexto.



Imagem 15: Câmera fotográfica de Pedro Maia que registrou a passagem de *Lampião* pelo Juazeiro do Norte em 1926, que compõe o acervo do Museu da Fotografia do Cariri no Crato (CE), tirada em julho de 2023.

O Museu da Fotografia do Cariri - Telma Saraiva em Crato (CE), nosso terceiro ponto monumental no softmaps, entre outros objetos nos apresenta a máquina fotográfica que Pedro Maia eternizou a imagem de *Lampião* quando de sua passagem na região em 1926 com o fardamento do Batalhão Patriótico. O espaço ainda apresenta a foto original da época e suas falhas¹⁴¹. Entendemos este monumento como símbolo do apogeu de *Lampião* e seu bando na primeira metade do século XX, nos permitindo refletir e ao mesmo tempo compreender o quanto que o cangaço se faz publicizar, popularizar e ressignificar seja através de

¹⁴⁰ Os cangaceiros além de codinomes e apelidos eram também destacados por suas habilidades específicas úteis ao bando: o sanfoneiro, o poeta, o costureiro e o repentista.

¹⁴¹ É possível verificar na foto, única recuperada de um todo de cinco tiradas no dia, que bolhas não são evitadas no processo de revelação. Para aprofundar mais vê episódio/documentário 1359 no canal de Youtube “O cangaço na literatura no link: <https://www.youtube.com/watch?v=wAq2k0847Sk>

performances, seja através de uma construção simbólica em muito vinculada às tramas artístico, culturais e midiáticas da época e nos dias atuais.

Neste ponto tangenciamos três categorias: *Personagens Principais, Misticismo e religiosidade e Estética no cangaço* dando assim significado às ações públicas e intencionais de *Lampião* para construção de sua fama e o que cercava nas relações político-religiosas na região do Cariri. Um *Lampião* ciente de suas atitudes, bem como preocupado em construir um legado imagético no tempo presente que reverberou para além de suas intenções, usando de todos os instrumentos disponíveis e até a sua fé para construir alianças e fazer parte de uma rede de poderes que outrora o desejava ejetava.

Neste ponto monumentalizado são muitas as abordagens disponíveis ao ensino de História, são inúmeros aspectos a serem sugeridos como: conhecer a vida e atuação do Padre Cícero na região do Cariri e suas relações específicas com o cangaço; compreender as atuações e construções imagéticas dos cangaceiros entorno da fé e da própria figura do “santo padre”; ensejar as diversas performances, e aqui a mais emblemática de todas, a do *Lampião* vaidoso ciente de suas funções e ações nas relações de poder inseridas numa estrutura errática e excludente. As diversas possibilidades fazem deste ponto um caminho que transita do real ao estético, do imaginário ao concreto, tudo a serviço do ensino de História e a favor da aprendizagem dos alunos(as)

O nosso terceiro ponto monumentalizado do softmaps que contempla o *Pelos Caminhos do Cangaço* se posta na cidade de Mossoró, localizada a 281 km da capital Natal (RN), o Memorial da Resistência de Mossoró¹⁴². Uma cidade pujante com sua economia local fortemente ligada a extração e produção salina tendo também na extração de pequenos produtores de petróleo uma alternativa econômica importante para o município. Para além de seus aspectos econômicos, Mossoró foi palco de um importante episódio na primeira metade do século XX que se apresenta ainda hoje muito latente e vivo no imaginário coletivo da cidade, a invasão frustrada do bando de *Lampião* no ano de 1927. Àquela altura o cangaceiro recém condecorado com a já citada falsa patente de capitão do Batalhão Patriótico numa manobra política entre lideranças locais em Juazeiro do Norte.

Fortemente armado e municiado, fruto do acordo feito um ano antes na região do Cariri (CE), *Lampião* e seu bando decidem por invadir inusitadamente aquela cidade, na época a segunda maior do estado do Rio Grande do Norte, com aproximadamente 20.000 habitantes. Uma cidade pouco provável de ser invadido por bandos de cangaceiros, tendo em vista sua

¹⁴² Está localizado na Av. Rio Branco, Nº 477, bairro Centro.

condição populacional, considerada alta para os padrões na época e fora dos padrões de cidades outrora atacadas até então pelo bando, caracterizadas quase sempre por serem cidades com uma menor concentração populacional e por conseguinte menor efetivo policial para enfrentar.

Contudo, o improvável tornou-se realidade, *Lampião* via o ataque à cidade de Mossoró uma ação estratégica sob o ponto de vista de construção de sua fama que alimenta sua vaidade, conforme discutido no tópico anterior. Para além desse propósito, expandir mais ainda seus domínios e fama de bandido violento e agora também capitão, era parte de uma lógica do contexto daquela época, construir relações de poderes através da disseminação do medo.

Outro ponto se fazia pertinente para *Lampião* e seu bando quanto ao ataque à Mossoró, o mais óbvio, realizar um grande saque, que segundo confissão do cangaceiro Jararaca que compunha o bando e fora preso naquele ataque, o espólio do roubo serviria para comprar autoridade política e policiais do estado do Pernambuco e reafirmar mais ainda o controle e dominação do bando sob aquele estado, tão estratégico para ele na vida de crimes (DUTRA, 2011).

Os jornais da época como: *O Correio do Povo*, *O Mossoroense* e *O Nordeste* todos de grande circulação na região e que servem de instrumentais de análises para tecer dissertação de mestrado que analisa a construção do imaginário do referido episódio na cidade de Mossoró do já referenciado autor, trabalham imbuídos a construir uma imagem negativa e sanguinária de *Lampião* e seu bando. Ao passo que se contrasta com as também divulgações a serviço de uma imagem positiva do então prefeito de Mossoró Rodolpho Fernandes, que segundo os próprios jornais foi a principal liderança da resistência empreendida pela cidade contra os invasores. Vale ressaltar que para além de uma liderança política e armada àquela altura da iminente invasão, Rodolpho Fernandes simbolizava à luz dos jornais, a hegemonia de uma família tradicional, a família Rosado, no comando político e econômico da cidade a mais de década. Mossoró representava para o sertão a pujança de uma cidade em crescimento ligada à atividade salineira, num sertão que contrastava com a pobreza e a miséria que se verificava em quase todas as outras regiões mais próximas (DUTRA 2011).

Construir essa representação simbólica de uma cidade que crescia num contexto de contraste com a fome e a miséria predominantes no sertão era também mote diferencial para unir toda a população para lutar em favor da liberdade contra a sanha de um violento bandido e ao mesmo tempo diferir-se das demais cidade de seu entorno. O progresso da cidade era o contraste da pobreza que resultava no cangaço, e aqui entenda a pobreza como causa e o cangaço como consequência. Sedimentar essa união em torno da resistência à invasão era antes de mais nada uma prova de coragem associada à nacionalidade e identidade local, era mais do

que isso, diferenciar-se daquilo mais comum verificado no sertão: pobreza, miséria e medo relacionados diretamente aos vários saques de bandos armados.



Imagem 16: Museus da Resistência em Mossoró (RN). Trabalha o imaginário local de resistência e liberdade ao longo de décadas, imagem tirada por Wilson Moreno do acervo da Secom da Prefeitura Municipal de Mossoró (RN).

Os jornais tornaram-se instrumento de disseminação e arregimentação de jovens na época, muitos deles pobres e à margem dos benefícios do progresso vividos pelas elites daquela cidade, mas que mesmo assim serviam de massa de manobra aos comerciantes locais para não só se livrarem do eventual prejuízo devido à invasão e conseqüente pilhagem, mas ao mesmo tempo construir uma imagem de liderança corajosa e resistente aos desmandos do atraso comum no sertão, o que lhes renderia mais estruturas para retroalimentar o *status quo*. Progresso/atraso, Mossoró/cangaço, imaginários construídos sob a égide dos contrastes legitimados pelos jornais impressos da época e ressignificados até os dias atuais sob lógica regida pelas lembranças de glória e coragem de um povo.

O Memorial da Resistência de Mossoró além de incorporar o signo da liberdade, componente verificado em diversas partes da cidade como: em nomes de lojas do comércio local, nomes de rádios locais, nomes de ruas e bairros, a coragem é para aquela cidade uma referência do passado, uma simbologia subjetiva muito presente no identitário imagético ainda hoje cultuada pela e na cidade. Resistir ao mais temido dos bandidos do século XX no Brasil que tombou diversas cidades sertão adentro, é visto pelos mossoroenses como atitude libertadora, mas sobretudo de coragem cultivada por muitos até hoje na cidade. O referido

memorial ou monumento simbólico construído em torno deste episódio é para a cidade alento de união, força, identidade e tradição.

Tal qual como no monumento do Museu da Fotografia do Cariri localizado no Crato (CE) que usa as imagens fotográficas como parte importante da construção de algumas representações positivas de *Lampião* e seu bando, em Mossoró, através de seus jornais impressos da época e do Memorial da Resistência é também elemento de construção de uma representação identitária, contudo sob a ótica negativa e contrastante daquilo que se propõe no ponto monumentalizado anterior. Estados vizinhos que se contrastam segundo suas conveniências quando de seus envolvidos e envolvimento na construção da memória do cangaço.

O softmaps *Pelos caminhos do cangaço* se propõe justamente a isso, apresentar diversas facetas e possibilidades para o cangaço, intuir para aquele que o acessar diversas perspectivas e problemáticas sobre o referido tema. Com isso, neste ponto do softmaps trabalharemos a princípio duas categorias conforme proposto no início deste tópico: *Personagens principais e Violência e banditismo*.

Os ataques e saque que infligiram medo e destruição às pequenas cidades até a década de 1940 eram uma recorrência no sertão do Brasil, cada ataque uma simbologia a ser construída e a se amalgamar no imaginário local, perfazendo uma colcha de retalhos que chamamos de memória coletiva do cangaço. O ataque a Mossoró (RN), foge dos padrões de ataques anteriores, por isso justifica-se as diferentes construções simbólicas mnemônicas o que merece e devem ser importantes instrumentos didáticos pedagógicos a serviço do ensino de História e do professor(a). Refletir e compreender como se construiu tal memória coletiva fruto desse ataque específico é entender os mecanismos de construção mnemônicos de um grupo, é sedimentar caminhos cognitivos para que cada aluno(a) se veja também como construtor de uma memória coletiva, como parte integrante de tal processo.

O quarto e penúltimo ponto monumentalizado se estabelece na região de divisa entre os estados de Sergipe e Alagoas nas cidades de Poço Redondo e Piranhas respectivamente. Nestes dois pontos que formam um só no softmaps apresentamos a fase final¹⁴³ mnemônica do cangaço no que tange a morte de Lampião e a derrocada do movimento. São nestes que verificamos no lado sergipano o monumento da Grota de Angico, local quando da emboscada

¹⁴³ Adianto ao leitor perspicaz e curioso que conforme anunciado anteriormente o softmaps terá outro e aí sim último ponto monumental. Contudo o último ponto de fato é uma intersecção entre passado e presente, memória e indivíduo que será melhor explicado quando do próximo tópico. Portanto quando me refiro aqui à parte final, estou a tratar daquilo diretamente correlacionado à produção mnemônica ao e do movimento do cangaço e os pontos monumentais até aqui apresentados.

e morte de *Lampião* e de mais 10 cangaceiros que compõem seu bando até 1938. Na segunda cidade no lado alagoano, horas depois da emboscada e morte, se faz a exposição das cabeças decapitadas, especialmente as de *Lampião*, *Maria Bonita* e os demais membros mortos naquela emboscada, produzindo uma das cenas fotográficas mais marcantes e macabras da história.

A transformação em símbolos de restos mortais dos cangaceiros mortos se deveu a tudo aquilo que os mesmos representaram em vida, o que Durval Muniz (2011) chamará de *economia de símbolos* coadunando-se de alguma forma com a invenção e reinvenção do nordeste enquanto construção simbólica. No entanto não estamos neste ponto a analisar tais correlações, mas sim problematizar e ao mesmo tempo propor estes dois pontos monumentais que estão a representar o momento mais trágico e macabro do referido trajeto ora proposto neste softmaps.

Da morte ao retorno dos despojos à família de Virgulino Ferreira da Silva ao processo de construção dos imaginários mnemônicos em torno do cangaço passando pela exposição durante décadas (1938-1959) sob pretexto de leitura científico no Museu Nina Rodrigues, passando ainda pelo tombamento do local de morte, a Grota de Angico, hoje visitada por centenas de milhares de pessoas sob forte estrutura comercial e turística em torno da belíssima região dividida pelo Rio São Francisco entre os estados de Sergipe e Alagoas, a memória coletiva do cangaço se revigora como um gigante que se retroalimenta de si próprio, um fenômeno social incontável pouco visto na história.

Um conjunto mnemônico heterogêneo mobilizado em torno do cangaço segundo conveniência do coletivo de pessoas que o mobilizam, baseados sempre na correlação de lembrar e esquecer resultando num processo de ressignificação constante. Construções que dão corpo ao subjetivismo de lembranças coletivas a uma dada região e grupos sociais, que passam agora devido ao advento e intensidade das novas tecnologias, a se potencializar pela midiaticização e acesso fácil às imagens produzidas na época, o que Ramos Filho (2020) chamará de *política de memória do cangaço*.

Há de se elencar que o cangaço se adaptou não só aos contextos sociais segundo sua mobilização e conveniências, mas também acompanhando os avanços técnicos e tecnológicos de cada época, da literatura de cordel nas décadas de 1920/1930, passando pela espetacularização dos jornais impressos nos anos 1940/50/60 e películas de cinema dos anos 1980/90 à cena digitalizada dos diversos canais alocados na rede mundial de computadores nos dias atuais. Um cangaço que para além do movimento e produção de memória se molda também no tocante ao armazenamento e publicização segundo arquivos públicos, pessoais e digitais (RAMOS FILHO, 2020).

Para além de todo esse processo, mas também como parte dele, de canalização, armazenamento, divulgação e ressignificação da memória do cangaço o monumento da Grotta de Angico localizada no lado sergipano do majestoso Rio São Francisco se apresenta à primeira vista numa área privada de um eco parque muito bem estruturado com visitação aberta ao público e uma visível proposta comercial por parte daquele que detém o controle do local.

De esconderijo do bando de *Lampião* quando de suas passagens na região ao local de emboscada e morte, tornou-se ao longo de décadas, mas especificamente a partir dos anos de 1980¹⁴⁴ um monumento fortemente ligado ao conjunto mnemônico do cangaço, me arrisco afirmar, sem números comprobatórios, o mais visitado de todos este aqui propostos e o mais conhecido dentre todos que compõem o conjunto. Contudo a partir de 1989 quando de sua criação oficial e primeiros investimentos na estruturação do local, a Grotta de Angico tornou-se espaço de peregrinação para aqueles que ali tombaram, de familiares, vítimas, curiosos, professores, pesquisadores e profissionais que de alguma forma tinham o cangaço como mote de suas idas até ali. A Grotta é sem dúvida um lugar mágico para aqueles que se sentem tocados de alguma forma pela memória do cangaço (RAMOS FILHO, 2020).

Um local que apesar da travessia pelo rio São Francisco ou caminho por terra através de trilha, possui um acesso difícil de 35 km de uma subida íngreme e irregular, porém misteriosa ao longo de seu percurso. Esse é o termo que melhor resume quando de minha ida e chegada até o ponto principal, local onde estão as cruzes¹⁴⁵ que simbolizam a emboscada e os que ali tombaram de ambos os lados. Um local sagrado para uns, mnemônico para outros e/ou profissional para tantos que ao longo de décadas nutrem naquele monumento de difícil acesso, uma conexão íntima e mágica.

Um espaço de construção de narrativas e memórias, onde o guia turístico que nos conduz está explicitamente e fortemente imbuído a construir uma imagem de *Lampião* valente, corajoso que tombou através de traição culminando na emboscada e sua morte. Um espaço construído na dicotomia que nos lembra a morte de 11 criminosos, mas também nos faz de alguma forma solidificar a vida através da memória para cada um que de lá saiu, levando um pouco daquele complexo mnemônico para si. Um local também de forte apego religioso quando da celebração da missa anual em 28 de julho, data da emboscada, inclusive com legitimação

¹⁴⁴ Apesar desta data, a primeira ação no local após o massacre foi a colocação de uma cruz pelo irmão de *Lampião* João Ferreira ainda em 1950. Para aprofundar mais sobre todo o processo de tombamento do local ver em Ramos Filho (2019).

¹⁴⁵ No local estão fincadas duas cruzes que homenageiam todos os onze cangaceiros mortos mais um policial volante. Ali tombaram os cangaceiros: Lampião, Maria Bonita, Luiz Pedro, Quinta-feira, Colchete, Macela, Enedina, Elétrico, Mergulhão e os dois irmãos Moeda e Alecrim. Do lado da volante policial morreu Adrião Pedro de Souza.

sacra da igreja católica. Um espaço que coaduna memória afetiva, coletiva, intimista envolto de conveniências comerciais, culturais, artísticas, estéticas e acadêmicas. Um cangaço repito, multifacetado construído sob a égide de lugares de memória e que aqui se propor à serviço do ensino de História.



Imagem 17: Memorial da Grotta de Angico em Poço Redondo (SE), tirada em julho de 2023.

Na segunda parte¹⁴⁶ deste mesmo ponto monumentalizado, do outro lado do Rio São Francisco na parte alagoana, localiza-se a cidade de Piranhas, a que mais aloca turistas na região de divisa. Esta cidade foi a primeira a receber os despojos mortais dos onze mortos quando da emboscada na Grotta de Angico em 1938. É nesta cidade que também foram expostas as onze cabeças na escadaria do Palácio do D. Pedro II¹⁴⁷, então sede da prefeitura na época e até os dias atuais. Aqui entendemos também ser um ponto muito sensível para aqueles que se fazem envolver com o tema e a memória do cangaço, desde a produção da emblemática fotografia, de autoria desconhecida, ao evento macabro em si.

¹⁴⁶ Por uma questão didática e geográfica estes dois pontos irão formar um único ponto monumental no softmaps aqui proposto. Grotta de Angico e Palácio D. Pedro II.

¹⁴⁷ Está localizado na Rua Antônio Rodrigues, bairro Centro, funcionando hoje como sede da prefeitura do município.



Imagem 18: Palácio D. Pedro II na cidade de Piranhas (AL). Ao centro a escadaria modificada onde foram expostas as 11 cabeças dos cangaceiros mortos na Grota de Angicos no lado sergipano na divisa, tirada em julho de 2023.

Se no ponto monumentalizado anterior e me refiro ao Museu da Fotografia do Cariri no Crato (CE) entendemos o corpo como um sujeito de função estética e de construção simbólica e ao mesmo tempo em que o próprio cangaceiro se utilizava de seu corpo como elemento utilitário para suas andanças pelo sertão, estamos neste ponto também a perceber e problematizar estes vários corpos como uma forma de musealização, o corpo desfalecido como forma de objeto para fins de exposição e/ou intencionalização neste caso macabro, a serviço da construção de ordem e entoada pelo medo como na época do evento e registro fotográfico. Fora isso que volantes policiais da época o fizeram quando da decapitação e exposição das onze cabeças expostas nas escadarias do Palácio D. Pedro II em Piranhas, hoje já modificada e quase irreconhecível para os leigos.

O corpo deixa de ser parte de uma composição biológica para se tornar componente e instrumento do político-social, uma transformação que remete às diversas formas conforme Elódia Xavier (2007) nos sugere: invisível, subalterno, disciplinado, imobilizado, envelhecido, refletido, violento, degradado, erotizado, liberado.

Uma composição contraditória, estranha e inevitavelmente correlacional ao que tange o simbolismo da memória, do biográfico, do humano uma habitando a outra. Despojos que

ainda habitam para os mais próximos que ficaram em vida como parte de uma lembrança ou aquilo que está à serviço da ciência, do macabro, da curiosidade, do público, são relações contraditórias, mas ao mesmo tempo correlacionais. A morte quando da emboscada e por conseguinte as cabeças cortadas e expostas na escadaria do palácio é parte desse contexto esquizofrênico natural de uma sociedade ora violenta, ora espetacularizada. Da imagem à memória, mas também do Direito, um evento que se transmutou para além das gerações com propósitos, meios e mídias.

Equacionar tudo isso é tarefa árdua para todos os envolvidos, e aqui me refiro também àqueles que indiretamente na forma de turistas se envolvem com estes monumentos e que porventura tenham ou venham a visitar tais pontos memoriais em especial estes, que segundo Clóvis Brito (2018) se apresentam como monumento transmutados em *objeto sensível*.

Uma *pedagogia do abjeto* como exposição daquilo que confronta o olhar, impacta, sensibiliza com fins também educativos/exemplar alinhados aos padrões da época. Podendo ser instrumentalizado por restos mortais de criminosos, santidades ou apenas produzir relíquias com propósitos identitários (BRITO, 2018). Era este o objetivo em linhas mais subjetivas quando da época da exposição dos despojos na escadaria do palácio e registro fotográfico.

Passadas várias décadas depois, resta a estes monumentos, a Grota de Angico e a escadaria do Palácio D. Pedro II a fina sensibilidade de ressignificar o trágico através da memória como se tivessem vida própria. O culto ao macabro, à morte se transmuta dando lugar ao íntimo da fé e da religiosidade quando da peregrinação à missa na Grota de Angico todos os anos no dia 28 de julho ou apenas ao curioso turista por produzir registro fotográfico com o momento ao fundo quando de sua passagem pela escadaria do referido palácio, hoje modificada e quase imperceptível quando se comparado à época da emblemática fotografia.

De uma *pedagogia do abjeto* à uma pedagogia dos projetos através de apresentação propositiva de monumentos mnemônicos através de softmaps, à serviço não mais do medo e do temor quando de sua instrumentalização na época dos eventos, mas agora com propósitos de preservação de uma memória e mais especificamente para fins didático-pedagógicos e educativos direcionados ao ensino de História. O softmaps *Pelos caminhos do cangaço* revoluciona não só o ensino de História, mas sobretudo o olhar de como percebemos esses monumentos que podem e devem potencialmente serem utilizados como artefato pedagógico e também ressignificados ao longo dos tempos.

Lugares de memória que se tornam pontos monumentais em um softmaps que também serão direcionados ao serviço dos vários e já existentes lugares de memória. Contudo, este softmaps é único até aqui em propor essa formatação didática a serviço especificamente ao

ensino e aprendizagem de História. Neste quinto e penúltimo ponto do softmaps *Pelos caminhos do cangaço* trabalharemos a princípio as categorias: Personagens principais e Violência e banditismo.

Neste ponto monumentalizado verificamos o momento de maior sensibilidade, a violência que desemboca na tragédia da morte, do macabro quando da exposição de cabeças humanas desfalecidas que se retroalimenta das condutas violentas como instrumento de imposição do medo. Um ciclo característico de uma sociedade corroída pelo ódio e transmutado aos dias atuais, pois ainda estamos a viver esse ciclo da violência em vários centros urbanos com algumas peculiaridades.

Este ponto monumentalizado se apresenta como possibilidade reflexiva sobre violência, mas acima de tudo como esta se serve de um ciclo perpassado de tempos em tempos, de estruturas em estruturas de pessoa para pessoas. É também tarefa sensível e urgente do ensino de História contribuir para a quebra desse ciclo de violência que se expande até ao ambiente escolar, que vai desde as situações de bullying praticados por alunos(as) em ambientes escolares, aos grandes movimentos de banditismo no século passado. Refletir sobre o medo como instrumento de poder seja por policiais seja por criminosos é de fundamental importância na construção de uma sociedade de paz e mais justa.

Portanto, para este ponto e neste ponto propomos uma didática para além da simples violência banal e estruturante da época, mas entender as conexões desta nos dias atuais fazendo aportes reflexivos na personalidade de alunos e alunas a serem revertidos no cotidiano de cada um e por conseguinte no coletivo social.

Chegamos ao nosso último ponto do softmaps na cidade de Aracaju (SE), mais precisamente no Museu da Gente Sergipana Governador Marcelo Déda¹⁴⁸. A escolha desse ponto deveu-se pela cidade ser o local onde mora a única filha reconhecida de *Lampião*, Expedita Ferreira Nunes, hoje com 90 anos e sua neta Vera Ferreira Nunes, hoje com 61 anos. Entendemos que ambas, filha e neta, são as mais próximas ligações vivas com o casal de cangaceiros mais famoso do referido movimento. Aqui não estamos a nos referir ao simples fato de terem ligação genética interparental, mas devido também às conexões memorialísticas o que não exclui outras possibilidades, fatores ou personagens. Contudo, entendemos que as duas representam a principal ligação no tempo presente com a memória do cangaço, apesar de quase não terem convivido diretamente com os genitores cangaceiros, reforçam a existência de ambos, *Lampião* e *Maria Bonita*, o que não é proposta nossa confirmar ou não. Estamos aqui

¹⁴⁸ Está localizado na Av. Ivo do Prado, N° 398, bairro Centro.

apenas a propor um ponto de partida para cada ponto monumental para a partir de cada um, apresentarmos possibilidades didático-pedagógicas para o ensino de História quando da mobilização específica do conteúdo do cangaço.

O museu foi inaugurado em 2011 e conta com exposições itinerantes e permanentes que retratam segmentadamente a diversidade cultural do estado de Sergipe e de sua gente. Se apresenta como o maior museu de multimídia e interativo do Norte e Nordeste o que legitima mais ainda a proposta essencial desse ponto que é conectar passado e presente, tradição e modernidade. É enxergar em Expedida Ferreira e Vera Ferreira esses conectores vivos e reais com o movimento do cangaço, repito não excluindo outros.

Seccionado em: *Nosso cabra, Nossos pratos, Nossas praças, Nossas festas e Nossos leitões*, o museu apresenta ainda exposições itinerantes comemorativas segundo conveniência de cada época o que define e confirma o espaço um mister de tradição e modernidade, novo e velho, presente e futuro. A proposta deste último ponto do softmaps *Pelos caminhos do cangaço*, compreende este movimento como uma representação monumental, memorial do passado no tempo presente. Por ser o lugar onde Expedida e Vera Ferreira escolheram morar, correlacionamos a cidade e o museu às duas descendentes mais próximas do casal mais famoso de cangaceiros.



Imagem 19: Piso de entrada com escadaria central do Museu da Gente Sergipana Governador Marcelo Déda em Aracaju (SE). O mesmo já apresenta logo em sua apresentação inicial suas credenciais de multiculturalismo com vários detalhes, elementos e cores mais tradicionais com iluminação em tons modernos, tirada em julho de 2023.

Como em Sergipe, o Nordeste é também uma confluência de elementos culturais que se amalgamam nos aspectos sociais a se refletir no cotidiano de cada um e de cada grupo a compartilhar esses espaços. Nos diversos aspectos culturais: música, pintura, dança, culinária, vestimenta e linguagem. Não iremos neste ponto analisar e propor todas essas categorias culturais como possibilidades para o ensino de História, seria uma tarefa arduosa que demandaria tempo o que não nos cabe nesta modalidade de pesquisa. Contudo apontaremos nossos olhares especificamente à categoria da linguagem, por sentirmos um elemento contundente na construção do imaginário do cangaço e conseqüentemente nos dias atuais.

Para contextualizar, mostramos em outros momentos nesta pesquisa que foi através das várias linguagens como: na literatura de cordel, nos jornais impressos, na literatura regional que o cangaço se fez presente e ressignificado, o que não exclui outras formas de linguagem como: o cinema, a fotografia e tantas outras que se fazem presentes antes e hoje na construção mnemônica do cangaço.

Porém, salta aos nossos olhos a forma como os cangaceiros tinham um linguajar próprio, códigos, gírias dialetais que faziam de sua forma de falar uma expressão própria para aqueles que o compunham, uma identificação *sui generis* já analisada em outros momentos da pesquisa que iam do corpo, da vestimenta, de códigos morais até da superstição sincretizada em vários elementos do cristianismo mais rudimentar e/ao erudito.

A memória como um devir entre estruturas individuais e coletivas que desaguam na construção identitária de um todo, materializando-se em diversos objetos culturais que juntos formam um conjunto mnemônico. Assim é o cangaço que reverbera na linguagem, que deságua na literatura mais regional e requintada do Brasil. As palavras não se esgotam apenas em suas expressões e sentidos. A linguagem produz em si mesmo realidades e contextos. São produções cotidianas simbólicas ligadas às estruturas de quem os cria e escreve. Tanto aquele que fala como aquele que o manifesta através da escrita literária. O escritor é sem dúvida um construtor de realidades expressadas na linguagem e na escrita, podendo estas se apresentarem em palavras soltas, termos expressivos ou até obras inteiras e complexas de literatura (ARAÚJO SÁ, 2010).

Como fator desencadeante de discussão e reflexão neste ponto monumental usamos a obra de Francisco J. C. Dantas¹⁴⁹, escritor regionalista sergipano que na obra *Os desvalidos*

¹⁴⁹ Nascido em Sergipe em 1941 fez carreira como escritor e romancista tendo recebido diversos prêmios como Prêmio Internacional da União Latina de Literatura Romântica, na Itália. Escreveu diversas obras entre elas: *Coivara da memória aos cinquenta anos*, *Os desvalidos* (1993), *Cartilhas do silêncio* (1997), *Sob o peso das sombras* (2004), *Cabo Josino Viloso* (2005), e *Caderno de ruminações* (2012).

(1993) retrata os desfavorecidos como autoafirmação das diversas formas de se manifestar, apresentando e representando uma/a linguagem como importante faceta de autoafirmação enquanto grupo social (ARAÚJO SÁ, 2010).

Há de se elencar que na literatura regionalista durante muito tempo a linguagem e sua produção ficou sob monopólio das elites intelectualizadas, contudo, afetos, honra, amor, sobrevivência e o próprio sertão são categorias que se tornaram adjetivações simbólicas a influir na produção linguística, o que Araújo Sá (2010) chamará de uma *carpintaria literária*, diria que não só comunica, mas solidifica costumes tornando tradição, passada de geração em geração desaguando no tempo presente.

Desde o século XIX o campo da literatura tem o cuidado em tratar daquilo que é o regional, o local. Primeiro numa fase apenas descritiva muito vinculada a aspectos paisagísticos muitas vezes em planos secundários. Com o processo de modernização e urbanização a partir dos anos de 1930 e a conseqüente transição da sociedade agrário-pastoril-ruralizada para a sociedade-burguesa-industrial-urbana, a paisagem deixa de ser apenas descritiva para se transformar em instrumento simbólico e identitário, tomando pra si o papel legitimador e construtor daquilo que eles, escritores, entendiam ser o nordeste e aquilo que os tangenciavam. Há de se elencar e me refiro a "eles", estou a falar de uma elite oligárquica ainda vinculada ao provincianismo que tem os seus contextos como aspectos referenciais para suas visões escritas estereotipadas, mas que contribuiu e muito para um primeiro desvendamento de agora um fluxo reverso seguindo um sentido de dentro para fora em formato intimista.

Para Durval Muniz (2011) essa influência da literatura regionalista está diretamente relacionada à construção de aspectos artístico-culturais e porque não linguísticos.

“A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de **tipos e personagens**¹⁵⁰; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 65-66)

Como na literatura regionalista de Francisco J. C. Dantas e tantos outros¹⁵¹, a transfiguração do sertão está também a se construir no campo do oposto, do contraste. Aqui vale correlacionar, confirmando mais ainda nossa tese de que o processo se dá na mesma lógica

¹⁵⁰ Grifo meu.

¹⁵¹ Aqui temos um farto número de nomes de grandes autores da literatura regional a começar por: Euclides da Cunha, José Lins do Rêgo, Câmara Cascudo, Monteiro Lobato, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e tantos outros.

de contraste usado pela imprensa escrita na cidade de Mossoró quando da construção simbólica em torno do ponto monumental da Memória da Resistência de Mossoró.

Ressalto e reafirmo ainda o quanto que o cangaço se faz em zonas de fronteiras: herói/bandido, policial/criminoso, lei/fora da lei, miséria/riqueza, violência/insurreição. É na pobreza feita de espinhos e pedra do sertão que, “os jovens que não fossem filhos de fazendeiros ou ligado a elite econômica local, restava apenas a alternativa de ser policial ou bandido, um ou outro, aliás, parecendo-se bastante num meio em que a luta diária se orientava pela sobrevivência” (MELLO, 2004, p. 26).

A literatura regionalista enxerga no cangaço uma oportunidade de distinguir as sociedades tradicionais daquela época que transicionava para uma nova sociedade de classes num contexto de modernização intensificada a partir de 1930. Distinguir o local do generalizado, o rural do urbano, o sertanejo do burguês era papel também da linguagem através da literatura regional e seus vocábulos. As gírias são variações dialetais que coadunam ao contexto tomando-os como adaptações simbólicas e identitárias para expressar e para mais além, representar (ARAÚJO SÁ, 2010).

Produzir uma linguagem própria é como produzir uma vestimenta, um *modus operandi*, uma relação própria de poder. Assim era o cangaço, assim era *Lampião*, um líder de um movimento armado bandoleiro, à margem do estado, das leis e de seus semelhantes, uma grande maioria de sertanejos pobres que se submetiam ao contexto por falta de opção e/ou alienação. O cangaço com sua linguagem própria e forma de ser se impõem numa zona de fronteira para não só fazer história e produzir memórias, mas também contribuir decisivamente para reestruturar ressignificando o presente de todos aqueles que através da memória coletiva, constroem as suas próprias realidades no sertão do Brasil.

Ressalto também, as várias mídias e formas de linguagens a se beneficiar/publicizar do cangaço e em especial a figura de *Lampião*. Nenhum se aproximou e posicionou-se mais próximo do que a literatura de cordel ao lado mais fraco do contexto desproporcional do sertão. Beirando o bandido, mas também o herói humanizado que combatia os desmandos de coronéis e volantes. O cordel se apresenta como uma ponte construtora de diversos *Lampiãoes*, aquele que se apaixonava, aquele que se permitia possuir credices e fé em formas rudimentares de religião, mas que também demonstrava em alguns momentos justiça num contexto maior de completa injustiça e desmandos do poder oligárquico. *Lampião* por diversas vezes se faz expressar com linguajar próprio e sedimentado, marcado por uma celeuma de expressões populares eternizadas nos ditos populares e na própria literatura de cordel, conforme acervo de palavras em anexo A.

A literatura regionalista com os seus regionalismos vai rearranjando o Brasil criando signos e códigos artísticos culturais que vão posteriormente construir um novo Brasil, agora muito mais multiculturalista, mas também segmentado. O cacto, a seca, o sertão, a honra, a violência, a coragem, a cangaços se transformam em elementos categorizados que fornecem caldo para formação de um simbolismo identitários mais do que isso, inseridos utilitariamente nos dias atuais, mas também refletidos em formas: de falar, de se comportar, de fazer juízos de valores, de trabalhar e tantos outros formatos sociais de relacionamentos (ARAÚJO SÁ, 2010).

Como fator de catalização de tal processo usamos o cangaço como categoria a ser expressa de diversas formas, mas em especial nesse ponto monumental, apontamos para uma oportunidade que conecte explicitamente passado e presente. Escolhemos a linguagem por ser essa categoria contundente, diária, explícita, exercida diariamente em todos os momentos de nossa vida a nos conectarmos ao mundo materializando-o. Neste ponto monumental evidenciaremos duas categorias de nossas seis possíveis e propostas inicialmente nesta pesquisa: *Personagens Principais e Linguagens e sentidos do cangaço*.

Neste ponto é fundamental ao professor de História tangenciar sobre a vida da filha e neta de *Lampião e Maria Bonita*, Expedita e Vera Ferreira. Em que contexto nasceu a filha? Seus desdobramentos de vida? A construção de sua imagem vinculada aos seus pais, mesmo com pouca convivência? A atuação da neta Vera Ferreira como pesquisadora e escritora sobre a vida dos pais e todo o cangaço? Como isso deriva às diversas formas de linguagem e expressões produzidas pelo cangaço, tangenciado na literatura regionalista que tem no movimento uma importante fonte inspiradora. Imergir o aluno(a) nas diversas formas dialetais produzidas pelo cangaço bem como estas estão a influir nos dias atuais na construção linguística erudita e popular é oportunidade única ao professor de História.

Este ponto monumentalizado abrirá portas de aprofundamento de alguns personagens importante do cangaço ou na realidade de descendentes diretos destes, mas sobretudo possibilitará para aqueles que o acessar entender o universo específico da linguagem cangaceira e como esta é matriz importante para códigos linguísticos no sertão do Brasil.

Após esse longo percurso composto de cinco pontos monumentalizados dispostos em sete estados (PE, BA, CE, RN, AL, SE) e sete cidades (Serra Talhada, Paulo Afonso, Crato, Mossoró, Poço Redondo, Piranhas e Aracaju) compartimentados em até seis categorias, cabe ao ineditismo deste artefato pedagógico uma possibilidade única no ensino de História proporcionando aos alunos(as), professores(as) e todos aqueles que o acessar um conjunto reflexivo complexo tendo o movimento do cangaço e sua memória coletiva como janela para

um conhecimento profundo, sensível e transformador sob o ponto de vista do artefato em si e daquilo proposto como pedagógico.

Este artefato pedagógico se coloca claramente como uma possibilidade didático pedagógica ao ensino de História, mas sobretudo a todos aqueles que se interessam pelo tema. Uma ferramenta dinâmica, prática, estilizada e objetiva que se faz constituir em torno do tema do cangaço.

Propor e produzi-lo foi gratificante, mas ao mesmo tempo desafiador, me arrisco a dizer o maior de todos ao longo desta pesquisa, já estamos no último capítulo desta longa jornada e pesquisa em formato de dissertação de mestrado. Contudo, para além daquele que os lerão e serão tocados de alguma forma, não sou mais o mesmo depois desta longa jornada, em especial da produção deste capítulo.

Uma viagem que não foi só reflexiva, metodológica, didática ou acadêmica, mas cognitiva, ir a todos esses pontos como forma de inspiração foi para mim perceber que faltava muitos pedaços em minha construção diária como indivíduo e como professor de História. É tergiversar o modo automático com que mobilizava o conteúdo do cangaço até ali e tantos outros conteúdos. Dei-me essa oportunidade de me reconstruir como profissional e o fruto desse processo foi este artefato pedagógico que se bem nutrido, renderá outras conexões importantes não só para a compreensão do cangaço, mas para o ensino de História e a educação como um todo.

Portanto, *Pelos caminhos do cangaço* representa não só para mim um fruto, mas também um símbolo de reconstrução identitária, ideológica, metodologia e profissional. Uma construção rica em detalhes só percebidos ao final, pois ao longo de sua feitura não havia tempo nem percepção para tal.

O cangaço é para mim agora um claro elemento construtor de minha personalidade enquanto sertanejo e nordestino. Ser professor de História foi uma decisão tomada ainda enquanto pré-adolescente, por volta dos 13 anos de idade quando de uma aula marcante de História sobre Independência do Brasil ainda na 6ª série do antigo Ensino Fundamental II, nos idos de 1995. Uma aula e professora que guardo até hoje em minha memória individual como elemento importante de minha constituição enquanto pessoa e profissional. O softmaps *Pelos caminhos do cangaço* une essas duas categorias em mim: Cangaço e Ensino de História, sob uma estética leve e prática, reflexo de traços de minha própria personalidade que também prezam por praticidade e beleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida é como tijolos que são justapostos uns sobre os outros que em conjunto formam uma parede ou pilar que sustentam partes que formam um todo em completa sinergia mecânica e estruturalmente. Aos tijolos comparo cada aula e decisão tomada no ambiente cotidiano de sala de aula e no todo do ambiente escolar; às paredes comparo aos caminhos tomados ao longo de mais de duas décadas de exercício da docência em diversos níveis e modalidades de ensinamentos e aqui incluo o período de formação acadêmica; à estrutura associo à decisão de me refundar e reconstruir enquanto pessoa e profissional. Meia vida dedicada a contribuir para que crianças e adolescentes se desenvolvam em suas mais diversas formas e facetas de seres humanos. Ao componente de História um evidente instrumento transformador de vidas não só de terceiros, mas sobretudo da minha também, a qual este ofício ainda ocupou e ocupa quase metade de toda minha vida de completos 39 anos de idade. Sou um indivíduo indissociável da minha profissão, o professor “Richardy” é parte integrante do indivíduo “Richardy” e vice e versa, duas facetas de uma mesma pessoa que ora se confundem nas disputas internas e externas no e do cotidiano de vivências e experiências que ressignificam a mim, a outros e a vários contextos através da educação.

Por ter iniciado tão cedo e ao mesmo tempo vivido tão rapidamente uma ascensão na carreira e vir a ocupar diversas salas de aulas em diferentes níveis de ensino tão jovem e recém-formado, as circunstâncias me fez também precocemente cansar e se esgotar da rotina extenuante de lidar com diversas situações precárias ao longo do ensino e exercício profissional. Os limites emocionais e psicológicos de uma carreira que poderia ser breve ou quem sabe se desviar para outra área ou campo de atuação, me fizeram refletir e tentar encontrar uma saída para uma refundamentação profissional que soasse incisivamente também em minha vida pessoal, pois ambos são conjugações implícitas e explícitas insuperáveis nas construções diárias e de personalidade que habitavam em mim.

Retornar à academia 15 anos depois de tê-la deixado, foi uma surpresa e ao mesmo tempo um desafio extremamente arduo para ambos os “Richardys”. Ir a outro estado, no caso do Pará, sem marco referencial algum, deixar a família com filhas pequenas e se aventurar em terras ao Norte do país era sem dúvida mais que apenas uma titulação de mestre, mas uma construção/reconstrução de tudo que até então estava implicitamente em mim enquanto composição subjetiva e objetiva de ser um ser humano e conseqüentemente um profissional a ocupar uma função tão sensível. Resignificar aquilo já resignificado ao longo de todos esse tempo foi tarefa primeira nesta empreitada que se finda neste momento desta pesquisa.

Contudo, a ida e inserção em uma cultura vivamente diferente da minha, habituada no interior do sertão do Brasil até então, não me fazia apenas um matuto morando sozinho como estudante em um grande centro urbano na região norte do país, mas me inquietava por perceber o quanto que somos multiculturais mesmo estando sob um mesmo estado, país e nacionalidade. A cultura paraense e seu povo me apontam vertiginosamente enredos de um professor/sertanejo que precisava inicialmente entender a si mesmo para entender o outro ou qualquer outra forma de manifesta cultura.

As reflexões empíricas e sistemáticas no convívio dentro e fora da academia com professores, colegas e grandes amigos de turma conquistados valiosamente ao longo de um ano de estadia, me instigaram a questionar minha própria composição enquanto nordestino que se defrontava com tudo aquilo de novo acerca da cultura norte-paraense. Precisaria de um fio condutor para desencadear todo esse processo de altíssima complexidade que envolve: reflexão, cognição, senso crítico e uma fina sensibilidade de perceber no meu íntimo, elementos de minha composição enquanto pessoa e profissional.

Por ter sido educado em uma sociedade e família tradicionalmente machista e patriarcal no interior do semiárido piauiense, são visíveis estes traços em minha personalidade que durante anos os refutava, porém, ao mesmo tempo consciente dos efeitos enquanto ser cultural, associado a isso uma explícita simpatia ao tema do cangaço que se confundia, percebido apenas depois, com afinidades ligadas aos traços de personalidades machistas de uma sociedade patriarcal da primeira metade do século XX.

Está disparado o enredo para construção de uma problematização que me mobiliza até este *sprint* final nesta pesquisa. Como traços de minha personalidade machista se revelam e se conectam a elementos à minha volta tendo a memória do cangaço como fator desencadeante e por conseguintes refletidos nos saberes experienciais enquanto professor de História?

Indagação primeira que se desenvolveu para uma construção madura de pesquisa que envolve campos e categorias do ensino de História, cangaço e saberes experienciais. Do íntimo para o externo, do pessoal para o profissional, do sertão para o norte, uma problematização de pesquisa construindo-se sob um lugar de fronteira bastante fértil e inédito não só para mim, mas quanto para aqueles que o leram.

O cangaço enquanto movimento social se configurou como elemento constitutivo na primeira metade do século XX em sete estados localizados no nordeste do Brasil sob forma de violentas e criminosas ações de bando armados. Contudo, para além do movimento verificamos, e aqui não estamos a “inventar a roda”, pois os estudos sobre o cangaço remontam a pelo menos 100 anos, verificamos um movimento se transfigurando gradativamente como

elemento e categoria da memória coletiva de um dado povo e região do país. O cangaço enquanto movimento social e o cangaço enquanto memória coletiva, uma relação profícua para ambos e sobretudo para mim enquanto pesquisador, mas também alguém que está a se reconstruir enquanto pessoa e profissional num momento de reordenação de vida.

As diversas ressignificações da memória do cangaço deixaram para trás o movimento em si e durante décadas diversos pesquisadores em suas mais variadas correntes interpretativas e metodologias deram sentidos as múltiplas formas a que o cangaço vem se estabelecendo e se manifestando na sociedade como um todo. Não seria diferente em mim, no ensino de História e nos alunos(as) que também não estão alheios a todos esse processo até aqui ensejado.

Para tanto, necessitaria novamente de outro decisivo e último gatilho de disparo para instrumentalização destas três categorias anteriormente elencadas e fundantes (ensino de História, cangaço e saberes experienciais) para avançar ora na construção desta pesquisa. Eis que percebo em diversas ocasiões e turmas uma estranha curiosidade quando da mobilização do conteúdo do cangaço em sala de aula especialmente em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais e 2º ano do Ensino Médio e que mais ainda, para além de alunos(as), professores(as) também estavam a despertar certa curiosidade e a também refletir de alguma forma elementos da memória coletiva do cangaço em seus cotidianos. Xequê mate para o problema de pesquisa! Como a memória do cangaço se introjeta nos saberes experienciais de alunos(as) e professores(as) quando de sua mobilização em sala de aula na forma de conteúdo através do ensino de História?

Para o desabrochar de tal problemática se fez necessário pavimentar um caminho sólido quanto à diferenciação do que é o movimento e do que é a memória em torno do cangaço, estes imbuídos de alguma forma nos cotidianos e na relação de lembrar e esquecer de cada indivíduo. Ir à literatura que ataca ao desvendamento dos conceitos de memória coletiva e entendê-la como campo e categoria basilar para construir tal pesquisa é elemento fundante. Memória como processo intrínseco de lembrar e esquecer que se constitui do individual para o coletivo a incidir diretamente na construção de imaginários e coletivos de um dado grupo, e que estão a sofrer diversas mutações de fatores externos e internos a dá ressignificados constantes a determinados elementos como é o caso especificamente do cangaço aqui objeto de analisado (LOWENTHAL, 1998).

Envolver docentes e discentes numa mesma pesquisa não parece ser uma tarefa fácil, ainda mais para um recorte de pesquisa de mestrado, porém se faz necessário ampliar os horizontes o máximo possível para abarcar os diversos saberes experienciais manifestos no ambiente escolar e mais especificamente em sala de aula. Dar paridade a essas duas categorias

passa por iniciarmos e introduzir o cangaço à BNCC, na realidade ensinamos o tema do cangaço ao principal documento normativo do país, recentemente aprovado, para nos fornecer uma base teórica e sobretudo pragmática sobre a educação.

Pudemos perceber que este documento normativo, apesar de suas incongruências, o que não é objetivo deste trabalho apontá-las e/ou examiná-las, se apresenta em seus três níveis de competências farto horizonte de encaixe com o conteúdo do cangaço. Que apesar de seu forte alinhamento à uma filosofia de educação tecnicista e às grandes sistemáticas avaliativas, a BNCC, pode e deve ser subvertida através de conteúdos e pelo professor em sala de aula. O conteúdo do cangaço quando de sua mobilização em sala de aula pelo professor de História tem no seu exercício diário de construir alternativas para driblar determinadas amarras do sistema se configurando em oportunidade ímpar para tanto para um (professor) como para o outro (aluno). Cangaço é conteúdo que reverbera oportunidades de subversão não só da realidade, mas também ora nos documentos normativos “conservador”.

Para além da ida à dimensão normativa ir ao chão da escola, empreender sobre os universos práticos e empíricos que particularizam alunos(as) e professores(as) se fez decisão acertada quando da condução e escrita do primeiro capítulo, o maior e mais audacioso de todos. Realizar e aplicar questionários para dois professores(as) nas 27 unidades federativas do Brasil como forma de recolha de dados para verificação de como se dá a mobilização do conteúdo do cangaço nas diversas regiões do país e suas nuances, foi tarefa desafiadora, porém acertada para dimensionar universos macro e micro do ensino de História. Espelhar o cangaço em suas diversas possibilidades levando em consideração os variados contextos que envolvem os professores(as) foi sem dúvida reconhecer a dinamicidade e ao mesmo tempo a alta complexidade que se faz as construções subjetivas desta profissão. Mobilizar determinados conteúdos em sala de aula é também mexer com uma parte sua, do seu eu: violência, gênero, seca, literatura, música, subversão, são muitas as possibilidades subjetivas que podem compor os saberes experienciais de cada professor(a).

A pesquisa pôde nos mostrar e confirmar o quanto que o cangaço é multifacetado também enquanto conteúdo a ser trabalho em sala de aula. Professores(as) de diversos estados que através do conteúdo do cangaço tangenciavam variados temas em sala de aula como: gênero, guerras, direitos humanos, relações de poderes e principalmente violência. Esta última categoria se viu por toda a pesquisa e em suas diversas dimensões numa perenidade interrelacional entre causa e efeito. O tema do cangaço está para o tema da violência em suas diversas facetas, seja quando da mobilização do professor(a) em sala de aula seja para o aluno(a) quando de suas ressignificações através de suas nuances do cotidiano. Tanto em um

como em outro foram verificadas e apontadas nesta pesquisa uma forte e evidente de contexto e conveniências. A violência como vetor para professores(as) e alunos(as) se transformando em elemento desencadeador de memórias revertidas a saberes experienciais em vias de mão dupla.

Ainda sobre as diversas nuances da memória do cangaço, bem como suas ressignificações ao longo de várias décadas, apontamos diversos objetos culturais que vão se justapondo como camadas de um cangaço que se retroalimenta a serem construídos em formato de memória coletiva complexamente subjetivas, objetivas, mas acima de tudo empíricas. São filmes, novelas, músicas, vestimentas, livros, danças, HQs e tantos outros objetos culturais que manifestam um cangaço multiculturalista a se materializar em fluxos identitários através de lugares monumentais que ora se transformam segundo conveniência de seus entornos e daqueles que o mobilizam.

As similaridades do cangaço e suas nuances em tudo tem a ver com minhas inquietações iniciais anteriormente mencionadas no início deste tópico. Entender-me enquanto pessoa/professor através de aspectos e traços de minha personalidade, ora machista numa zona de fronteira, era também entender, de forma macro dimensional, as diversas construções mnemônicas do cangaço sertão adentro.

Contudo, não estamos a refletir ou ter-me como objeto de estudo, mas sim compreender as diversas ressignificações do cangaço nos espaços escolares através dos saberes experienciais. E foi isso que fizemos na menor das dimensões na segunda parte desta pesquisa. Ir ao microuniverso de uma sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, experimentar e experienciar dois específicos objetos culturais da memória do cangaço e analisar seus impactos didáticos, pedagógicos, culturais e mnemônicos. Pôde nos infringir não só os espaços de comodidade ora dispostos naquela pequena escola e turma, mas oferecer um olhar mais próximo da realidade que essa pesquisa pôde oferecer e chegar.

Vê nos alunos a mobilização do tema do cangaço através da pedagogia de projetos reverberando-se ao seu cotidiano em formato de símbolos como chapéus, danças, armas, músicas e algumas interações sociais. Foi a concretude empírica daquilo analisado subjetivamente na primeira parte da pesquisa na dimensão normativa e no espelhamento do conteúdo do cangaço no Brasil.

Coube também a esta pesquisa, por se fazer exigência devido ao formato do programa, um mestrado profissional, propor e construir um artefato pedagógico que se fizesse viável, maduro, consistente e pedagogicamente assertivo quanto à memória do cangaço e seus diversos lugares de memória e ressignificações. Coube ao softmaps *Pelos caminhos do cangaço*

apresentar seis pontos monumentais compartimentados em até seis categorias distribuídos em seis estados no nordeste do Brasil. O mesmo nos apresenta e ao mesmo tempo nos confirma o quanto que o cangaço se retroalimenta de si mesmo como que numa lógica de algo com vida própria. São lugares monumentalizados que carregam diversos elementos e categorias que se amalgamam ao contexto e todos à sua volta. Locais com dinâmicas e processos próprios que vão desde a subjetividade libertária elitizada em Mossoró (RN), passando pelo intimismo da família de *Maria Bonita* em Paulo Afonso, às construções estéticas fotográficas no Ceará, às simbologias literárias e sociolinguísticas da literatura regional, e por fim às concepções subjetivas de violência e religiosidade em Poço Redondo (SE) e Piranhas (AL).

Um cangaço que escamoteia elementos da realidade de diversos contextos fazendo-se incidir nas dimensões mais macro e micro dos indivíduos. Um cangaço como componente vivo, latente a está como líquido a ser bebido por todos como a água que necessitamos para hidratar o corpo.

A mim, não coube escolher este problema e tema de pesquisa, mas sim ser escolhido por ele. O cangaço é também elemento constitutivo de minhas duas partes, pessoal e profissional, a ser manifesto na forma de falar, ser e compreender o mundo. Esta pesquisa não foi apenas uma empreitada em busca de um título em terras norte-paraenses, mas também um autoconhecimento, um garimpar do meu eu, uma escavação do meu íntimo que teve o cangaço como vestígios que surgiram como elementos que necessitavam ser compreendidos e se fazer lógicos num contexto de aparente cansaço e fadigamento intelectual e profissional.

O cangaço como elemento propulsor de um novo reordenamento de vida e de carreira, mas também um elemento reordenador de contextos socioculturais. Dimensões pessoais e sociais que me acertam no peito como em determinados locais que o cangaço se estabelece definitivamente como nos pontos monumentais propostos no softmaps. Um campo e tema que para além desta pesquisa ainda continuará a se fazer perenemente ressignificar e ressignificando vidas, monumentos e contextos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo. Maceió: Edições Catavento, 2013.
- _____. **Nos destinos de fronteira**: História, espaços e identidade regional. Recife: Edições Bagaço, 2008.
- _____. **Feira dos Mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920 - 1950). São Paulo: Intermeios, 2013.
- _____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Maíra Zimmermann de. **Rebeldia pronta para o consumo**: a construção da cultura juvenil no Brasil dos anos 1950-60. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 292. 2016.
- AQUINO, R. S. L. et al; **Sociedade brasileira**: uma história através dos movimentos sociais da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando. **O cangaço nas batalhas da memória**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2011.
- ARAÚJO, Cilmar Ledo de; TEIXEIRA, Fábio dos Santos. **A BNCC e os novos desafios para o ensino de História**: vivências no colégio modelo Luís Eduardo Magalhães. Disponível em: https://www.perspectivas2020.abeh.org.br/resources/anais/19/epoh2020/1606784099_ARQUIVO_52abf36a743e4692673040cb3d14d75c.pdf. Acessado em 28/22/2022.
- AZEVEDO, A. C. do A. **Dicionário de nomes e conceitos históricos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARBIER, J. M. **Elaboração de projetos de ação e planificação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. **Cangaço e Memória**. Educação Em Debate, Fortaleza, ano 21, n. 37, 1999, p. 26-31. Massangana; São Paulo: Cortez.
- _____. Cangaço - violência no sertão do Nordeste. **Ponta de Lança**. v. 12, n. 22, jan.-jun. 2018.
- _____. Antropologia da honra: uma análise das guerras sertanejas. Antropologia da honra: uma análise das guerras sertanejas. **Revista de Ciências Sociais**, v. 29, n. 1/2, 1998, p. 160-168, 2001.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017.
- BRITTO, Clovis Carvalho. Revisitando uma “coleção de cabeças”: notas sobre a musealização de restos mortais do cangaço. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 95-112, jan./jun., 2018.
- BONFIM, Luciano. **Da cabeça aos pés: a estética do cangaço**. Sobra: Sertão Cult, 2021.
- CAIMI, Flávia Eloisa. História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende? In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **A escrita da história**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 65-79.
- CALDAS, Pedro Spinola Pereira. A arquitetura da teoria: o complemento da trilogia de Jörn Rüsen. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 5, ano V, n. 1, Janeiro/Fevereiro/Março 2018.
- CALIL, Gilberto. Uma história para o conformismo e exaltação patriótica: crítica à proposta de BNCC/História. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 39-46, jul./dez. 2015.

- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHADLER, Billy Jaynes. **Lampião, rei dos cangaceiros**. 4ª ed. Tradução: Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- CLEMENTE, Marcos Edilson de. **Lampião acesos: O cangaço na memória coletiva**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teiveira, 2009.
- COSTA, Ana Paula Rodrigues. Geografia do cangaço: concepções conceituais para pensar o banditismo sertanejo. **Revista do Departamento de Geografia**. Universidade de São Paulo, volume 41 (2021).
- CUESTA, Virginia. Una mirada a las prácticas de enseñanza de la historia desde el enfoque narrativo. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 169–181, 2009.
- DUARTE, D. D S. **Da lei do couro à lei do rifle: a violência do cangaço no imaginário do sertanejo nordestino (1922-1938)**. 2013. 70 f. Monografia (História) - Universidade do Tuiuti do Paraná, Paraná.
- DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas Trilhas do Rei do Cangaço e de suas Representações (1922-1927)**. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- FACÓ, R. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1963.
- FEIXA, Carles e PORZIO, Laura. Los estudios sobre culturas juveniles en Espana (1960-2003). **Revista de Estudios de Juventud**, n. 64, p. 9-28, 2004.
- FERREIRA NETO, Cicinato. **A misteriosa vida de Lampião**. Fortaleza, CE: Premium, 2010.
- FONSECA, Selva Guimarães. Fazer e ensinar História. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.
- _____. FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. 13 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012 [Cap. 2 – Histórias nos guias curriculares – anos 70, p. 51-86; Cap. 3 – Em busca de outras histórias: duas propostas dos anos 80, p. 87-112].
- FREITAS, Neli Klix. Representação, simulação, simulacro e imagem na sociedade contemporânea. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, abril/junho. 2013.
- FRONZA, Marcelo. As histórias em quadrinhos e a ditadura militar brasileira: a triangulação metodológica como critério investigativo das ideias históricas de jovens brasileiros. **Educar em revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 74, p. 69-82, mar./abr. 2019.
- GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**. nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.
- GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GONTIJO, Rebeca. Sobre cultura histórica e os usos do passado: a independência do Brasil em questão. **Almanack**. Guarulhos, n. 08, p. 44-53, 2014.
- GUERRA, Paulo; QUINTELA, Pedro. Cultura urbana e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, jan/jun, 2016, p. 193-217.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e realidade**, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez, 1997.
- HOBSBAWN E. J. **Bandidos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1969.
- KOSELLECK, Reinhart. “Representação, evento e estrutura.” In: _____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.pp. 133-145.

_____. “‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativas’: duas categorias históricas. In: _____. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. pp. 305-327.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov. 1998, p. 63-97.

MACHADO, Elizabeth de Souza. A cartografia na era da informação: infocartografia. **Revista GEOUSP**. São Paulo, Nº 6, 1999, p. 43-48.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e educação**: Conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. 3ª Ed. São Paulo: A Girafa, 2004.

_____. **Estrelas de Couro**: A estética do cangaço. 3ª Ed. São Paulo: Escrituras, 2015.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan./abr., 2011.

MONZANI, Josette; LIMA, Daniela Ramos de. A memória do cangaço em desdobramentos na narrativa vídeo-cinematográfica. **III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional ‘Discurso, identidade e Sociedade’**. 1ed. Campinas, SP. Em: IEL/UNICAMP. 2012. v. 1, p. 1-15.

NOIRET, Serge. História pública digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28

O CABRA. Salvador: Papel A2 Texto & Arte, 2010.

OLIVEIRA, Sandra, Regina Ferreira de; CAIMI, Flávia Eloisa. Vitória da tradição ou resistência da inovação: o Ensino de História entre a BNCC, o PNLD e a Escola. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77041, 2021.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempos e Argumentos**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77056, 01-19, 2021.

RAMOS FILHOS, Vagner Silva. “**Século virgulino**”: o cangaço nas (con)fusões da memória entre comemorações de Lampião no tempo presente. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. p. 238. 2016.

_____. “Da praça pública ao palácio”: a atuação da imprensa cearense na cultura da memória do cangaço (1982-1995). **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 20, n. 42, p. 68-104, jan./abr. 2019.

_____. Tombamento da Gruta de Angico: disputas da memória do cangaço no sertão nordestino. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n.36. p.260-284, Jul-Dez, 2018.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O direito à memória no ensino de história. **Trajeto - Revista de História** da UFC, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 1-13, 2009.

RIBEIRO, Vinicius Ferreira. **A historiografia do cangaço revisitada**: três matrizes interpretativas. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós Graduação em História, Universidade Estadual do Goiás, Morrinhos, p. 258. 2021.

- ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; CINTRA, Rafael. Aproximação etnográfica da escola: entrada furtiva em um pomar ou mergulho em significados partilhados? *In*: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (Orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021. p. 183-202.
- ROMANO, Eliane P. **O trabalho com projetos**: significados e práticas. Campinas: Komedi, 2007.
- RÜSEN, Jörn. Tarefa e função de uma Teoria da História.” *In*: _____. **Razão Histórica: Teoria da história**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001. p. 11-51.
- _____. “Sistemática - Estruturas e funções das teorias.” *In*: _____. **Reconstrução do passado: Teoria da História II**: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UnB, 2007 p. 23-100.
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004. cps. 1 à 3.
- SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. Cinema e historiografia: trajetória de um objeto historiográfico (1971-2010). **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 8, abr., 2012, p. 151-173.
- SANTOS, Robério. **77.15.32**. Itabaiana: Info Graphics, 2023.
- SOUZA, João Vítor Caldas de. **O que dizem os documentos curriculares PCN's e BNCC sobre o ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Pernambuco. Recife, p. 225. 2022.
- TAMANINI, Paulo Augusto; COSTA, Jonathan Diogenes. As histórias em quadrinhos (HQs) e o ensino de história: Canudos entre textos e imagens. **Rev. HISTEDBR On-line**, Campinas, v.20, p. 1-25, 2020.
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.
- XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.
- ZIMMERMANN, Maíra. **Cultura juvenil: reflexões sobre os termos subcultura e contracultura**. **13º Colóquio de moda**, UNESP, Bauru, 2017.

APÊNDICE A – DIÁRIO DE CAMPO DE PESQUISA ETNOGRÁFICA

INFORMAÇÕES BÁSICAS	
DATA	14/03/2023
COLÉGIO	E. M. Antônio Marques
DOCENTE TITULAR	Samairko Silva de Oliveira Alves
TURMA/ANO	9º ano Fundamental Maior
Nº ESTUDANTES	10
HORÁRIO	13:10/14:50
ESTRATÉGIA Aula expositiva e dialogada com linguagem acessível aos alunos inserindo-os em alguns momentos no universo próximo e real vivido.	
RECURSO Pincel, quadro, livro didático.	
DIDÁTICA O professor copiou resumos no quadro com contrastes de cores dando ênfases a conceitos fundamentais do conteúdo do dia (República Velha), dando um tempo aos alunos para copiar. Fez uma breve conexão com o conteúdo da aula passada (República da Espada). Em seguida iniciou a exposição/explicação dos tópicos ora copiados, usou linguagem fácil e acessível em alguns momentos indo até a realidade dos alunos (Voto de cabresto, venda de voto, corrupção eleitoral, arreios de cavalos). Ao longo da explicação o professor complementava o roteiro de estudo no quadro sempre alertando aos alunos para copiar. O professor segue uma lógica de explicação do local para o geral, falando inicialmente da força dos coronéis para em seguida falar da política nacional dos governadores. A segunda parte da aula o professor inicia um momento de exposição técnica com números e avanços da industrialização, porém em seguida se reaproxima do aluno quando irá falar sobre mão de obra barata nas indústrias. Professor usou um pequeno esquema/resumo para ilustrar o tema da política dos governadores.	
ANÁLISE/INTERPRETAÇÃO/OBSERVAÇÕES Alunos não sentiram muito minha presença Meninas dominam a situação, meninos mais calados. Turma predominantemente de negros e pardos, nenhum branco Turma e professor muito preocupados ao roteiro do escrito no quadro (cópia que vai cair na prova!)	
OBJETIVO Exposição e reflexão dos principais pontos acerca do conteúdo: Coronelismo, clientelismo, oligarquias estatuais, voto de cabresto, domínio de São Paulo e Minas Gerais, política dos governadores	

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO ALUNO(A) 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS



PROF. HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA



1ª) Como você vê/entende o cangaço?

Vê-lo como um grupo de pessoas que anda por vários lugares, em alguns lugares as pessoas gostam dele e em outros como bandido, em outros lugares as pessoas não gostam dele e em outros como bandidos

2ª) Qual(ais) elemento(s) do cangaço mais te chama a atenção?

As roupas e as armas

3ª) Você associa o cangaço a alguma coisa nos dias atuais? Qual(ais)?

Não vejo nada sobre isso

4ª) O que você achou da história de "O cabra"? Justifique!

Eu achei bem interessante, gostei muito, pois conta que ele gostava muito de uma mulher, e ela não gostava dele, e de quis vingança, ele via bem a luta

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA -
 PROFHISTÓRIA
 PROFESSOR ORIENTADOR: Dr. WESLEY GARCIA RIBEIRO SILVA
 ORIENTANDO: RICHARDY LEAL OLIVEIRA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

O cangaço se configurou como um movimento social nos finais do século XIX e início do XX no Nordeste do Brasil, este marcada por uma infinidade de contradições sociais, políticas e econômicas. Ao professor de História da Educação Básica, cabe a tarefa de discutir em sala de aula tais aspectos e seus temas tangenciais.

MAPEAMENTO DOCENTE

1 - Qual gênero você se identifica?

Masculino Feminino Outros

2 - Qual Rede Educacional você é docente?

Privada Pública municipal Pública estadual Pública federal

3 – Em que Estado você é docente?

4 - Qual instituição foi realizada seu curso de formação em História?

5 – Qual nível de qualificação?

Graduação Especialista Mestre Doutor

6 - Quanto tempo já leciona na Educação Básica?

7 - Qual(ais) segmento(s) da Educação Básica você ministra aula?

Ensino Infantil Ensino Fundamental Ensino Médio EJA

MAPEAMENTO DO CONTEUDO TEMÁTICO SOBRE VIOLÊNCIA

8 - Como lhe é ou foi apresentado o tema da violência?

- Não formação acadêmica/profissional.
 Por iniciativa própria.
 Por necessidade de entender do tema.
 Não tenho interesse e nem necessidade.

9 - Como o tema da violência surge nas suas aulas?

- A partir dos estudantes
 Sua própria iniciativa
 O tema da violência nunca foi mobilizado em sala de aula.

10 - Você relaciona o tema da violência com alguma temporalidade, experiência histórica ou conteúdo específico?

Sim Não relaciono a nada.

10.1. - Se sim, qual(ais)? _____

MAPEAMENTO DO RECORTE TEMPORAL

11 - No conteúdo de Primeira República qual(ais) temática(s) é(são) mobilizada(s)?

- Proclamação da república
 Golpe militar
 Governos
 Aspectos econômicos
 Aspectos culturais
 Aspectos políticos
 Movimentos sociais, motins e/ou revoltas
 Outros _____

MAPEAMENTO DO CONTEÚDO SOBRE O CANGAÇO

12 - Qual nível de interesse o tema do cangaço desperta em você?

- Nenhum Pouco Moderado Alto

13 – Qual nível de interesse o tema do cangaço desperta nos alunos?

- Nenhum Pouco Moderado Alto

14 - De que forma(s) teve contato com a temática do cangaço?

- Na formação profissional/acadêmica
 Jornais, revistas e/ou livros
 Televisão
 Internet
 Eventos temáticos
 Museus e/ou espaços culturais

15 – No conteúdo de Primeira República você discute com os seus alunos sobre o movimento social do cangaço?

- Sim Não

15.1. – Se não, quais os motivos?

- Não há necessidade. Não há tempo. Não está no livro.
 Outros: _____

15.2. – Se sim, qual(ais) o(s) motivo(s) que o leva a discutir o cangaço em sala?

- Apenas sigo o que está no livro e/ou recurso didático.
 Acho importante para entender o período da Primeira República.
 Se faz necessário para entender a sociedade Nordestina.
 Se faz necessário para entender a história do Brasil
 Outros: _____

MAPEAMENTO DO CANGAÇO E OS RECURSOS DIDÁTICOS

16 – O livro e/ou recurso didático que você usa, aborda o conteúdo do cangaço?

- Sim Não Não tenho livro e/ou recurso didático

16.1.– Se sim, é satisfatório?

() Sim () Não

17 - Você utiliza outro recurso didático para mobilizar o conteúdo do cangaço?

() Sim () Não

17.1. - Se sim, Qual(ais)? _____

MAPEAMENTO CONCEITUAL E DE PRÁTICA DE ENSINO DO CANGAÇO

18 – Como você aborda o conteúdo do cangaço em sala de aula?

() Seguindo o que está no livro e/ou recurso didático.

() Exponho ideias resumidas sobre o cangaço.

() Discuto outros temas transversais ao cangaço. Quais? _____

19 – Você já discutiu sobre outros temas usando o cangaço como possibilidades reflexivas?

() Sim () Não

19.1. – Se sim, quais? _____

20 – Você já trabalhou o cangaço em formato de projeto na escola que você leciona ou lecionou?

() Sim () Não () Estou aberto a possibilidades

20.1.- Se sim descreva-o: _____

21 – Você acha que o cangaço é um conteúdo relevante para discutir outros tema?

() Sim () Não () Não sei

21.1. - Quais outros temas? _____

22 - O conteúdo do cangaço seria uma oportunidade para abordar a violência?

() Sim () Não

22.1. - Se sim, como? _____

APÊNDICE D – LISTA DE CONTATO DE TODOS OS PROFESSORES DE HISTÓRIA RESPONDENTES DA PESQUISA¹⁵²

Nº	NOME	ESTADO	CONTATO	SITUAÇÃO
NORDESTE				
01	Germana Nayara Lopes Lima	CE		OK
02	Matheus	CE		OK
03	Clayton	RN		OK
04	Sevemar Barbosa	RN		OK
05	Maria do Socorro F. P. de França	PB		OK
06	Monique Leandro da Silva	PB		OK
07	Cristiano	BA		OK
08	Mayra Paniago	BA		OK
09	Artur Vitor	BA		OK
10	Francisco João A. Sobral	PE		OK
11	Sheyla Maria de Oliveira	PE		OK
12	Devidson Moura Chagas	PI		OK
13	Ana Paula	PI		OK
14	Adroaldo	MA		OK
15	Ana Maria	MA		OK
16	Marcus Vinicius	MA		OK
17	Adriano Alex	AL		OK
18	Marileide Melo	AL		OK
19	Júlio Cesar	SE		OK
20		SE		
SUDESTE				
01	Selma Maria Ferreira	RO		OK
02	Hudson Araújo	RO		OK
03	Jkason Hansen	RR		OK
04	Hsteffany	RR		OK
05	Janaína Souza	AC		OK
06	Higor	AC		OK
07	Thamires Santos	TO		OK
08	Jhonny	TO		OK
09	Bruno	TO		OK
10	Duarte Guerra	AP		OK
11	Adriano Cordeiro Ferreira	AP		OK
12	Claúdia Pinheiro	AM		OK
13	Thiago Bezerra	AM		OK
14	Lidiane	PA		OK
15	Márcio	PA		OK
SUL				
01	Cristiano Rocha Soares	MT		OK
02	??????????????/	MT		OK
03	Wylliane Santana	MT		OK
04	Milton	GO		OK
05	Anísio Filho	GO		OK

¹⁵² Para efeito de sigilo ocultamos os números de contatos na coluna que se apresenta vazia.

06	Técia	DF		OK
07	Roberta	DF		OK
08	Joelma	MS		OK
09	Júnior	MS		OK
01	Pablo Vinicius	MG		OK
02	Luís Fernando Barbosa Rodrigues	MG		OK
03	Monique Magalhães Marins	RJ		OK
04	Roseneia T. de Oliveira	RJ		OK
05	Rubens	RJ		OK
06	William	SP		OK
07	Jéssica Carvalho	SP		OK
08	Higor	SP		OK
09	Ronilson V. Paulino	ES		OK
10	Rosimar Pires	ES		OK
01	Tiago Galinski da Silva	PR		
02	Fabício Ribeiro Peixoto	PR		OK
03	Valdinei Deretti	SC		OK
04	Chiara	SC		OK
05	Caroline Aguiar	RS		OK
06	Cadu	RS		OK

ANEXO A - GLOSSÁRIO DO CANGAÇO¹⁵³

Abancar: ficar	Canicular: ardente
Aboletada: alojada	Carioba: camisa de algodão
Afobado: ansioso	Catinga: mau cheiro
Agoireiro: supersticioso	Cativos: escravos
Algibeira: sacola	Ceda: dinheiro
Amofinar: mimar	Chafurdar: procurar
Apregatar: cair	Chanim: gato
Arrabalde: arredor	Coités: panela
Arrebol: pôr-do-sol	Colmo: palha comprida usada para cobrir cabanas
Arrepuná: sentir enjoo	Cola: cólera
Atroz: desumana	Cotó: sem uma perna
Badalo: festa	Croa: parte de cima da cabeça
Bangalô: casa	Derredor: ao redor
Biela: trabalhando no limite	Dicumê: de comer
Birita: cachaça	Dicunforça: com força
Bodejar: lamentar	Eguando: perambulando
Boicininga: cascavel	Empatar: impedir
Breado: sujo	Encabulado: envergonhado
Brochote: menino ou menina já grande	Espampanante: extravagante
B-Roll: lado B	Estralar: fritar
Bucho: barriga grande	Extirpar: arrancar pela raiz
Burrego: filhote de carneiro	Famélico: relativo a fome
Calangros: família de cangaceiros no Ceará	Farnel: mochila
Caritó: buraco na parede para guardar objetos	Freelancer: trabalhador independente
Caronte: barqueiro do livro A Divina Comédia, de Dante	Fuá: briga
Cafundó: lugar de difícil acesso	Fuampa: prostituta
Cambito: pernas finas	Gigolete: tiara
	Hecatombe: mortandade
	Imprial: parecido

¹⁵³ Glossário retirado da obra “77.15.32” de Robério Santos (2023)

Inanição: falta de comida no organismo

Jaci: Lua em Tupi

Juta: tipo de fibra têxtil

Langãe: carne de má qualidade

Magote: muito

Mamangava: tipo de inseto

Medõe: que causa medo

Marrano: judeus convertidos ao
catolicismo

Miolo de pote: mentira

Mojada: animal prenhe

Mucunã: planta comum no sertão

Natimorto: que nasceu morto

Necas: nada

Obrar: defecar

Pacaio: cigarro de palha

Parco: pouco

Parrudo: forte

Peba: ruim

Penura: pobreza

Pirilampos: vaga-lumes

Qualhada: leite azedo

Quedê: cadê

Rabdomante: homem que procura água
com uma vareta em
formato de Y

Reca: ruma

Rez: gado

Sol esfriou: pela tarde

Tamoatá: tipo de peixe

Teso: imóvel

Torrão: terreno

Tipoia: mochila

Trancoso: mentira

Ficar vitalino: não casar

Xerém: milho moído

Zéfini: é o fim